

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CAMILA AMBROSINI

**FACETAS DO VAMPIRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Florianópolis,

2015

CAMILA AMBROSINI

**FACETAS DO VAMPIRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, sob orientação da professora doutora Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira.

Florianópolis,

2015

Dedico este trabalho ao meu parceiro de e para todas as horas, Bruno Andrade, à minha família e a todos os pequenos e jovens leitores de literatura fantástica, em especial, do vampiro.

## AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer a muitas pessoas, importantes das mais variadas formas em minha vida. No entanto, em se tratando de minha jornada acadêmica, e do que me deu forças para chegar até aqui, algumas merecem um destaque especial, pois sem elas, talvez minha jornada no universo das Letras tivesse sido interrompido no meio do caminho, ou, ainda, quem sabe, nem tido um início sequer.

Agradeço, assim, primeiramente a Deus, a quem recorri em momentos de dúvida e de dificuldades, e quem, eu sei que esteve sempre aqui por mim e comigo, acompanhando cada passo meu, e alimentando minha fé no curso escolhido por mim ao prestar vestibular.

Meus pais, Francisco de Assis Ambrosini e Ana Cleusa Bardini Ambrosini, que me deram, muito mais que a vida: amor, educação, um lar, conselhos e inseriram-me no mundo dos livros, merecem com toda certeza, o meu muito obrigada.

— Pai e mãe, obrigada! Obrigada! Obrigada!

Agradeço também aos meus irmãos, Vítor Gabriel Ambrosini e Helena Ambrosini, que, ao longo de nossos anos de convivência, ensinaram-me o valor das verdadeiras amizades.

Ao meu marido, Bruno Andrade, cabe um agradecimento especial, afinal, esteve ao meu lado durante praticamente todo o período de graduação. Sua paciência e seu apoio foram muito importantes para mim. Mesmo que em boa parte do tempo não entendesse tantas horas perdidas — por mim — lendo livros gigantescos e produzindo trabalhos acadêmicos, serviu-me como suporte, tanto psicológico como espiritual. Meu amor, muito obrigada.

Minha família toda é muito especial para mim, visto ser composta por pessoas batalhadoras, guerreiras, que incentivam umas às outras, e que auxiliam-se quando alguém está prestes a desmoronar. Por isso, peço que todos saibam que, embora não tenha citado nomes, os amo muito e sou muito agradecida por tê-los em minha vida. Porém, há dois seres humanos maravilhosos que merecem destaque nesta seção: meus avós maternos, Judit Rosseti Bardini e Valentin Bardini (este, *in memoriam*). Sempre

muito sábios, minha vó e meu vô ensinaram-se com seus conhecimentos de mundo, coisas que muitos intelectuais jamais serão capazes de entender.

Agradeço também aos colegas de graduação e aos professores que me proporcionaram o contato com boa parte do que hoje sei a respeito do imenso e maravilhoso universo das Letras. Em especial, agradeço à Erika Costa Agnellino. Mais do que uma companheira de faculdade, tornou-se uma grande amiga, que até hoje compartilha comigo momentos de alegria, me aconselha — quando necessário; e divide comigo uma das profissões mais belas da humanidade: é professora.

Salma Ferraz, minha orientadora, professora e amiga, não poderia passar despercebida. Presente em toda a minha graduação, me ensinou muito sobre literatura, escrita e sobre a vida. Participou (e enriqueceu) inclusive, o período de minha licenciatura, na qual já sou habilitada. Cumpriu de forma plena, e sempre com muita humildade e humanidade, o verdadeiro papel que cabe ao professor: serviu-me como mestre. Orientou meus passos, enriqueceu meu horizonte de saberes, e, principalmente, deu-me liberdade para escolher os caminhos a serem seguidos em minha vida profissional.

A todos os que citei aqui, e aos que não nomeei também, mas que, de alguma forma contribuíram para me tornar quem hoje sou, reitero meus agradecimentos.

Muito obrigada!

"Agora estou esperando o lobo mau, os vampiros e bruxos, quem sabe a história muda e melhora as emoções, sem contar que de uns tempos pra cá estes personagens estão dando de dez a zero nos outros, é cada lobo, cada vampiro e cada bruxo que quem não vai querer ser mordida ou enfeitiçada por um deles?"

— Raquel Magno —

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar a caracterização e a função do personagem vampiro, pertencente ao tópico do fantástico, mais precisamente à Literatura Vampírica, no universo de alguns livros da Literatura Infantojuvenil. Para isso, foram expostos e estudados quatro livros de nacionalidades diferentes – três deles, traduzidos para a língua portuguesa: dois clássicos europeus, um alemão e o outro francês; e duas obras americanas: uma brasileira e a outra canadense. Seus títulos são, respectivamente: **O pequeno vampiro**, de Angela Sommer (2014); **O chupa-tinta**, de Éric Sanvoisin (2006); **O vampiro que descobriu o Brasil**, de Ivan Jaf (2013); **Minha irmã vampira: trocadas**, de Sienna Mercer (2010). Fez-se pertinente, também, contextualizar o morto-vivo sugador de sangue, assim como tratar, embora brevemente, do conceito de Literatura Infantojuvenil e Literatura Infantil como partes indistintas de uma mesma literatura, para, enfim, discorrer sobre o semi-vivo de caninos proeminentes no universo de alguns livros infantojuvenis.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Vampiro. Fantástico na literatura.

## ABSTRACT

This work Completion of course aimed to analyze the characterization and function the vampire character belonging to the fantastic topic, specifically the Literature Vampiric in the universe a few books Children and Youth Literature. For this, they were exposed and studied four books of different nationalities - three of them, translated into Portuguese: two European classics, a German and the other French; and two American works: a Brazilian and the other Canadian. Their titles are, respectively: **The Little Vampire** by Angela Sommer (2014); **The Ink Drinker**, Éric Sanvoisin (2006); **The vampire who discovered Brazil**, Ivan Jaf (2013); **My vampire sister: switched**, Sienna Mercer (2010). There was relevant also to contextualize the undead bloodsucker, as discussed, albeit briefly, the concept of Children and Youth Literature and Children's Literature as indistinct parts of the same literature, to finally discuss the semi-live prominent canines in the universe some infantojuvis books.

Keywords: Children and Youth Literature. Vampire. Fantastic literature.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. QUESTÕES TEÓRICAS GERAIS:	
NAVEGANDO PELAS ÁGUAS DE LITERATURA INFANTOJUVE- NIL/INFANTIL: QUE ÁGUAS SÃO ESSAS?.....	12
3. VAMPIRO: QUE SER É ESSE?.....	17
3.1. O VAMPIRO NA LITERATURA.....	19
3.2. DER VAMPIR, DE OSSENFELDER.....	21
3.3. O VAMPIRO, DE POLIDORI.....	23
3.4. A FAMÍLIA DO VURDALAK, DE ALEXEI TOLSTOI.....	24
3.5. CARMILLA, DE SHERIDAN LE FANU.....	25
3.6. DRÁCULA, DE BRAM STOKER.....	21
3.7. ENTREVISTA COM O VAMPIRO, DE ANNE RICE.....	29
3.8. CREPÚSCULO, DE STEPHENIE MEYER.....	32
4. O VAMPIRO NA LITERATURA INFANTIL.....	36
4.1. O PEQUENO VAMPIRO, DE ANGELA SOMMER.....	37
4.2. O CHUPA-TINTA, DE ÉRIC SANVOISIN.....	41
4.3. O VAMPIRO QUE DESCOBRIU O BRASIL, DE IVAN JAF.....	45
4.4. MINHA IRMÃ VAMPIRA: TROCADAS, DE SIENNA MER- CER.....	50
4.5. AS FACETAS DO VAMPIRO NA LITERATURA INFANTIL VARIAM MUITO?.....	53
4.6. DRACULaura: UMA GAROTA-VAMPIRA NA HIPERMÍDIA.....	55
5. À GUISA DE CONCLUSÃO: DE DRÁCULA A DRACULaura.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
APÊNDICES.....	66

## 1. INTRODUÇÃO

*"O verdadeiro vampiro é o tempo"*

— Ivan Jaf —<sup>1</sup>.

O personagem do vampiro vem seduzindo e aterrorizando ao longo dos séculos pessoas das mais variadas etnias e de praticamente todas as partes do mundo. Na Literatura, o primeiro texto a abordar o tema data de 1748, e tem autoria do alemão Heinrich August Ossenfelder, que compôs o poema **Der Vampir**, ou **O Vampiro**, título da obra em língua portuguesa. Já sua entrada no universo da prosa é um pouco mais recente. "Em geral, considera-se como ponto de partida da prosa vampírica o conto do inglês John Polidori, 'O vampiro', de 1819" (ARGEL; NETO, 2008, p.13).

Ao longo do tempo, muito se produziu abordando esse personagem oriundo da Literatura Gótica<sup>2</sup>. Existe uma gama imensa de materiais escritos, filmados e fotografados; uma vez que o morto-vivo sugador de sangue fez e ainda faz tanto sucesso, que está presente não apenas nos livros, mas também em filmes — de pequenas e de grandes produtoras —, peças teatrais, novelas, músicas. A produção televisiva brasileira **O beijo do vampiro**<sup>3</sup>, por exemplo, exibida no ano de 2003, tem como enredo principal a história de Zeca, um menino-vampiro, criado como humano, que, prestes a completar 13 anos, descobre sua verdadeira identidade. Para completar, a novela faz intertexto com o livro de Bram Stoker, **Drácula**, publicado em 1897, ao retratar Bóris, pai do pré-adolescente em fase de transição, como um poderoso, antigo e temido vampiro, que busca reencontrar-se com sua amada, uma princesa do século XII, renascida como Cecília, mãe adotiva do herdeiro do todo poderoso sanguessuga.

---

<sup>1</sup> Excerto extraído da página 13 do livro **O vampiro que descobriu o Brasil** (2013), a ser trabalhado neste TCC.

<sup>2</sup> Literatura obscura e misteriosa, uma espécie de romantismo sombrio iniciado em meados do século XVIII. Para mais informações, indica-se as seguintes leituras: <http://www.estudopratico.com.br/literatura-prosa-gotica/>; [http://www.carcasse.com/revista/ninhada\\_de\\_coppelius/literatura\\_gotica/](http://www.carcasse.com/revista/ninhada_de_coppelius/literatura_gotica/); [http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/literatura\\_gotica.htm](http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/literatura_gotica.htm). Acesso em 16 de abril de 2015.

<sup>3</sup> Sinopse da novela: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/o-beijo-do-vampiro/trama-principal.htm>. Acesso em 16 de abril de 2015.

Na Literatura Infantojuvenil, sua trajetória não possui uma data de início especificada. Na verdade, as obras infantojuvenis em torno do imortal rei da noite não são tão conhecidas como as que tratam de bruxas/bruxos — a série **Harry Potter**<sup>4</sup>, de J.K. Rowling é um exemplar bem-sucedido e famosíssimo dessa temática — e dos clássicos contos de fadas em que a princesa sempre é o elemento frágil e que precisa ser salva pelo príncipe encantado, como ocorre nas versões da Disney de **Branca de Neve e Cinderela**<sup>5</sup>. No entanto, isso não o exclui desse mundo, e nem mesmo faz com que perca sua importância para a Literatura Infantojuvenil. Muito pelo contrário! O vampiro está presente em clássicos como o alemão **O pequeno vampiro**, escrito em 1979 por Angela Sommer-Bodenburg; e o francês **O chupa-tinta**, publicado em 1996 por Éric Sanvoisin. Ambos a serem analisados aqui.

Mas que relação pode haver entre o Senhor da noite e a Literatura Infantojuvenil? Um personagem tão mórbido, sexual, sensual e perigoso pode, de fato, alcançar um espaço na literatura para crianças? De que forma? Drácula e sua trupe não perderiam sua essência ao receberem modificações a fim de adaptarem-se ao universo infinito que compõe a Literatura Infantojuvenil? É o que se busca responder neste Trabalho de conclusão de curso. Mas, antes, faz-se necessário dar um retorno a outras questões, cruciais para que se possa tratar do vampiro na Literatura Infantojuvenil: afinal, o que é vampiro? E Literatura Infantojuvenil, o que é? Há distinção entre Literatura Infantojuvenil e Literatura Infantil, ou seriam partes indistintas de uma mesma literaturas?

## 2. QUESTÕES TEÓRICAS GERAIS:

---

<sup>4</sup> Narra a história de Harry Potter - O menino que sobreviveu; um menino-bruxo repleto de poderes e de responsabilidades.

<sup>5</sup> Contos de autoria original dos Irmãos Grimm.

## NAVEGANDO PELA LITERATURA INFANTOJUVENIL/INFANTIL: QUE ÁGUAS SÃO ESSAS?

Faz-se necessário, antes de qualquer discussão acerca da Literatura Infantojuvenil, deixar claro que essa está estritamente relacionada à Literatura Infantil, na verdade, faz parte dela. Como é trazido por alguns estudiosos do assunto, assim como a Literatura Infantil,

A Literatura Infantojuvenil tem suas raízes históricas na tradição oral, portanto a oralidade é de grande importância no momento de "entrada" da criança no mundo da leitura. Mas também é fundamental que a criança possa perceber que a narrativa oral tem sua representação na escrita e em outras formas de expressão. [...] O leitor infantil pode ser muito facilmente envolvido pelo momento da "contação", desde que o processo seja bem conduzido (CAVALCANTI, 2014, p.72).

Tomando a Literatura Infantil e a Literatura Infantojuvenil como partes integrantes e indistintas de uma mesma literatura — a LI —, adota-se, neste trabalho, ambos os termos. Além disso, pode-se afirmar que as duas devem servir como ferramentas de auxílio à criança leitora durante sua entrada no mundo da leitura escrita e da escrita em si. Em suma, de acordo com Joana Cavalcanti, "[...] a Literatura pode servir como ponto mágico do longo percurso a ser realizado por cada um de nós, das histórias de vida que vão se entrecruzar com as histórias coletivas e contar/narrar a história da humanidade" (2014, p.38).

Para além de questões relativas aos nomes que podem ser atribuídos à Literatura Infantojuvenil (LI), é crucial trazer à tona uma questão extremamente delicada acerca dela: para muitos teóricos, ela não existe. Discute-se que, ou se é Literatura ou não é. Em partes, tal afirmação pode ser considerada correta, uma vez que um texto será tido como literário ou não. No entanto, afirmar a não-existência da Literatura Infantil é errôneo, afinal, esta diferencia-se da literatura em geral, não por ser inferior a ela, mas pelo público a quem costuma se dirigir: aos pequenos leitores, ainda em processo de formação, o que lhe acrescenta propriedades únicas. Cabe ainda dizer que "[...] a literatura infantil é um laboratório de provas de importância ímpar para as teorias literárias" (CHAMBERS *apud* HUNT, 2010, p.33), embora ainda seja incompreendida por boa parte dos teóricos literários, que pouco estudam e produzem acerca dela.

Não bastasse o fato de ser ignorada por grande parte dos que constroem a teoria literária, a Literatura Infantil não é universalmente aceita. Conforme coloca Peter Hunt (2010, p.14), "Em muitos países, ela tem uma existência precária e é encarada com ceticismo". Todavia, "[...] a literatura infantil (e a criança) é uma parte da cultura que não podemos ignorar" (2010, p.15). Uma possível explicação para a desvalorização da LI é o fato de o próprio conceito de infância ser relativamente recente e pouco valorizado, como nos mostra Corazza, em **Infância e Educação** (2002, p.58). Até meados do século XVIII, as crianças eram vistas, tanto no Brasil como nos países europeus — tidos como referência social, cultural, política econômica para a sociedade brasileira — como um adulto menos importante, quase um fantasma; ou, como a autora coloca, como *gentes pequenas que viviam soltas pelos lugares*:

No começo, ninguém prestava atenção às gentes pequenas: suas criaturas eram mais ou menos como fantasmas, das quais não se falava, que quase não se enxergava e que, por isso mesmo, também não incomodavam ninguém. As tais pequenas viviam soltas pelos lugares: comiam e bebiam do que dava; dormiam onde tivesse uma beirada; vestiam-se com as roupas que eram jogadas fora; circulavam no meio do passeio público, nas lojas, nos mercados, junto com gatos, patos, galinhas, porcos, cachorros, cavalos, vacas e bois.

O fato é que, uma vez que a própria criança pouca relevância teve até pouco mais de três séculos atrás, quando finalmente os adultos passaram a enxergá-la com outros olhos, e viram que a mesma não é sua representação em miniatura, mas um indivíduo em formação, faz com que o conceito de Literatura Infantil, bem como teorias em torno da mesma, sejam tão inseguros, confusos, recentes e polêmicos. O que parece é que, muito mais do que não prestar atenção à LI e desrespeitá-la, muitos estudiosos a ignoram por terem medo do novo, do diferente, e não saberem como navegar nas águas desse mar.

A Literatura Infantil, embora tida como *literatura para crianças*, permite que leitores das mais variadas idades e de diferentes graus de formação pessoal e intelectual tenham contato com essas produções literárias. O que ela de fato precisa é de leitores conscientes do texto que estão a ler, e de adultos — estudiosos do assunto ou não — que entendam que eles e as crianças — leitores em formação — tiram significados e têm sentimentos diferentes em relação aos textos, o que não significa, entretanto, que a interpretação do adulto está correta, enquanto a da criança não, isso seria afirmar que a Literatura Infantil é inferior à Adulta porque seu público-leitor, as crianças, é infe-

rior ao da última, os adultos; o que é uma inverdade. A principal diferença entre a Literatura Adulta e a Infantojuvenil não é a superioridade da primeira em relação à segunda, e sim os públicos para os quais se destinam. Enquanto a LI precisa utilizar mecanismos ligados à leitura oral e visual para atrair e servir como fonte de produção de sentido para seus leitores — as crianças leitoras, a Literatura Adulta concentra-se principalmente na leitura escrita, afinal seu público-leitor, teoricamente, é complementamente alfabetizado. Infastidizar a Literatura Infantil pelo uso de ilustrações e pela relevante quantidade de diálogos, por exemplo, não só é um erro, como também sinônimo de preconceito para com ela, simplesmente por diferir-se do tipo de literatura lida comumente e constantemente pelos adultos.

É de crucial importância para que uma obra literária produza sentido, a relação entre o livro e o leitor. Por isso, é importante ressaltar que o sentido produzido da leitura efetuada por um leitor formado será diferente do atribuído por um leitor em formação. Aliás, até mesmo leitores adultos e crianças-leitoras, podem vir a compreender mensagens e obter conhecimentos diferentes uns dos outros após a leitura de um mesmo texto; isso porque todo ser humano é único. Assim sendo, cogitar que a leitura de um adulto é mais importante e válida do que a de uma criança é impossível, afinal, cada indivíduo — seja qual for a sua idade, o seu tamanho e sua gama de conhecimentos intelectuais — faz sua própria leitura de um texto e do mundo. No que diz respeito ao livro, ainda cabe salientar que esse

[...] é estático pelo menos em suas marcas grafadas sobre o papel (embora os significados à volta delas mudem), podemos olhar em seguida para o *peritexto* — ou seja, o material escrito e ilustrado "cerca" a história: o logo da editora, as fontes, o leiaute, etc (HUNT, 2010, p.22);

o que só reforça o fato de que o sentido produzido pela relação existente entre livro e leitor é único, uma vez que, a interpretação dos elementos textuais e peritextuais de cada um em relação ao texto lido, mudará conforme a importância que será atribuída a cada elemento que compõe o livro.

Em relação à Literatura Infantil, é importante salientar a influência dos livros para criança na formação social e educacional de seus leitores em formação. É a partir das leituras de seus primeiros livros que a criança-leitora consolidará seu processo de alfabetização e adquirirá novos conhecimentos culturais e sociais relacionados à sociedade da qual faz parte.

Em termos literários convencionais, há entre eles textos "clássicos"; em termos de cultura popular, encontramos *best-sellers* mundiais, como a série Harry Potter, e títulos transmitidos por herança de famílias e culturas locais. Estão entre os textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas de multimídias, combinando palavra, imagem, forma e som (2010, p.43).

No tocante ao uso da imagem, cabe dizer que, ao contrário do que muitos leitores adultos e teóricos literários pensam, "A criança redige dentro da imagem. Por isso, ela não se limita a *descrever* as imagens: ela as *escreve*, no sentido mais literal. Ela as rabisca. Graças a elas, aprende, ao mesmo tempo, a linguagem oral e a linguagem escrita: os hieróglifos" (BENJAMIN, 1987, p.242).

Como já mencionado, não há uma definição única para Literatura Infantil, por isso há quem afirme que os livros oriundos da LI (para crianças) não existem, o que existe são livros bons e livros ruins, como é o caso de Marcus Crouch (CROUCH *apud* HUNT, 2010, p.74), que diz:

Cada vez mais sou da opinião de que não existem livros para criança. Eles são um conceito inventado por motivos comerciais e mantido pela tendência humana de classificar e rotular. O autor honesto [...] escreve o que está dentro de si e precisa sair. Às vezes o que ele escreve terá ressonância nas inclinações e interesses dos jovens, outras vezes não [...]. Se precisa haver uma classificação, é de livros bons e ruins.

Hunt, por sua vez, diferencia a Literatura Infantil da Literatura Adulta/Geral, uma vez que, ao seu ver, são literaturas diferentes, com características diferentes e para leitores diferentes, sem que, todavia, uma seja superior à outra. Além disso, sobre o livro, acredita que existe o "'Bom', como uma aplicação abstrata, e 'bom para', como uma aplicação prática" (2010, p.75), e que essas definições "[...] estão em constate conflito nas sentenças sobre a literatura infantil" (2010, p.75).

São itens importantes para os livros produzidos pela Literatura Infantil:

- a oralidade — através de leituras em voz alto e da contação de histórias;
- "[...] a subcultura, ou anticultura, ou cultura paralela da infância" (2010, p.83);
- o paratexto — principalmente no tocante ao uso de ilustrações;
- o diálogo.

Tais mecanismos são fatores essenciais para que a criança-leitora interprete os textos por ela lidos, uma vez que a cultura oral é ainda muito presente em suas vidas, e as imagens complementam as palavras lidas, atribuindo maior sentido ao texto literário, e permitindo uma interpretação mais profunda de suas leituras. Entretanto, é necessário salientar que, embora os leitores em formação tenham traços da literatura oral bastante presentes em suas leituras escritas, não se deve facilitar o vocabulário presente nas obras literárias destinadas a eles, afinal, uma das características da Literatura Infantil é a produção de *textos escrevíveis*<sup>6</sup>, ou melhor, que permitam ao leitor contribuições a partir do exercício de pesquisa, da reflexão e da interpretação textual.

Embora seja comum ver os livros para crianças como produções literárias inocentes, "[...] devido ao papel que desempenham na educação, suas características linguísticas possuem uma importância central" (2010, p.173) na formação de seu leitor. O próprio fato de possuir boas doses de diálogos — todavia, há textos da LI que nem mesmo diálogo possuem —, narrativas mais dinâmicas, e de fazer o uso de ilustrações, profere às obras para leitores em formação um certo ar de inocência, porém, contribui, para que esses leitores, amparando-se aos instrumentos de leitura que lhe são comuns, sejam capazes de extrair sentido do que lêem e interpretam, sem que, para isso, no entanto, sejam produzidos para eles, textos fúteis ou de leitura fácil/interpretação fácil. Como nos lembra muito bem Walter Benjamin (1987, p.236-237), "A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...]".

A Literatura Infantil é um imenso oceano a ser explorado. Suas águas, aos poucos, vêm sendo conquistadas e conhecidas pelos estudiosos e teóricos do assunto que se arriscam a navegar por elas. Porém, o caminho é longo, é há muitos mares a serem percorridos a fim de se possa conhecer um pouco mais a LI, e arriscar-se, enfim, a desenvolver para ela um conceito mais sólido, definitivo e menos duvidoso.

### **3. VAMPIRO: QUE SER É ESSE?**

---

<sup>6</sup>Peter Hunt (2010, p.127), afirma que "O *texto escrevível* [...] é muito mais 'aberto' a contribuições do leitor", ao contrário do texto fechado, que já vem praticamente pronto, uma vez que neste "[...] o escritor tentou fazer o trabalho para o leitor, para limitar as possibilidades de interpretação e para fortemente orientar o entendimento", contrapondo-se a Roland Barthes, que acreditava que o texto fechado ou *legível* seria muito mais adequado às leitoras-crianças do que o *escrevível*.

Rei da noite; esse ser normalmente jovem, belo, poderoso, sedutor, imortal e perigoso, o vampiro, famoso mundialmente por conta do sucesso estrondoso do escritor Bram Stoker, o livro **Drácula** (1897) — citado anteriormente, publicado no final do século XIX, é estereotipado com base nas representações literárias e cinematográficas. No entanto, o sombrio chupa-sangue, assim como a humanidade, é muito mais antigo do que a escrita, no seu caso, de obras literárias a seu respeito. Sua origem data de lendas existentes "[...] desde os tempos das civilizações da Assíria e da Babilônia (aproximadamente 2000-1000 a.C.)", como nos mostram José Luiz Aidar e Márcia Maciel (1986, p.12).

O sanguessuga adorado por muitos e temido por tantos outros, começou sua saga antes mesmo de Jesus Cristo ter sido nascido. Embora não possuísse a nomenclatura e nem as características que hoje lhe são atribuídas, já apresentava traços do vampiro como conhecemos, dentre eles, o mais importante: se alimentava do sangue de suas vítimas. Como já dito, ele nasceu de relatos, de histórias contadas entre os povos antigos, e firmou-se no mito. O conceito de mito aqui é utilizado segundo a definição de Aidar e Maciel (1986, p.19),

Mito é uma forma de compreensão daquilo que, à primeira vista, nos é completamente estranho e indizível. Ou seja, quando nos deparamos com algo novo, que nos amedronta e nos fascina, tentamos interpretá-lo de alguma forma. O mito seria essa forma de resposta ao mundo externo, desconhecido; é um código para decifrar o mundo, forma de ordenar o caos.

Grande parte das histórias sobre o morto-vivo mitológico que vive do sangue daqueles que domina e molesta, são provenientes de regiões como Hungria, Sérvia e Transilvânia. Sobre as lendas oriundas desta última, cabe um parênteses: gira em torno de Vlad Tepes III, príncipe de Valáquia; conhecido como Vlad, o Empalador. O nobre guerreiro era tão cruel que costumava empalar<sup>7</sup> seus inimigos e deixá-los expostos, para que servissem de exemplos a todos que pensassem em investir contra ele. Romeno de nascença, recuperou o trono que havia sido tirado de sua família e passou a dominar sua terra natal, a Transilvânia — berço não só do vampiro, como também terra

---

<sup>7</sup> v.t. Introduzir pelo ânus do supliciado um pau ou estaca pontiaguda, que lhe atravessa as entranhas. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/empalar/>. Acesso em 24 de junho de 2015.

muitos bruxos e feiticeiras, dentre os quais pode-se citar Medéia, a princesa feiticeira<sup>8</sup>, oriunda da literatura clássica. Como muitos desconheciam sua existência, na época em que retomou o que era seu por direito, os habitantes de Valáquia — local em que seu pai governara antes de ser exilado e morrer — pensaram ser ele Vlad II, ressuscitado, o que contribuiu para que o mito do vampiro se disseminasse naquela região. Aproveitando-se da situação, assumiu o sobrenome *Draculea*, "que significa 'filho do dragão'<sup>9</sup>, resultante do nome dado a seu patriarca quando entrou para a Ordem do Dragão<sup>10</sup>: *Dracul*. Muitos pesquisadores afirmam ter sido essa a fonte principal de inspiração para Stoker, ao escrever sua clássica obra, e dar luz ao Drácula, o vampiro mais imponente de todos. Na verdade, o intertexto com a história real e a lenda que gira em torno de *Draculea* é nítido para os leitores de Bram Stoker que conhecem um pouco sobre o Empalador.

Outros locais, como a China e a África, também contam com seus mitos vampíricos, o que mostra que, mesmo antes de tornar-se um personagem literário, esse ser notívago e sedento por sangue já estava presente entre nós: meros seres humanos. Contudo, suas nomenclaturas e características variavam muito entre as civilizações. O fato é que esse *Don Juan*<sup>11</sup> de caninos proeminentes que conhecemos atualmente, só teve um perfil pré-definido e um termo nomeando-lhe de fato, após a sua entrada no mundo da Literatura.

Foram as narrativas orais, também, as responsáveis por apresentar várias práticas de proteção contra vampiros. Vale a pena destacar algumas das que mais influenciaram os autores de histórias escritas acerca do semi-vivo sanguinário, tais como:

- a redução dos cadáveres a cinza por parte dos escravos, "[...] cuidando-se para que tudo ao redor do local da fogueira fosse também queimado, a fim de que não

---

<sup>8</sup> Personagem fictício pertencente à Mitologia Grega. Fonte: <http://portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2013/03/medeia.html>. Acesso em: 24 de junho de 2015.

<sup>9</sup> Fonte: <http://www.assombrado.com.br/2014/10/a-historia-real-de-vlad-tepes-filme.html>. Acesso em 17 de abril de 2015.

<sup>10</sup> Para mais informações, consultar: <http://ordodrackulunas.blogspot.com.br/p/a-ordem-do-dragao-ordem-do-dragao.html>. Acesso em 17 de abril de 2015.

<sup>11</sup> Personagem fictício da literatura e da dramaturgia por ser um sedutor implacável. Fonte: [http://www.ehow.com.br/don-juan-sobre\\_56103/](http://www.ehow.com.br/don-juan-sobre_56103/). Acesso em 17 de abril de 2015.

houvesse chance do possível vampiro incorporar-se em algum pássaro ou réptil [...]” (AIDAR; MACIEL, 1986, p.13);

- decapitação dos suspeitos de vampirismo em alguns países;
- uso de crucifixo e alho para afugentá-los.

Cabe ainda, dizer que,

Para alguns povos os vampiros eram seres humanos cuja morte fora violenta; eram cadáveres insepultos ou ainda pessoas que morreram subitamente sem receberem os devidos sacramentos. Seriam desgraçados no outro mundo, figuras errantes em busca de paz. Fantasmas andarilhos, presos entre a vida e a morte, cujo desespero os levava à busca da pacificação momentânea no sangue dos vivos (1986. p.14).

O que explicaria o fato de esses mortos-vivos, em muitas de suas representações, não poderem pisar em solo sagrado ou ter contato com crucifixos, bem como sua necessidade de beber o sangue dos vivos para não deixarem de existir, e sua suposta imortalidade — que seria, na verdade, fruto de sua maldição: não poder morrer, e ao mesmo tempo, tão pouco estarem vivos.

### 3.1. O VAMPIRO NA LITERATURA

O vampiro na Literatura, comparado ao seu ancestral — fruto da cultura oral, é como um bebê aprendendo a dar seus primeiros passos, uma vez que, enquanto o antecedente é milenar, o atual, o literário, possui pouco mais de dois séculos e meio de existência, segundo os textos utilizados para documentar sua entrada no mundo da escrita. Conforme já comentado, os precursores do sanguessuga literário foram o alemão Heinrich August Ossenfelder, na poesia, com o poema **Der Vampir**, de 1748, e o inglês John Polidori, 71 anos após, com o conto **O vampiro**, publicado em 1819. Embora esses sejam os marcos da saga vampírica no mundo escrito, vários textos desse universo — misto de Literatura Gótica com Literatura Fantástica — se destacaram, principalmente na prosa, dentre eles: **A família do Vurdalak** (1839), de Alexei Tolstoi; **Carmilla** (1872), de Sheridan Le Fanu; **Drácula** (1897), de Bram Stoker; **Entrevista com o vampiro** (1976), de Anne Rice; e **Crepúsculo** (2005), de Stephenie Meyer.

Antes de discorrer de forma breve sobre as obras acima citadas, faz-se pertinente tratar rapidamente da Novela (ou Literatura) Gótica e da Literatura Fantástica, a fim de proporcionar um melhor entendimento do universo em que está inserido o personagem aqui tratado: o vampiro. A primeira, a Novela Gótica, surgiu no século XVIII, e o primeiro texto publicado durante essa época foi **O castelo de otranto**, de Horace Walpole, no ano de 1765. Seus principais elementos costumam ser paisagens sombrias, presença do sobrenatural, a exemplo de demônios e fantasmas, e ambientação em castelos e ruínas medievais. No entanto

[...] cabem nela não só aquelas histórias que sucedem fisicamente nos porões e criptas dos castelos, senão, prioritariamente, as que têm lugar nos mais tenebrosos passadiços e criptas de nossa própria mente. Desta maneira uma novela gótica pode ter ou não elementos sobrenaturais, pode suceder nos passadiços de um castelo medieval ou nos corredores não menos tenebrosos de uma nave espacial, pôde escrever-se no século XVIII, no XVII ou no XXI<sup>12</sup>.

Além disso, outro traço que lhe é característico, é o fato de que o escritor, "[...] de hoje ou o de dois mil anos atrás, vive envolvido num acúmulo de dúvidas e mistérios que anseia responder"<sup>13</sup>. Algo que é atemporal, e, portanto, capaz de tornar a Literatura Gótica mutável, e, assim, tão eterna quanto um de seus personagens mais notáveis, o vampiro — duplo de demônio, como dizem muitos pesquisadores e estudiosos do assunto.

Sobre a Literatura Fantástica, há muito o que se falar, afinal a esta já foram atribuídas várias definições. Contudo, se nos apegarmos à etimologia do termo fantástico, é possível encurtar a discussão e tornar mais claro seu conceito. De origem latina, *phantasticus*<sup>14</sup>, o verbete pode significar o "*que só existe na imaginação e na fantasia*", o "*que é extraordinário*" e o "*que não é verdadeiro*", como nos mostra o Dicionário de Sinônimos<sup>15</sup>. Logo, é possível afirmar "[...] que a literatura fantástica é construída através de narrativas imaginárias, que fogem um pouco da realidade"<sup>16</sup>, e que, dessa

---

<sup>12</sup> Fonte: [http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/literatura\\_gotica.htm](http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/literatura_gotica.htm). Acesso em 16 de abril de 2015.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Fonte: <http://www.dicio.com.br/fantastico/>. Acesso em 20 de abril de 2015.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.sinonimos.com.br/>. Acesso em 20 de abril de 2015.

<sup>16</sup>Fonte: <http://www.colegioweb.com.br/trabalhos-escolares/literatura/literatura-fantastica.html#ixzz3Xse7cBI>. Acesso em 20 de abril de 2015.

maneira, nos permite transgredir as barreiras do comum e viajar por mundos e histórias repletos de personagens e experiências que só o proveniente da imaginação e da fantasia pode nos proporcionar, sem, contudo, perder a conexão com o mundo real, e nem mesmo abstrair-se de elementos que são próprios da vida cotidiana, tanto dos autores como de seus leitores.

### 3.2. DER VAMPIR, DE OSSENFELDER

O primeiro texto da poesia e da literatura vampírica, de autoria de Ossenfelder<sup>17</sup>, o poema **O vampiro** — assim traduzido para a língua portuguesa, publicado em meados do século XVIII, conta uma história narrada pelo próprio vampiro, o qual descreve uma jovem, Christiane (ou Cristina), e seus hábitos cristãos, ao mesmo tempo em que define a estratégia que utilizará para penetrar em seu quarto, a fim de tomar o seu sangue e seduzi-la, conforme é possível perceber após sua leitura:

**O vampiro** (1748), de Heinrich August Ossenfelder

Tradução — Henrique Marques-Samyn<sup>18</sup>

Minha amada jovem crê  
— sem vacilo, firme e rígida —,  
nas lições que lhe transmite  
sua piedosa mãe;  
e, como o povo de Tisza,  
ela crê em fatais vampiros,  
qual os heiduques, com fé, creem.  
Pequena Cristina, aguarda —  
tu, que o meu amor evitas;

---

<sup>17</sup> Poeta alemão do século XVIII.

<sup>18</sup>Disponível em: <http://alucarddracul.blogspot.com.br/2010/09/o-vampiro-de-heinrich-august.html>. Acesso em 20 de abril de 2015.

de ti logo hei de vingar-me:  
beberei hoje um tocai  
— um brinde para um vampiro.  
Suavemente adormecida,  
de tua formosa face  
hei de o púrpura sugar.  
Então, hás de estremecer  
no instante em que te beijar —  
e qual um vampiro beijar;  
quando, ao fim, fremir teu corpo  
e em meus braços desmaiases  
assim como tomba um morto,  
então hei de perguntar:  
minhas lições não superam  
as de tua bondosa mãe?

A escrita de **Der Vampir**, mais do que pioneira ao tratar pela primeira vez do tema em uma narrativa escrita, "[...] preparou o caminho para os textos que tratariam o vampiro como 'o outro', isto é, como personificação das religiões não-cristãs" (ARGEL; NETO, 2008, p.22); além disso, conforme colocam Martha Argel e Humberto Moura Neto (2008, p.22), "Ossenfelder trouxe para a ficção o vampiro pela tradição folclórica centro-europeia, acrescentando-lhe um aspecto sensual que o transformou numa ameaça aos valores cristãos".

### 3.3. O VAMPIRO, DE POLIDORI<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Ver apêndice I.

O conto de Polidori<sup>20</sup>, **O vampiro**, publicado em 1819, foi o primeiro texto da prosa vampírica. Não só seu conteúdo é original, como também a polêmica que gira em torno da verdadeira autoria da narrativa se faz pertinente: inicialmente, **The Vampyre** foi atribuído a Lord Byron, homem nobre e de muitas posses para quem John William Polidori (1795-1821) trabalhou durante um curto período de tempo como médico pessoal.

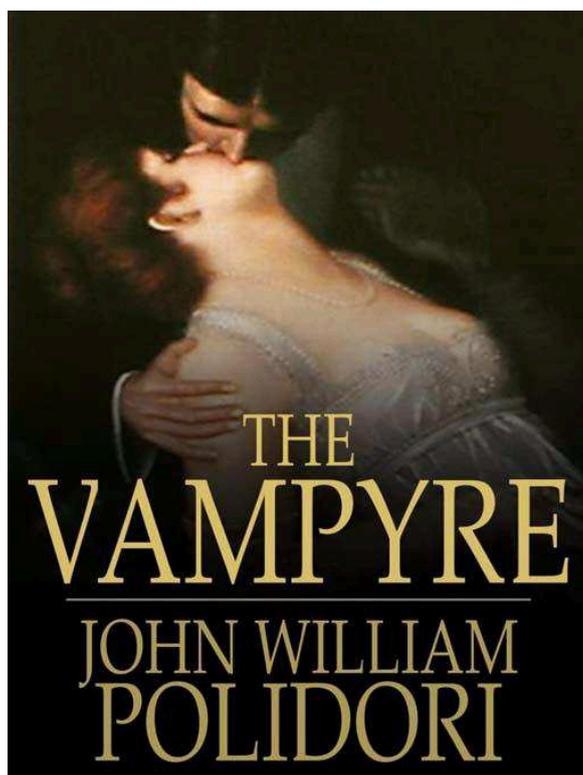


Figura 1 - Capa do livro (versão em inglês) / Fonte: [http://loucamenteloucamente.blogspot.com.br/2014\\_01\\_01\\_archive.html](http://loucamenteloucamente.blogspot.com.br/2014_01_01_archive.html).

Embora não tenha sido um escritor de destaque, John Polidori foi o responsável pela estreia do vampiro da prosa de ficção da língua inglesa. Além disso,

Em vez de usar o morto-vivo bestial e repugnante do folclore, Polidori criou um personagem claramente inspirado em Lord Byron, que ele batizou de Lord Ruthven (pronuncia-se Riven). [...] Lord Ruthven foi o primeiro vampiro da ficção na forma que hoje reconhecemos: um vilão aristocrático que encontra suas vítimas entre a alta sociedade. Típico do gênero gótico, exerce uma atração magnética sobre as pessoas, é sedutor, e, ao mesmo tempo, está cercado por uma aura sobrenatural

---

<sup>20</sup> Médico e escritor inglês de origem italiana que viveu entre o fim do século XVIII e o início da segunda década do XIX, foi viciado em jogos de pouca sorte, que morreu aos 26 anos por conta de problemas psicológicos, frutos, principalmente, de suas dívidas. Sua única obra de sucesso foi **The Vampyre**, inicialmente atribuída a outro autor, seu ex-paciente, Lord Byron (biografia disponível em **O vampiro antes de Drácula** (2009), de Martha Argel e Humberto Moura Neto).

e de horror. [...] **Polidori transformou o vampiro mítico, unidimensional, que só sai à noite para sugar o sangue dos vivos, numa criatura plenamente inserida no mundo humano**<sup>21</sup> (ARGHEL; NETO, 2008, p.76).

Por ter tido sua autoria atribuída a Lord Byron, o conto logo tornou-se um sucesso na Europa — acredita-se que sua fama imediata se deve muito mais a isso do que ao fato de a obra explorar o horror gótico. Seu verdadeiro escritor, John Polidori, sucumbiu à depressão aos 21 anos e faleceu antes de ter reconhecido como de sua autoria o texto por ele escrito. Além disso, foi ignorado por muitos e por muito tempo, o que fez com que demorasse para ser reconhecido como criador de **The Vampyre**, e com que tivesse sua autoria questionada até aproximadamente a década de 1950.

Sobre a obra, vale comentar ainda, que, embora seja considerada um clássico da Literatura Vampírica, é relativamente extensa e sua escrita é bastante rebuscada, o que torna sua leitura um pouco cansativa. No entanto, isso não faz com que perca sua importância no universo da Literatura Gótica, visto que Polidori é o “pai” do vampiro na prosa.

### 3.4. A FAMÍLIA DO VURDALAK, DE ALEXEI TOLSTOI<sup>22</sup>

Alexei Constantinovitch Tolstói (1817-1875)<sup>23</sup>, conde descendente de uma família de nobres ucranianos, deu vida, provalmente em 1839, ao conto **A família do Vurdalak**, escrito sob o pseudônimo de Krasnogorsky<sup>24</sup>. "Ele veio a público pela primeira vez em 1847, na França (FRAYLING *apud* ARGHEL; NETO, 2008, p.130)" devido ao desdém com que foram recebidos os primeiros escritos de Tolstói no horror gótico pela imprensa de São Petersburgo, região onde nascera e vivia.

---

<sup>21</sup> Grifo próprio.

<sup>22</sup> Ver apêndice II.

<sup>23</sup> Nobre e escritor russo do século XIX. Sua principal obra foi **A família Vourdalak**, lida e conhecida até os dias de hoje pelos amantes da boa e clássica Literatura Gótica (biografia disponível em **O vampiro antes de Drácula** (2009), de Martha Argel e Humberto Moura Neto).

<sup>24</sup> Conforme trazem Argel e Neto (2008, p.130), "[...] derivado do nome da propriedade da família Tolstói, Krasny Rog".

Seu conto traz muitos elementos do vampiro folclórico centro-europeu, e se constrói em cima das lendas existentes sobre os mortos-vivos tomadores de sangue, muito presentes no século XVIII. Seu protagonista é um europeu culto e refinado que viaja para uma vila isolada, onde logo recebe um aviso, por parte dos moradores do local, do perigo eminente de ataques de vampiros, ou, como são chamados durante a obra, dos *vurdalaks*. Embora não acredite, de início, no que lhes contam os camponeses, muda de ideia rapidamente, e, a partir das evidências que encontra, descobre uma família inteira de chupa-sangue: a família *vurdalak*.

Dentre as contribuições do Conde Tolstoi para a Literatura Vampírica, é possível destacar: o uso da estaca de madeira para matar um vampiro e a transmissão da condição vampírica às vítimas — nesse caso, o patriarca da família, primeiro *Vurdalak*, optou por transformar em vampiros seus familiares, a fim de continuarem juntos pela eternidade. Ele trata, também, da aversão a símbolos religiosos e da sexualidade aflorada, presenças constantes em narrativas vampíricas.

### 3.5. CARMILLA, DE SHERIDAN LE FANU

Primeiro texto da prosa vampírica que destaca-se ao trazer uma vampira, a novela **Carmilla** — por muitos tida como conto —, de autoria do irlandês Joseph Sheridan Le Fanu<sup>25</sup>, narra a história de Laura, uma jovem de origem abastada que logo se encanta pela beleza exótica e pelos hábitos diferentes de Carmilla, outra jovem rica que hospeda-se em sua casa após sofrer um acidente nas proximidades do castelo-residência da protagonista. Desconhecendo a verdadeira natureza de sua hóspede, a anfitriã logo cria com ela uma intensa amizade, a qual, nota-se durante a leitura do texto, apresenta traços de intenções amorosas/sexuais, embora esses sejam bastante sutis e o romance não se desenvolva realmente ao longo da narrativa.

---

<sup>25</sup> Filho do pastor da Igreja Protestante irlandesa, Le Fanu viveu no século XIX. O escritor publicou várias obras literárias, dentre elas: **O mistério Wyvern**, **Chá Verde** e **O familiar**. Fonte: <http://elmaxilab.com/definicao-abc/letra-s/sheridan-le-fanu.php>. Acesso em 29 de abril de 2015.

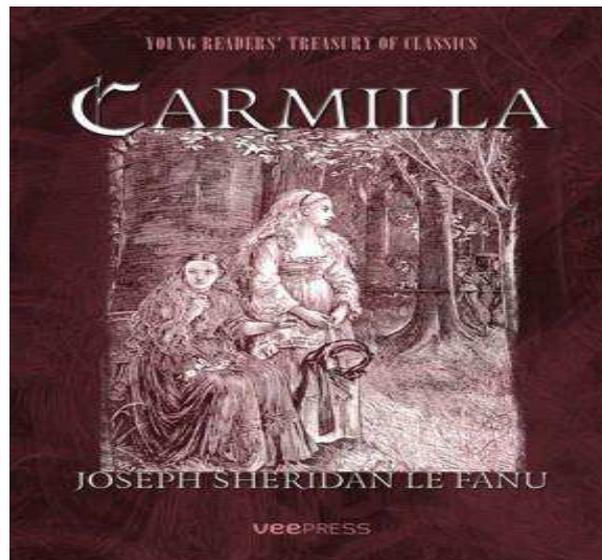


Figura 2 - Capa da obra na versão da editora Veepress / Fonte: <https://dragonmountbooks.wordpress.com/page/17/?app-download=ios>.

A novela nos apresenta uma vampira extremamente erotizada, que "[...] sugere uma atração sexual de caráter lésbico entre a personagem-título e suas vítimas femininas"<sup>26</sup>, além disso, em seu enredo, a vampira se transfigura. No caso de Carmilla, a mulher-vampiro torna-se um gato preto.

Devido a seu sucesso, **Carmilla** ganhou diversos tipos de adaptações, sobressaindo-se: o filme britânico **Carmilla** — a vampira Karsntein, lançado em 1970 sob a direção de Roy Ward Baker, e a websérie transmitida pelo canal Youtube, **Carmilla**<sup>27</sup>, que se passa a partir da perspectiva de Laura, uma universitária caloura que resolve investigar o abrupto desaparecimento de sua colega de quarto. Como a garota continua desaparecida, logo uma nova companheira surge: Carmilla, com quem a protagonista desenvolve uma amizade-romance.

### 3.6. DRÁCULA, DE BRAM STOKER

Obra-prima da Literatura Vampírica, o romance **Drácula**, de autoria do irlandês Bram Stoker, publicado em 1897, permitiu ao vampiro ganhar o mundo, e, fi-

<sup>26</sup>Fonte: <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Carmilla>. Acesso em 20 de abril de 2015.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLbvYWjKFvS5rX2yv-k5AJ8oxPoZ9zHcpe>. Acesso em 02 de maio de 2015.

nalmente, imortalizar-se dentro e fora das narrativas acerca do chupa-sangue. Além disso, foi a partir da publicação de Stoker que o vampiro adquiriu sua forma definitiva, tal como conhecemos hoje: é imortal, veloz, forte, geralmente jovem e belo, poderoso, sedutor, extremamente sexual, capaz de hipnotizar suas vítimas, educado, e sedento por sangue.

O romance gira em torno de Jonathan Harker, Mina e Drácula. O jovem apaixonado e sonhador, John, em busca de melhorar sua condição financeira e dar uma boa vida a sua futura esposa Mina vai à Transilvânia com o intuito de vender algumas terras ao rico Conde Drácula, visivelmente interessado em comprar propriedades nas terras inglesas. O que o enamorado não imagina é que sua noiva é a reencarnação do grande amor da vida humana e vampira do vampiro dos vampiros. Drácula viaja à Inglaterra com o pretexto de investir sua fortuna em imóveis, e, ao longo do caminho, enquanto coloca em prática seu plano de reconquistar sua amada, deixa um rastro gigantesco de sangue, destruição e medo por onde passa.

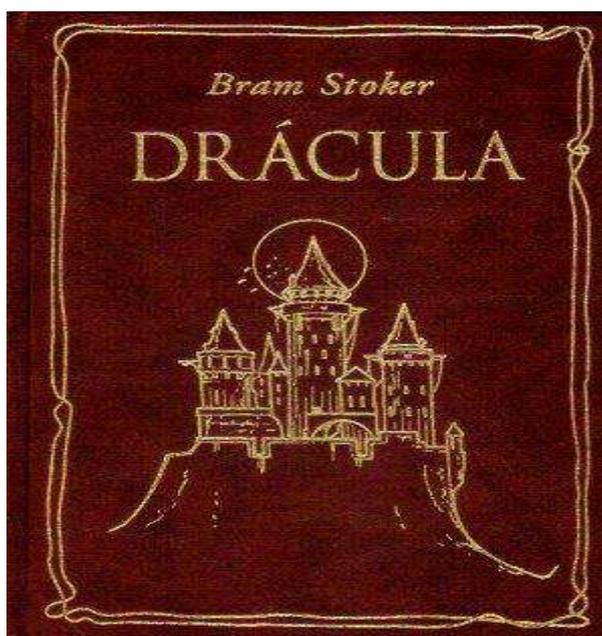


Figura 3 - Capa da edição brasileira de 2002 / Fonte: <http://navegandopelasnovelas.blogspot.com.br/2013/04/livros-que- viraram-novelas-parte-dois.html>.

O valor do livro não se encontra apenas em sua narrativa, bastante detalhista e repleta de suspense, sangue e sensualidade. Bram Stoker<sup>28</sup>, inteligentemente,

---

<sup>28</sup> Irlandês, Abraham Stoker (conhecido como Bram Stoker), nasceu em 1847 e faleceu na segunda década do século XX, no ano de 1912. Jornalista, funcionário público, diretor de peças teatrais e escritor, publicou obras como: **Os sete dedos da Morte** (1903) e **The Man** (1904), além de seu maior sucesso

amparou-se em outras histórias ao escrever **Drácula**, criando um intertexto poderoso e crucial para o desenrolar de sua obra. Utilizou-se da história de Vlad, o Empalador, para criar seu milenar e poderoso vampiro, e também da novela **Carmilla** ao retratar as noivas-vampiras do Conde sanguessuga — como fica visível no excerto a seguir:

Em frente de mim, estavam três jovens mulheres, damas da nobreza, pelas maneiras e modo de trajar. Pensei que era um sonho, pois, embora o luar estivesse por trás delas, suas sombras não apareciam no chão. Aproximaram-se de mim, olharam-me durante algum tempo e sussurraram algumas palavras umas para as outras. [...] Todas três tinham dentes branquíssimos, que brilhavam como pérolas, entre o rubi voluptuoso dos lábios. A sensação que provocavam em mim era estranha, ao mesmo tempo de desejo e de pavor. Sentia uma vontade ardente de que elas me beijassem com aqueles lábios vermelhos. (...) a moça loura sacudiu a cabeça, sensualmente, e as outras duas a estimularam. Uma delas disse:

— Vai. Você primeiro e nós depois. Você tem o direito de começar.

— As jovens são mais fortes. — acrescentou a outra — Há beijos para todas nós (STOKER, 2002, p.54-55).

Assim como a criação de Sheridan Le Fanu, **Drácula** ganhou adaptações.

A primeira, **Nosferatu**: uma sinfonia do terror, um filme lançado em 1922,

[...] do diretor alemão Friedrich Wilhelm Murnau, que apesar de ter procurado esconder a fonte de sua inspiração mudando o local e época onde se passa a história e alterando o nome das personagens, não escapou de um processo na justiça. Stoker ganhou a causa e todas as cópias de filme tiveram sua destruição sentenciada. Mas, apesar da lei, um vampiro não pode morrer e *Nosferatu* torna-se também um caso clássico de pirataria (AIDAR; MACIEL, 1986, p.46).

Além dessa representação não autorizada, foi produzido o longa-metragem **Drácula de Bram Stoker**, em 1992, sob a direção de Francis Ford Coppola, renomado diretor estadunidense, o qual, assim como sua fonte de inspiração, tornou-se um clássico na história da filmografia vampírica. Embora as adaptações não sejam exatamente iguais às suas musas, a megaprodução cinematográfica baseada no livro de Stoker lhe é bastante fiel. Contudo, o filme parece mostrar um *Draculea* mais humanizado, sentimental, ainda que seja, ao mesmo tempo, sanguinário e malvado como o literário. Nele,

O Conde Drácula de Coppola é um príncipe que sofre por amor e parece ter sentimentos puros, mas ao mesmo tempo mostra-se maligno e maldito, questiona Deus e se pergunta por que é filho das trevas. Cop-

---

**Drácula**, de 1987. Fonte: <http://www.infoescola.com/biografias/bram-stoker/>. Acesso em 29 de abril de 2015.

pola parece querer mostrar o lado humano de Drácula, um ser poderoso que não consegue entender a origem da sua maldade. Os diálogos e as imagens do filme estão abertos a várias interpretações, o filme é repleto de analogias e simbologias que só mesmo o espectador mais atento consegue perceber. As várias transformações que Drácula sofre durante o filme sugerem que ele tem os mesmos poderes de transformação do demônio (LIMA, 2010, p.4).

Como se todo o sucesso feito pela criação de Stoker não bastasse, o frenesi foi tamanho que o vampiro pós-Drácula passou a se basear a partir das caracterizações da criatura cunhada pelo autor de **Drácula**. Um claro exemplo é o fato de os vampiros preferirem a noite ao dia — seja porque entram em ebulição, ou por brilharem no sol —, assim como o Conde Drácula, que desfrutava do descanso merecido em seu caixão, enquanto aguardava a chegada da escuridão para poder beber direto da jugular de suas vítimas quanto sangue quisesse. Outro traço importante da obra, incorporado às narrativas escritas posteriormente, é a relação entre os caninos do semi-vivo com o elemento sexual. Isso porque, a partir do vampiro stokeriano, a ligação entre as presas, o sangue e o sexo ficaram mais nítidas, afinal, os dentes passam a ser vistos não mais como meras armas de ataque, mas também como instrumentos fálicos; fontes de excitação sexual. Stoker nos apresenta o predador mais mortal de todos ao criar Drácula, uma vez que, ao mesmo passo em que ataca e mata suas vítimas, ao beber de seu sangue, seu vampiro proporciona-lhes, muitas vezes, o prazer sexual ao deitar-se com elas.

### 3.7. ENTREVISTA COM O VAMPIRO, DE ANNE RICE

Publicado em 1976, o romance da escritora estadunidense Anne Rice<sup>29</sup>, **Entrevista com o vampiro**, ainda que apoiando-se no clássico, trouxe novos elementos, tais como: o vampiro vegetariano, ou melhor, que toma sangue de animais para não ferir ou matar humanos, e o sentimento de humanização, ambos representados por

---

<sup>29</sup> Nascida nos Estados Unidos no ano de 1941 com o nome de Howard Allen O'Brian, a escritora Anne Rice destacou-se como autora de séries de terror e fantasia. Sofreu grandes perdas ao longo de sua vida, sendo a mais marcante, a morte precoce de sua filha - ainda criança -, em função de uma grave leucemia. Todavia, sua dor inspirou-a a dar à vida Claudia, a menina-vampira de **Entrevista com o vampiro**. Com mais de 30 livros escritos, os que mais se destacam são: **Entrevista com o vampiro** (1967), **O vampiro Lestat** (1985), **A rainha dos condenados** (1988), e **A hora das bruxas I e II** (ambos de 1990). Fonte: <http://www.annericebrasil.com.br/>. Acesso em 29 de abril de 2015.

Louis, que culpava-se constantemente por tirar vidas em prol de continuar vivendo, e sofria de saudade da humanidade perdida. Apresenta, ainda, de forma implícita, o relacionamento homoafetivo entre dois vampiros homens: Louis e Lestat, que, posteriormente completam sua família ao criarem uma menina-vampira: Claudia.

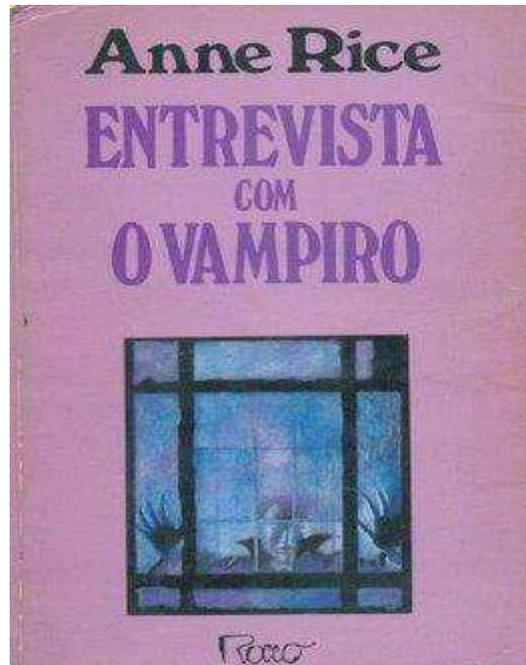


Figura 4 - Capa da edição brasileira de 1986 / Fonte: fotografia do acervo pessoal.

A obra gira em torno dos vampiros Louis e Lestat, este criador do primeiro. Enquanto o morto-vivo mais antigo se deliciava com o sangue que bebe de suas vítimas, e dos prazeres que a vida eterna lhe dá, o mais novo, recém-criado, não consegue desfrutar nem mesmo minimamente do ato de ser poderoso, eternamente jovem e belo, e de sua virilidade, muito pelo contrário! Para Louis, a vida eterna que lhe foi dada é um martírio, uma maldição; não uma bênção. Muito apegado a valores humanos e à religião, sofre toda vez que precisa ingerir sua dose vital de hemoglobina, e por isso caça animais, dentre eles ratos, para sobreviver. Tantas diferenças entre criador e criatura levam-lhes a ter uma relação conturbada. Tentando agradar sua prole, Lestat cria uma nova vampira, dá à luz, então, uma menina-vampira, Claudia:

- Cláudia, Cláudia, escute, acorde, Cláudia.
- Levava-a agora do quarto para a sala, e sua voz era tão suave que mal se ouvia.
- Você está doente, está me ouvindo? Precisa fazer o que eu mandar para ficar boa.

- Então, na pausa que se seguiu, recobrei meus sentidos. Compreendi o que ele estava fazendo, que tinha cortado o pulso e estendia para ela, que bebia.

- Isto, querida; mais - dizia ele. - Precisa beber para ficar boa.

- Desgraçado! - gritei e ele assobiou para mim com olhos flamejantes. Sentou-se no divã com ela agarrada a seu pulso. Vi a mãozinha branca segurando a manga, e podia ver seu peito arfar e sua face se contorcer como jamais vira. Ele deixou escapar um gemido e murmurou novamente que ela continuasse [...] (RICE, 1976, p.84).

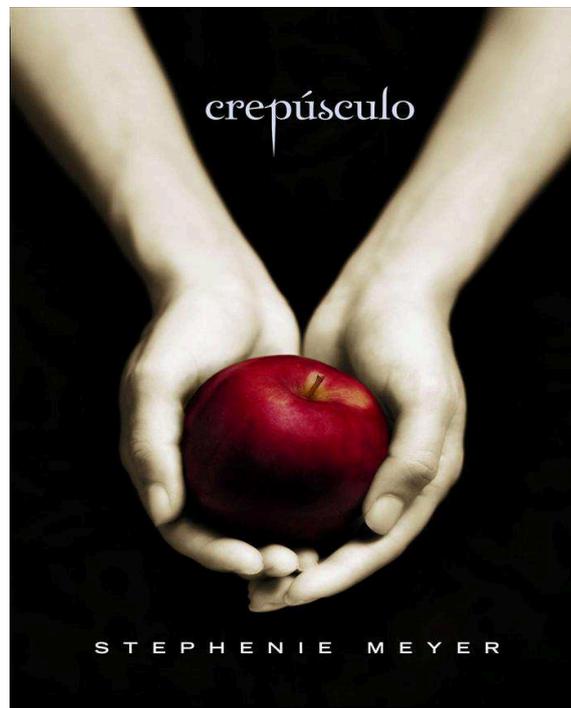
No decorrer da leitura do romance, é possível perceber, ainda, traços de pedofilia, como na passagem em que Louis deseja Claudia, ainda mortal:

Aproximei-me da cama e fiquei simplesmente olhando. Seu peito mal se movia com a respiração, e uma mãozinha se misturava com o cabelo comprido e louro. Não podia suportar aquilo: olhá-la, querendo que não morresse e desejando-a. E quanto mais a olhava, mais podia sentir o gosto de sua pele, sentir meu braço escorregando por suas costas e puxando-a para mim, sentir seu pescoço macio. Macio, macio, era assim que ela era, muito macia. Tentei dizer a mim mesmo que para ela seria melhor morrer - o que seria dela? - mas tais pensamentos não serviam de nada. Desejava-a! E, assim, tornei-a nos braços e segurei-a, seu rosto ardendo junto ao meu, seu cabelo caindo sobre meus pulsos e resvalando por minhas pálpebras, o doce perfume de uma criança forte e palpitante apesar da doença e da morte (p.83).

Bem escrita, a criação de Anne Rice é capaz de provocar as mais variadas sensações em seus leitores, tais como: o sentimento de compaixão para com Louis, uma vez que esse sente constante falta da humanidade perdida, e a repulsa perante os possíveis atos de pedofilia sugeridos ao longo da narrativa investidos pelos vampiros contra a menina-vampira, Cláudia. Em 1994, imortaliza-se ao ser adaptada para o cinema pelo diretor Neil Jordan.

### **3.8. CREPÚSCULO, DE STEPHENIE MEYER**

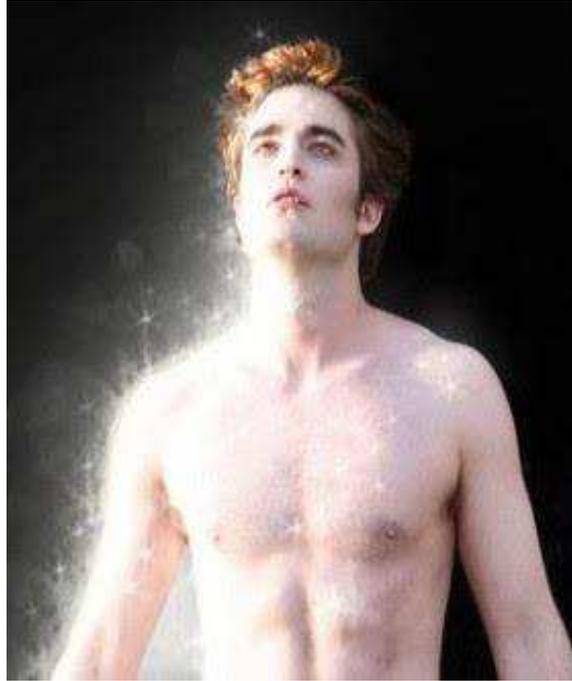
Stephenie Meyer<sup>30</sup> publicou, em 2005, o primeiro livro da saga **Crepúsculo**, de mesmo título. Embora tenha preservado elementos-chave característicos do vampiro, ainda que com algumas adaptações, tais como: força e velocidade extremas, beleza e juventude eternas, e sede de sangue, o romance incorporou novos dados ao morto-vivo. Sua criação é mais romântica e não tanto sexual e sensual, embora sexo e sedução estejam presentes de maneira mais tênue no romance. Além disso, Os Cullen, família vampira que faz parte do eixo principal da narrativa, preferem a noite ao dia não por uma necessidade, mas porque suas peles brilham quando estão no sol. Como se isso não fosse diferente o suficiente, seus vampiros não dormem, não têm medo de elementos religiosos e possuem, cada um, poderes únicos.



*Figura 5 - Capa da 1ª edição brasileira (2005) / Fonte: fotografia do acervo pessoal.*

---

<sup>30</sup> Estadunidense, nascida em 1973, a escritora traz para os livros da saga **Crepúsculo**, elementos de sua vida pessoal, como por exemplo: um clássico casamento religioso e filhos - a autora tem três crianças, frutos de seu matrimônio, enquanto sua protagonista, Isabella Swan, tem uma. Suas principais obras são os livros que compõem **Twilight (Crepúsculo, Lua Nova, Eclipse e Amanhecer**, todos publicados na primeira década do século XXI). Fonte: <http://www.geracaobooks.com.br/releases/?id=222>. Acesso em 29 de abril de 2015.



*Figura 6 - Edward Cullen brilhando no sol / Fonte: <https://queraservampyra.wordpress.com/2010/09/02/would-you-miss-the-sun/>.*

Como se fosse um **Romeu e Julieta**<sup>31</sup> do século XXI, a obra narra a história de amor entre Bella Swan, humana, e Edward Cullen, vampiro. Os jovens se conhecem no colegial, mais precisamente no ensino médio, e se encantam um pelo outro. Edward consegue ler mentes, por isso não se interessa por nenhuma das garotas fúteis da escola, no entanto, quando conhece Bella descobre que é impossível acessar seus pensamentos, e logo desenvolve uma certa obseção pela garota, que em seguida, se torna amor. A adolescente, por sua vez, é uma garota normal que, como as demais, nota a beleza estonteante do misterioso, pálido e discreto colega assim que o vê pela primeira vez. Logo o casal inicia um romance proibido, entre uma mortal e um imortal, e o que parecia impossível acontece: o vampiro se apaixona pela humana; o caçador, pela sua caça; ou como diz o herói da história: " - [...] o leão se apaixona pelo cordeiro..." (MEYER, 2005, p.123); indo na contramão do que costuma-se ver nas narrativas de Literatura Vampírica, uma vez que o vampiro costuma ser descrito como uma criatura extremamente sexual e predadora, que encherça os humanos como meras bolsas de sangue com as quais podem alimentar-se e se satisfazer sexualmente. Contudo, ainda que romantize o sanguessuga, a autora também o descreve de forma animalesca e sexualizada,

---

<sup>31</sup> Peça trágico-romântica do século XVI escrita por William Shakespeare, que narra a história de Romeu e Julieta, jovens apaixonados que não podem viver seu grande amor por conta de uma antiga rivalidade entre suas famílias. Para mais informações, consultar: [http://www.infopedia.pt/\\$romeu-e-julieta](http://www.infopedia.pt/$romeu-e-julieta). Acesso em 20 de abril de 2015.

afinal, em uma das passagens da obra Edward diz a Bella que o sangue da amada é como se fosse uma droga para ele, na qual é viciado, conforme consta no excerto a seguir, retirado da obra (MEYER, 2005, p.120):

Um momento se passou enquanto ele assemelhava seus pensamentos.

- Você sabe como as pessoas gostam de diferentes sabores? - ele começou. - Como alguns gostam de sorvete de chocolate, outros preferem morango?

Eu afirmei com a cabeça.

- Me desculpe pela analogia á comida, eu não conseguia pensar em outra forma de explicar.

Eu sorri. Ele sorriu de volta sem graça.

- Entenda, cada pessoa cheira diferente, tem uma essencia diferente. Se você colocasse uma pessoa alcólotra numa sala cheia de cerveja, ela beberia feliz. Mas ela poderia resistir, se ela quisesse, se ela fosse uma alcólica em reabilitação. Agora digamos que você coloca nessa sala uma garrafa de brandy de cem anos, o conhaque mais raro, mais fino, que enche a sala com o seu aroma, como você acha que ela reagiria?

Nós sentamos em silêncio, olhando para os olhos um do outro, tentando ler os pensamentos um do outro.

Ele quebrou o silêncio primeiro.

- Talvez essa não seja a comparação certa. Talvez fosse fácil demais recusar o brandy. Talvez o nosso alcólico devesse ser um viciado em heroína.

- Então, o que você está dizendo é que eu sou a sua injeção de heroína? - eu brinquei, tentando melhorar o clima.

Ele sorriu brevemente, parecendo apreciar meu esforço. - Você é exatamente minha injeção de heroína.

Fica claro após a leitura da passagem destacada, que, embora o Cullen de cabelos acobreados ame Isabella Swan, ele a vê como uma presa em potencial, assim como os demais vampiros da Literatura Gótica vêem os seres humanos, o que atribui ao livro uma característica um tanto quanto contraditória e questionável.

Repleto de romantismo e ação, o livro não só apresenta um vampiro no estilo dos príncipes encantados dos contos de fadas, que sonha em viver um amor cristão, consagrado pelo casamento religioso, como também faz um intertexto com **Entrevista com o vampiro**, de Anne Rice, ao criar um clã inteiro formado por sanguessugas que se alimentam somente de animais, a família *post mortem* de Edward, os Cullen.

Além disso, desenvolve um conflito na luta entre o bem e o mal, entre os bons vampiros e os malvados (que tomam sangue humano), ao fazer com que o príncipe encantado de caninos grandes — caninos não, todos os seus dentes são afiados, mais prolongados e mortais — saia em uma jornada de vida ou morte para salvar sua amada das garras de James, um chupa-sangue tradicional: sedento por sangue, sádico e poderoso.

Assim como outras obras literárias, **Crepúsculo** ganhou adaptações tanto de seu primeiro livro, como do restante das obras que compõem a saga. Nesse caso, não foi apenas para o cinema que foi adaptado, mas para os quadrinhos também. O romance ganhou o longa-metragem de mesmo título em 2008 sob a direção de Catherine Hardwicke. Já no mundo das revistas em quadrinhos, foi intitulado **Crepúsculo** — Graphic Novel<sup>32</sup>, e foi publicado pela primeira vez em 2010.

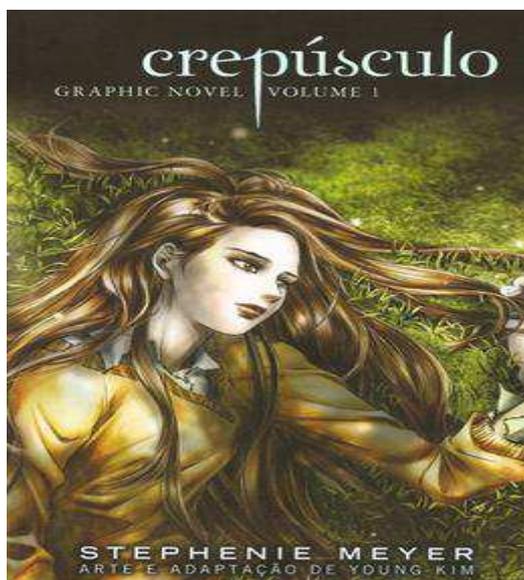


Figura 7 - Capa da Graphic Novel brasileira / Fonte: <http://dailyofbooks.blogspot.com.br/2013/04/graphic-novel-voce-gosta.html>.

A saga conta, ainda, com sites e páginas da internet<sup>33</sup>, tendo alcançado também o espaço da hipermídia. Alguns deles são oficiais, como o site produzido pela Editora Intrínseca, responsável pelas publicações brasileiras de **Crepúsculo**, de mesmo nome do título-símbolo da série — <http://www.intrinseca.com.br/crepusculo/home/index.php> — e a página produzida pelo canal de televisão TELECINE, presente na rede social *Facebook*,

---

<sup>32</sup> Para mais informações, consultar: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/840314-crepusculo-ganha-versao-em-quadrinhos-veja-imagens.shtml> e [http://issuu.com/odt2013/docs/crepusculo\\_i](http://issuu.com/odt2013/docs/crepusculo_i). Acesso em 20 de abril de 2015.

<sup>33</sup> Sites e páginas acessados em 29 de abril de 2015.

**Saga Crepúsculo:** <https://www.facebook.com/tc.crepusculo>. Outros são criações dos fãs de **Twilight**, tais como: o famoso **Foforks** (<http://foforks.com.br/>), e **Frases de Crepúsculo** (<https://www.facebook.com/pages/Frases-de-Crep%C3%BAsculo/193440500747921>), do *face*, assim como a primeira.

#### 4. O VAMPIRO NA LITERATURA INFANTIL

A presença do personagem vampiro na Literatura Infantil é relativamente nova. Enquanto os primeiros textos vampíricos da Literatura datam de meados do século XVIII, as obras vampíricas pertencentes à LI são frutos de produções literárias do século XX.

Dentre as principais diferenças entre o sanguessuga tradicional e o presente nos livros escritos para as crianças leitoras, destaca-se:

- a presença constante do vampiro bom, como um meio de passar uma mensagem a seu leitor;
- mortos-vivos que não se alimentam de sangue, mas de leite e de tinta, por exemplo;
- feições mais amigáveis, e caracterizações mais suaves do ser de caninos prolongados.

Contudo, propriedades pertinentes ao *lampir*<sup>34</sup> clássico, como a presença do elemento gótico — hábitos noturnos, uso de roupas escuras, ar sombrio —, por exemplo, e a vida eterna, também são encontradas nas obras vampíricas da Literatura Infantojuvenil. E o componente principal da Literatura Vampírica, o próprio vampiro, está totalmente envolvido e tem participação crucial nos escritos dessa linha, sejam eles livros pertencentes à Literatura Infantil ou à Adulta.

---

<sup>34</sup> Variante do termo servo-croata *vampir*, utilizado na Bósnia e em Montenegro, como apresentam Martha Argel e Humberto Moura Neto (2008, p.21).

Cabe, aqui, refletir acerca das facetas do vampiro presentes em alguns livros de Literatura Infantojuvenil, a fim de traçar um perfil desse ser que tanto encanta leitores do mundo todo e de diversas idades, dentro do universo de algumas obras literárias para crianças. Para isso, serão expostas e analisadas as seguintes obras: **O pequeno vampiro**, de Angela Sommer (2014); **O chupa-tinta**, de Éric Sanvoisin (2006); **O vampiro que descobriu o Brasil**, de Ivan Jaf (2013); **Minha irmã vampira: trocadas**, de Sienna Mercer (2010). Cada qual, pertencente a uma nacionalidade diferente — alemã, francesa, brasileira e canadense, respectivamente, são todas possuidoras de uma originalidade que lhes torna únicas.

#### 4.1. O PEQUENO VAMPIRO, DE ANGELA SOMMER

Publicado pela primeira vez em 1979, o livro **O pequeno vampiro**, da autora alemã Angela Sommer-Bodenburg<sup>35</sup>, é o primeiro de uma série que contém mais de 15 volumes, tais como: **O pequeno vampiro no sítio** (1986); **A viagem do pequeno vampiro** (1987). Além disso, a obra ganhou adaptações para o cinema, como por exemplo, o filme **The little vampyre** (ou **O pequeno vampiro**, em português), lançado no ano 2000, nos Estados Unidos.

A narrativa conta a história da improvável, mas verdadeira amizade nascida entre Anton, um menino comum de classe média, apaixonado por livros de terror, mais especificamente os que tratam de vampiros; e Rüdiger, um vampiro feio, que possui um "[...] cheiro estranho (...) como se alguém tivesse riscado uma caixa de fósforos inteira" (SOMMER, 2014, p.4) — faz menção ao enxofre —, o qual aparenta ter idade aproximada a do garoto — entre 09 e 12 anos —, mas que na verdade possui 150 anos. O motivo disso? Fora transformado ainda criança. Basicamente, a obra trata exatamente disso: da poderosa, sincera e verdadeira amizade, que supera as diferenças — sejam elas físicas, culturais ou sociais — e vence preconceitos.

---

<sup>35</sup> Nascida em 1948, a escritora alemã de **O pequeno vampiro**, Angela Sommer, é conhecida por ser uma autora de livros de fantasia para crianças. Fonte: <http://www.skoob.com.br/autor/3522-angela-sommer-bodenburg>. Acesso em 29 de abril de 2015.

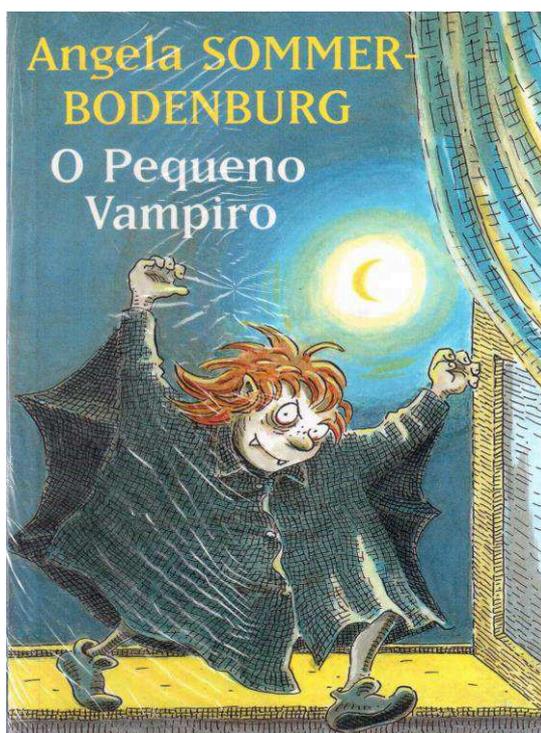


Figura 8 – Capa do livro (4ªed.; 3ª tiragem)<sup>36</sup>

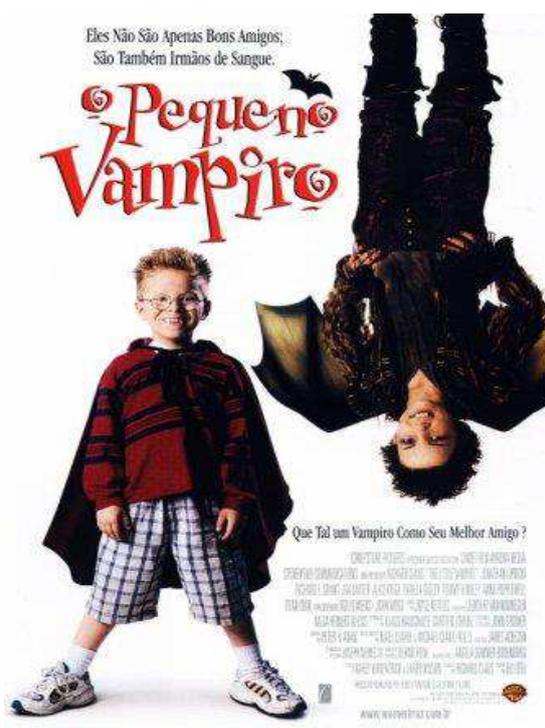


Figura 9 - Filme<sup>37</sup>

Além de valorizar seu leitor e de demonstrar pleno entendimento de que a criança leitora é capaz de fazer leitura séria e de vocabulário diferenciado, uma vez que o vocabulário presente na obra é rico e variado, o livro utiliza-se de um dos paratextos mais antigos que existem: a ilustração, a fim de enriquecer a relação entre texto e leitor. Os desenhos são obra de Amelie Glienke, e embora sejam poucos, são impactantes. São rústicos e não são coloridos, e quando presentes, complementam partes do texto relevantes ao leitor, como por exemplo: a breve descrição das personagens feita previamente (antes do índice da obra), junto da qual constam caricaturas de cada uma delas, e de quando Rüdiger entrega uma capa a Anton, para que possam voar juntos, noite a dentro:

<sup>36</sup> Fonte: fotografia do acervo pessoal.

<sup>37</sup> Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-26073/>. Acesso em 24 de junho de 2015.

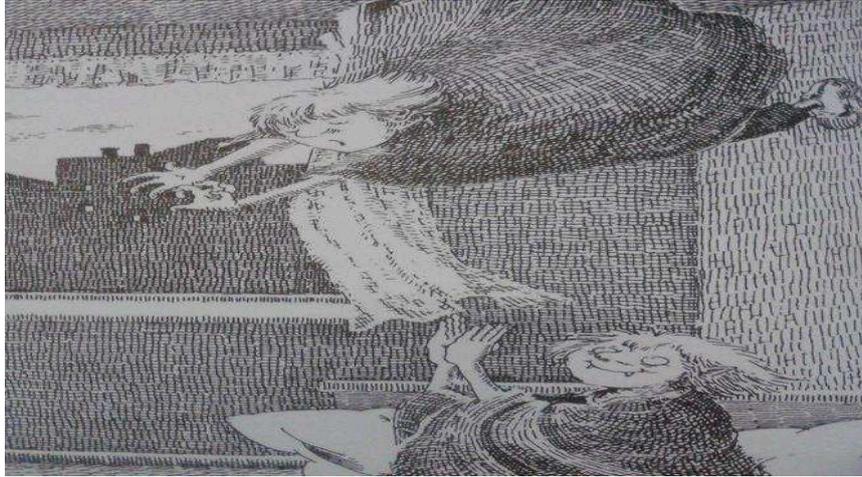


Figura 10

— *A noite é uma criança!* - dizendo isso, ergueu-se e voou noite adentro. Anton, que de uma hora para outra perdera todo o medo, o seguiu (SOMMER, 2014, p.32-33) – Fonte: fotografia do acervo pessoal.

A mistura entre narração e diálogos é outra característica que se destaca no texto. Sommer administra muito bem as doses de interação direta entre os personagens de sua obra, e conta ainda com um narrador em terceira pessoa, totalmente imparcial, que serve mais como um instrumento de auxílio à leitura, presente em momentos que necessitam de descrições um pouco mais aprofundadas das cenas, como ocorre no início do capítulo intitulado *Um novo membro da família* (p.108-109), que retrata o momento em que Anton tenta lembrar-se do sonho que tivera:

No meio da noite, Anton acordou. Esfregou os olhos e piscou. Onde estava? Há alguns instantes estava no meio de todos os vampiros, sentado a uma mesa comprida, e Sabina von Schlotterstein, a Terível, fazia um discurso... Mas agora estava na cama!

Ao seu lado ouviu o tique-taque do despertador e sob a luz fraca que entrava pela janela distinguiu os contornos de sua escrivaninha e do abajur. Anton respirou aliviado. Por um momento ele achou que estava mesmo no cemitério, onde havia uma grande festa!

Tentou lembrar-se do sonho. Ah, agora estava lembrando: um novo vampiro entrara para a família! Para comemorar, os vampiros tinham decorado toda a cripta.

A obra é repleta de ação e suspense, e ainda conta com um toque de terror, remetendo-a ao universo da Literatura Gótica. Além disso, apresenta como tema a amizade. Nota-se, ainda, a presença de intertexto. Ao retratar a família do pequeno vampiro, com todos os seus membros exóticos e sanguinários que a compõem, nos remete ao conto de Alexei Tolstói, **A família do Vurdalak** (1839), o qual também conta

com uma família vampira, formada por membros que, ainda em vida, já possuíam os laços cosanguíneos apresentados *post mortem*.

A obra retrata o vampiro de diferentes maneiras, atribuindo a ele as mais variadas facetas:

- o menino-vampiro, representado por Rüdiger, que é encantado pelo mundo humano, e que, como alguns membros de sua família alimenta-se de sangue de vaca;
- a menina-vampira, Anna, irmã mais nova do pequeno vampiro centenário. Vampirizada ainda na primeira infância, tem o leite como fonte de alimentação. Assim como seu irmão e Anton, adora histórias de terror — principalmente as que tratam de vampiros!;
- o adolescente-vampiro, retratado por Lumpi, o Forte, irmão mais velho de Rüdiger. Vampiro que está na puberdade, e que por isso é uma personagem instável, que se irrita com facilidade;
- a vampira clássica, caracterizada por Tia Doroteia, membro mais sanguinário e perigoso de todos os vampiros da família de Rüdiger — alimenta-se de sangue humano.

Embora seja um livro classificado como *para crianças*, e por isso pertencente à Literatura Infantojuvenil, pode e deveria ser lido pelos leitores de todas as idades, afinal apresenta um texto bem desenvolvido e rico em elementos (para-)textuais e além-texto. Não obstante, sua narrativa é bem construída, e abre espaço para diálogos interessantes entre os personagens. E, ao contrário de muitos textos vampíricos da Literatura Adulta que objetivam unicamente levar seus leitores ao medo e à excitação, desenvolve uma história criativa e original, que permite a seu leitor, interpretá-lo e retirar dele uma mensagem a partir da maneira que mais lhe faz sentido.

## 4.2. O CHUPA-TINTA, DE ÉRIC SANVOISIN

**O Chupa-tinta**, livro de Éric Sanvoisin<sup>38</sup>, publicado na França, em 1996, embora fisicamente pequeno (possui 41 páginas), torna-se imenso, tamanha é a riqueza de elementos que o compõem. Não é à toa ser considerado um clássico da Literatura Infantojuvenil francesa. Primeiro de uma série de publicações, tem como sucessores mais seis, valendo a pena destacar **Um canudinho para dois**, obra publicada pela primeira vez em 2006 no Brasil. Esta, apresenta um intertexto constante nas demais: o surgimento de Carmilla, à qual faz referência a personagem título da Novela Gótica, **Carmilla** (1872). Aqui, a vampirinha é sobrinha de Draculivro — outro intertexto, tema que será desenvolvido mais à frente —, e inicia uma amizade com ares de romance com o protagonista da história, Odilon.

Em **O Chupa-tinta** nos é narrado de forma rápida e intensa, o encontro entre Odilon — um garoto que aparenta ter entre 10 e 12 anos —, filho de um livreiro que, por sua vez, odeia livros, e Draculivro, um vampiro centenário que chupa as tintas das obras literárias ao invés de tomar sangue. Tal acontecimento culmina na transformação do menino em um chupa-tinta, possível metáfora para instigar seus leitores, as crianças leitoras, a lerem sempre e sentirem prazer em suas leituras, e também em adquirir o que nelas há de mais importante: o conhecimento; seja ele concreto ou abstrato. Basicamente, a obra trata do saber e do sabor, ou melhor, da produção de sentido e do prazer que podem ser obtidos através do ato de ler, dialogando com Roland Barthes, que trata em sua obra, **O prazer do texto** (1996), sobre o texto de prazer e o de fruição, afirmando que o “texto de prazer [...] contenta, enche, dá euforia” (BARTHES, 1996, 21); é “[...] aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura” (1996, p.21-22). Enquanto, o texto de fruição é “[...] aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (...), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem” (1996, p.22).

---

<sup>38</sup> Autor francês de Literatura Infantojuvenil nascido em 1961, numa comunidade do Sudeste da França. A biografia presente em suas obras não fala de sua vida pessoal, e sim faz uma referência à narrativa do livro, como a presente em **O chupa-tinta** (2006): "É um autor estranho. Adora sugar a tinta da correspondência de seus leitores com um canudinho. Foi assim que ele teve a ideia de escrever esta história. Ele está convencido de que aqueles que lerem este livro serão seus irmãos de tinta [...]" (SANVOISIN, 2006).

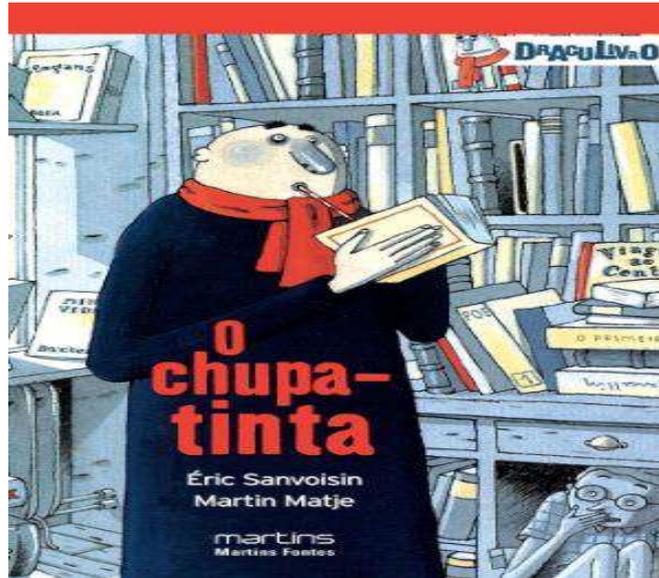


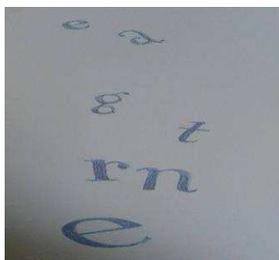
Figura 11 – Capa do livro (1ª ed.; 2ª tiragem) / Fonte: fotografia do acervo pessoal.

A obra é repleta de suspense do início ao fim, e trabalha bem os elementos do gótico, principalmente no que diz respeito ao sobrenatural. Isso fica muito claro em uma das passagens finais da narrativa, quando Odilon, já vampiro (embora ainda não tivesse ciência disso), passa a sentir-se bem no escuro: "Eu me sentia maravilhosamente bem no escuro" (SANVOISIN, 2006, p.34). Em seguida, o menino-vampiro começa a ficar atraído pelos seus até então inimigos — os livros, chegando a os escutar chamando por ele, como se fossem fantasmas: "Sabidamente alinhados em suas estantes, os livros me chamavam. 'Venha. Venha! Abra-nos!' Era a primeira vez que eu desejava um livro. 'Venha. Venha! Folheie-nos!' (p.34-35). Além disso, leva seus leitores a um passeio sombrio e macabro pelo cemitério, no qual veem Odilon humano pela última vez... e nos apresenta, assim, caracteres do terror, como o medo e a ansiedade: "Eu estremeci mesmo sem querer. Cemitério não é lugar para crianças" (p.21).

A criação de Sanvoisin não só apresenta uma rica narrativa, a qual é construída por um narrador em 1ª pessoa, que narra os fatos, por sua vez, a partir de seu próprio olhar, uma vez que faz pouco uso de diálogos, dando à obra uma personalidade mais abstrata. Também utiliza elementos considerados essenciais nos livros para criança, tais como: o intertexto e o paratexto. Em relação ao primeiro, logo de início temos um encontro com um vampiro, que, posteriormente conheceremos por Draculivro, nome que faz menção a Drácula; este, por sua vez, personagem clássico e imortalizado criado por Bram Stoker em 1897, quando publicou **Drácula**, e também faz referência a livros devido ao fato de o morto-vivo se alimentar das tintas deles. Encontra-se, ainda, a asso-

ciação de fácil compreensão entre sangue e tinta — o primeiro, imprescindível para a sobrevivência dos sanguessugas clássicos; a segunda, indispensável para que nosso anti-herói continue sugando as páginas de muitos livros por aí. Em relação ao paratexto, o autor utiliza ilustrações a fim de enriquecer sua obra, apresentando duas modalidades diferentes — ambas criadas pelo ilustrador francês Martin Matje:

- ilustrações-enfeite: são menores e indiretas (exigem leitor atento), e costumam aparecer ao redor das páginas, como por exemplo, as letras azul-acinzentadas que dão a impressão de estar caindo pela folha da página 14 (figura abaixo), fazendo uma ligação com o texto, que descreve o momento em que Odilon avista Draculivro sugando a tinta de um livro:



Ele não o abriu. Apenas separou as páginas do meio e ali, na que se formou, plantou um canudinho que acabara de tirar do bolso. Sua boca se pôs a aspirar. Em seu rosto havia satisfação, como se dentro do livro houvesse suco de laranja com pedras de gelo.

Figura 12 – Fotografia / Fonte: acervo pessoal

- ilustrações principais: maiores e diretas, são fundamentais para que a criança leitora possa viajar pela narrativa, uma vez que complementam o texto de forma clara e objetiva, como a imagem que representa o momento em que o vampiro — a quem o garoto observava dormir — se ergue dentro do caixão, dando em Odilon um susto de gelar a espinha (p.24-25):

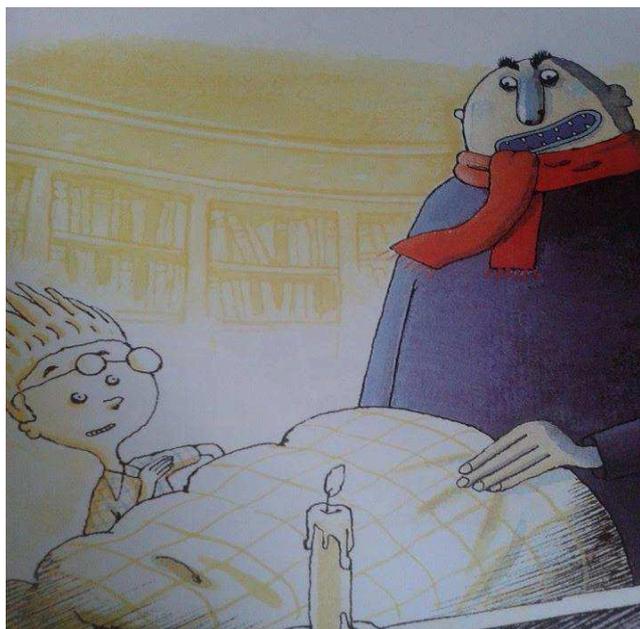


Figura 13 -

*Bruscamente, ele se ergueu e pôs seus olhos em mim; olhos fixos e injetados de tinta preta.*

*Meu sangue começou a ferver. De repente eu me senti mole como um ovo quente. Será que os vampiros gostam de comê-lo com pãozinho? – Fonte: fotografia do acervo pessoal.*

O personagem vampiro, Draculivro, ao mesmo passo em que possui uma caracterização física semelhante à do morto-vivo tomador de sangue tradicional, uma vez que é pálido, horripilante e possui a capacidade de dominar suas vítimas (meio termo entre hipnose e sedução) — "Seu sorriso era ofuscante e tão próximo, tão próximo... um véu preto pousou sobre mim, docemente, como algodão" (p.31); difere-se totalmente deste quando o assunto é caráter. No que diz respeito ao físico, o chupa-tinta francês se difere do chupa-sangue quando o assunto é "[...] sua pele de papel machê" (p.24), sobre a qual Odilon percebe que "[...] pequenas letras pareciam incrustadas como sardas" (p.24); além disso, "no lugar dos dentes, possuía penas pontiagudas de caneta-tinteiro" (p.31), e sua língua é agitada, "[...] pontuda e ameaçadora, semelhante a um pedaço de mata-borrão" (p.28). O sanguessuga savoiniano conta ainda com outro traço que o torna único: é alérgico a sangue, e por isso passou a se alimentar da tinta contida nos livros, segundo o próprio dentuço conta ao garoto (p.30):

"— Por que o senhor engole tinta?

— Por causa de um problema no fígado que já dura setenta e dois anos. É o único alimento que passa. Além disso, é nutritivo".

Em relação a seu caráter, Draculivro é educado e respeitoso com a criança, conforme mostra o excerto retirado da página 27: "— O que te traz aqui, pequeno? — Sua voz era doce e sibilante". É um vampiro do bem, que não ataca e nem machuca os seres humanos, e, como se isso não bastasse, dá a Odilon uma bênção (e não uma maldição), o torna um chupa-tinta, assim como ele, o qual finalmente entende o motivo do o quase-vivo sugar a tinta dos livros e não quando ainda está fresca:

Os livros eram um néctar dos deuses!

Mas o mais espantoso era que o sabor inundava minha língua variava conforme as palavras e as passagens do texto. Não era a tinta em si que eu absorvia, mas a aventura em estado puro.

[...] Quando desmaiei na cripta, o vampiro gravou o nome dele em meu braço com as penas que lhe serviam de dentes. *Draculivro...* De agora em diante, eu pertencia a ele. Eu me tornei um chupa-tinta. Então, pela primeira vez na vida, fiquei feliz por meu pai ser livreiro (p.37-38; 41).

Ao fim da leitura, é possível afirmar que a obra exige um leitor curioso e interessado, pode-se relacionar, também, **O chupa-tinta** com **Petrus Logus - O guardião do tempo**<sup>39</sup>, livro de ficção brasileira, pertencente ao tópico do fantástico, escrito por Augusto Cury e lançado no ano de 2014. Afinal de contas, ambas tratam do mesmo tema: o prazer da leitura e, através dela, a aquisição do conhecimento, seja ele intelectual, ou de mundo. Assim como Petrus Logus amava os livros e "[...] estava feliz da vida, animadíssimo para viajar pelo mundo do conhecimento, para abraçar o maior tesouro da humanidade" (CURY, 2014, p.132), Odilon, agora, encantara-se pelo universo da leitura, e estava sedento para beber de suas obras não a tinta que formavam as palavras nelas escritas, mas o conteúdo por estas trazido.

#### 4.3. O VAMPIRO QUE DESCOBRIU O BRASIL, DE IVAN JAF

Lançado no ano de 2000, o livro **O vampiro que descobriu o Brasil**, do escritor brasileiro Ivan Jaf<sup>40</sup>, é apenas um dos muitos por ele já publicados dentro do universo vampírico, uma vez que o autor carioca adora se aventurar por temas do fantástico que envolvam vampiros, dragões, super-heróis. O mais recente, de 2007, intitula-se **A insonia do vampiro**.

Nesta obra, conta-se a história de Antônio Brás, um português vampirizado aos 29 anos, no ano de 1500, que participou do período de descobrimento e de colonização do Brasil, e fez parte da história do país enquanto estava à caça de seu al-

---

<sup>39</sup> A obra narra a história de Petrus Logus, um jovem príncipe amante dos livros e do conhecimento, que vive em um mundo pós-Terceira Guerra Mundial, no qual as escolas e a leitura foram abolidas, por serem vistas como armas de destruição da humanidade ainda mais poderosas do que a bomba nuclear. E retrata a sua jornada em busca de um mundo mais sábio e justo.

<sup>40</sup>Nascido no Rio de Janeiro em 1957, Jaf é escritor, dramaturgo e roteirista de cinema. O autor brasileiro tem mais de 40 publicações, as quais costumam envolver temas como: a corte portuguesa, mestres da Literatura, dragões e vampiros. Fonte: verso da contra-capas de **O vampiro que descobriu o Brasil** (2007).

goz, o vampiro que lhe transformou, a fim de recuperar sua humanidade e ter de novo tudo o que lhe foi tirado e que tornava-lhe humano: a família, o processo de envelhecimento e a morte — próprios dos mortais, e sua refeição preferida: bacalhau frito no azeite; trocada agora, por doses vitais de sangue.

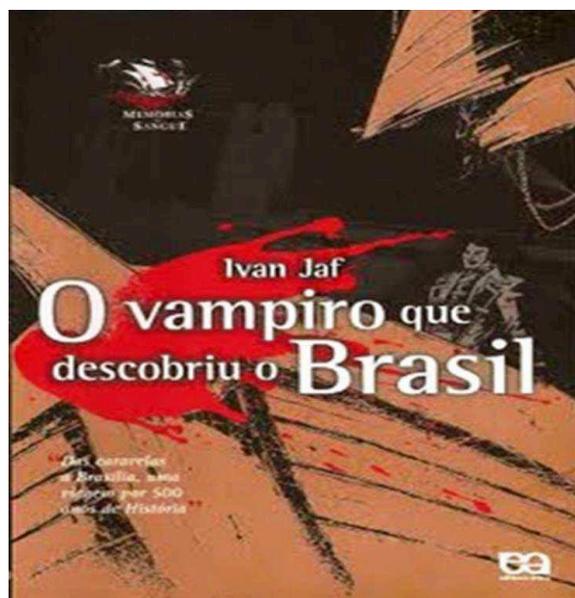


Figura 14 – Capa do livro (6ªed.; 7ª impressão) – Fonte: Fotografia do acervo pessoal.

Pode-se afirmar que o romance de Jaf é crítico e histórico ao mesmo tempo em que é fantástico e ficcional, uma vez que, mais do que falar de vampiros fictícios, apresenta de forma relativamente ácida muitos acontecimentos ocorridos no Brasil durante os cinco séculos nele retratados— desde o início de sua colonização, no século XVI, até o final do XX — em virtude das ações nocivas de sanguessugas da vida real. No entanto, o que o autor visa não é desmerecer o país, e sim, através de seu posicionamento diante das desigualdades e injustiças tão latentes na história política, cultural e social brasileira; e do uso do paradoxo, contrapondo pontos positivos e negativos do local, mostrar que tem esperanças de fazer do Brasil um lugar melhor para se viver, e de proporcionar mecanismos para que o seu leitor — em formação, supõe-se — possa contribuir para tornar este, um país não apenas *bonito por natureza*, como canta Jorge Ben Jor<sup>41</sup>, e sim justo e bem organizado.

A narrativa utilizada no texto tem um tom irônico, e, ao mesmo passo em que envolve a criança leitora na história do vampiro Brás — que queria voltar a ser humano, apresenta, normalmente em notas destacadas do enredo, alguns fatos históricos

<sup>41</sup> Letra disponível em: <http://letras.mus.br/jorge-ben-jor/46647/>. Acesso em 22 de abril de 2015.

ocorridos no país, tal como se percebe nas páginas 26 e 27, nas quais mistura ficção e realidade, ao escrever um encontro entre Antônio e um jesuíta, e, em seguida, informar seu leitor sobre quem seriam os inacianos (outro nome atribuído aos padres pertencentes à Companhia de Jesus)<sup>42</sup>. Além disso, envolve o leitor em uma trama recheada de suspense, ação e uma dosagem moderada de sangue, afinal de contas, em se tratando de vampiros, não poderia deixar-se de falar em hemoglobina, alimento que lhes permite viver. Ainda vale destacar, o fato de ser uma narrativa densa e com poucos diálogos entre os personagens, mas muitos internos, ou melhor, entre o portuga de caninos prolongados e ele mesmo, em seus próprios pensamentos.

É possível dizer que a obra é altamente intertextual, visto que conversa direta e constantemente com a história do Brasil, e também relaciona-se com outros textos da Literatura Vampírica. Um deles é **Entrevista com o vampiro** (1976), de Anne Rice. Assim como Louis, o morto-vivo de Ivan Jaf repudia a imortalidade e sente falta da vida humana, o que inclui, no seu caso, as saudades que sente, inclusive, de pegar um resfriado ou de sentir uma dor de cabeça, fora a falta que suas amadas "[...] lascas de bacalhau frito no azeite e vinho tinto rascante" (p.111), tanto lhe fazem ao longo do livro. Não obstante, assim como na obra de Rice e em **Crepúsculo** (2005), de Stephenie Meyer, o vampiro lusitano não bebe sangue humano, pois sente-se culpado só de pensar em correr o risco de matar uma pessoa ou, ainda pior! De amaldiçoá-la, a tornando igual a ele. Outros dois textos com o quais **O vampiro que descobriu o Brasil** se relaciona são as obras de Bram Stoker, **Drácula** (1897), e de John Polidori, **O vampiro** (1819). Seu antagonista, o Velho, assim como Drácula e Lord Ruthven, pertencentes, respectivamente, ao primeiro e ao segundo romance, é um não-morto que foge às regras. "[...] O Velho (...) não se submetia a nenhuma das regras dos mortos-vivos. Podia andar por aí durante o dia, por exemplo. E dormir à noite. E respirar, comer, beber, fazer xixi e amar as mulheres" (JAF, 2013, p.31-32).

As ilustrações também estão presentes no livro, cumprindo seu papel de paratexto, e envolvendo ainda mais quem o lê na atmosfera gótico-fantasiada da narrativa. Possuem traços rústicos, são sombrias, agressivas, e, de certa forma, macabras. Contam ainda com um jogo de cores que varia entre o cinza, o preto, o branco e o vermelho,

---

<sup>42</sup> Os jesuítas (inacianos) eram devotos de Santo Inácio de Loyola – fundador da Companhia de Jesus. Para mais informações, consultar: <http://www.jesuita.org.br/somos-jesuitas/>. Acesso em 24 de junho de 2015.

imerso totalmente o livro e o leitor no mundo vampírico, como nota-se na imagem presente na página 91, que retrata a fuga do vampiro antagonista do corpo do presidente Getúlio Vargas — narrada entre as páginas 91 e 92 —, após seu suposto suicídio, observada de longe por Antônio Brás, que estava escondido em cima de uma alta palmeira:



Figura 15 – Fotografia / Fonte: acervo pessoal.

Um ponto interessante das imagens contidas na obra, é o fato de que a contracapa também é ilustrada. Possui em sua frente e em seu verso uma cópia da pintura de Joseph Leon Righini, **Rio na floresta brasileira, Pará** (1872)<sup>43</sup>, toda (re)pintada em tons que variam entre o cinza e o preto, e contando com um fundo vermelho-sangue.

No tocante ao vampiro, em um primeiro momento é ele tido como a representação do desconhecido, a qual faz parte das propriedades referentes à Literatura Fantástica que faz com que atraia tantos leitores. Em seguida, Ivan Jaf nos apresenta dois tipos de mortos-vivos: o bom, caracterizado por Antônio Brás, e o mau, personificado pelo Velho. Em relação ao bom-dentuço, este tem descrito de forma breve o seu processo de transição nas primeiras páginas da narrativa:

[...] a transformação seria lenta mas irreversível. Em poucos dias teria todas as características dos vampiros: a pele completamente branca, a

<sup>43</sup> Nota presente na orelha frontal da contracapa do livro.

necessidade de sangue fresco pelo menos duas vezes por semana, a ausência de respiração, os instintos aguçados de um lobo e a aversão total à luz do sol (p.12-13).

Além disso, como já explanado, Antônio não se alimenta de sangue humano. Na verdade, a única vez em que bebeu direto da jugular de alguém, fora nos anos 70 — época em que festas regadas a drogas e bebidas chegaram a seu auge —, quando "[...] mordeu o pescoço de uma mulher, durante o pôr do sol na praia da Ipanema. Ela havia fumado um baseado e ele passou uma semana doído, contando a todos que era um vampiro" (p.99). Outro ponto importante, e que caracteriza ambos os vampiros do texto, é o fato de que com o tempo passaram a suportar a luz solar. O mais antigo, o Velho, já aproveita a luz do dia desde que o bom não-morto o conheceu, este, por sua vez, apenas após 300 anos de vida vampira é que

[...] podia pegar sol, como qualquer mortal, e provavelmente foi o primeiro e único vampiro a ir à praia e a ficar bronzeado.

Seus olhos, porém, sensíveis demais, precisavam de proteção. Para isso comprou óculos com lentes sem grau, cobriu-as com fumaça de vela e inventou os óculos escuros (p.51).

Quanto ao chupa-sangue malvado, cabe dizer que diferencia-se de Brás em vários aspectos. Primeiramente, é muito antigo, não se sabe ao certo a sua idade. Em segundo lugar, ama ser vampiro, embora sinta um pouco o peso do tédio da eternidade. Como bom fugitivo, quase não é pego pelo herói da narrativa, afinal de contas possui a habilidade de trocar de corpo, usando os humanos como meros recipientes a fim de sanar suas necessidades, sendo a mais importante delas esconder-se; por isso sua preferência se por homens nobres e ricos: luxo e proteção — no passado, possuía os senhores de grandes posses financeiras mais discretos que encontrava, no século XX, passa a incorporar personalidades conhecidas, mas bem protegidas, como os políticos, Como por exemplo: João Pessoa e Getúlio Vargas. A verdade é que o dentuço do mal envolve Antônio em um jogo de gato e rato, do qual o lusitano tinha poucas chances de sair vencedor. No entanto, às vezes, o que parece impossível acaba acontecendo...

Na criação literária de Ivan Jaf há a presença do elemento sexual. Como fica claro ao longo do texto, os vampiros possuem desejos carnis e são extremamente sedutores, porém, por serem seres mortos-vivos, não conseguem consumir o ato, visto não possuírem circulação sanguínea. Próxima ao desejo pelo sexo, em uma pequena linha tênue que lhes separa, se encontra a necessidade de beber sangue humano. O pra-

zer obtido no ato é tamanho que chega a lembrar o gozo sexual, visto que ambos estão relacionados aos prazeres da carne. Todavia, o que chama mais atenção numa passagem com conotação sexual não é sexo em si, mas a presença do preconceito racial e social, oriundo dos tempos da colonização do Brasil: "Domingos adorava festas e mulheres. Embora não pudesse consumir o ato, flertava com todas. Mas era o pescoço das negras escravas que acabava chupando no final da noite. Como o Velho, **gostava de conviver com os ricos, mas se alimentava dos pobres**<sup>44</sup>" (p.60).

**O vampiro que descobriu o Brasil**, não facilita a leitura que é disponibilizada ao seu leitor. Muito pelo contrário! Cumpre o papel de fazer com que as crianças leitoras — aqui provavelmente já na (pré-)adolescência — que o leem, atuem, mais do que como leitores, como pensadores. Ler a obra de Ivan Jaf é um constante exercício de aquisição do conhecimento e de reflexão. É como ter uma aula de história com uma pitada de sonho.

#### 4.4. MINHA IRMÃ VAMPIRA: TROCADAS, DE SIENNA MERCER

Primeiro de quatro livros, a obra **Minha irmã vampira: trocadas**, da autora canadense Sienna Mercer<sup>45</sup>, foi publicada pela primeira vez em 2007. No Brasil, sua primeira edição data do ano de 2010. As demais que completam a série são: **Minha irmã vampira: surpreendentes**, **Minha irmã vampira: revampirizada** e **Minha irmã vampira: vampalicioso**, todas publicadas em 2007 no Canadá, e com 1ª edição brasileira em 2010, assim como a que as precede.

No livro é narrada a história de Olivia e Ivy, irmãs gêmeas que não faziam ideia da existência uma da outra, até que a primeira muda-se para Franklin, onde morava a segunda. Embora possuam estilos diferentes, as garotas logo descobrem que são gêmeas idênticas, afinal são iguaizinhas! E uma nova amizade surge rapidamente,

---

<sup>44</sup> Grifo próprio.

<sup>45</sup> Escritora canadense nascida em 1956, vive atualmente em Toronto. Costuma escrever seus livros em seu sótão, o qual é cercado por fotos das viagens que já fez. Fonte: <http://www.skoob.com.br/autor/7335-sienna-mercer>. Acesso em 29 de abril de 2015.

ainda que Olivia seja uma patricinha que adora rosa e queira tornar-se líder de torcida, e que Ivy seja gótica, e, bem, uma vampira...

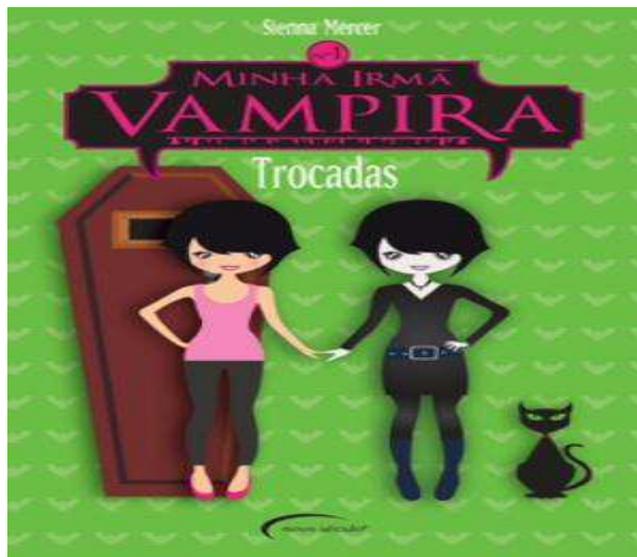


Figura 16 – Capa do livro (1ª ed.) / Fonte: fotografia do acervo pessoal.

Diferentemente do que se espera de uma literatura vampírica, o livro possui uma capa bem colorida, e ainda conta com morcegos prateados impressos em seu fundo, em um leve autorrelevo, como se pode observar na figura 16. Ao contrário também do que se costuma observar em obras de Literatura Infantojuvenil, o uso de paratextos é mínimo. Na verdade, se restringe praticamente à sua capa, que além de ser chamativa é dura, e ao gato preto de olhos cinzas desenhado no início de cada capítulo — e ilustrado junto das irmãs, também na apresentação do livro externa.

Quanto ao uso de intertextos, pode-se destacar dois: primeiramente, a relação com **Carmilla** (1872), de Sheridan Le Fanu, presente pelo fato de a melhor-amiga de Ivy, também vampira, chamar-se Camilla, fazendo uma alusão, portanto, ao nome da personagem-título do primeiro texto. Depois, nota-se uma proximidade com a obra **Crepúsculo** (2005), de Meyer, uma vez que assim como Bella Swan, muda-se para Forks, uma cidade habitada por vampiros e por humanos na saga **Twilight**<sup>46</sup>, Olivia vai morar em Franklin, localidade quase que totalmente vampira. Não obstante, surge novamente o vampiro vegetariano, Ivy, que, assim como Edward Cullen, não se alimenta de sangue humano, e sente necessidade de conectar-se com a humanidade perdida: "Disse que somos *gente*. Com corações e almas e tudo mais; Também lutamos pela vida, pela

<sup>46</sup> Título original da série **Crepúsculo**.

liberdade, buscamos a felicidade como qualquer outra pessoa. Nem conversamos muito sobre isso entre nós. É como você ser vegetariana" (MERCER, 2010, p.141). Outra associação possível com a criação de Stephenie Meyer é a comparação feita pelas personagens entre vampiros e humanos a animais: Enquanto a primeira os compara com leões e cordeiros, aqui, os vampiros são isso mesmo, vampiros, já as pessoas são chamadas de coelhinhas (o que se aproxima da figura do cordeiro). Tal enlace pode ser percebido também ao relacionar-se **Minha irmã vampira a Harry Potter e a pedra filosofal**<sup>47</sup>, que nomeia os bruxos de bruxos, e os seres humanos de trouxas.

Aos leitores da obra, não pode faltar: vontade de ler, curiosidade e habilidade de interpretar e refletir a partir de suas leituras, uma vez que possui uma narrativa bastante dinâmica, e mistura muito bem o uso ora do narrador, ora de diálogos. Sobre narração textual vale ressaltar que o livro possui dois: as irmãs Olivia e Ivy. Mercer criou uma contação diferente, por meio da qual o leitor tem a oportunidade de enxergar a história através de dois pontos de vista diferentes, nenhum, porém, imparcial, vale lembrar.

O elemento gótico está presente do início ao fim da narrativa, e isso inclui a representação da irmã vampira na capa. Os chupa-sangue da obra vestem-se, em sua maioria, de preto. Também são pálidos e quietos, introspectivos. Na verdade, tudo o que diz respeito aos mortos-vivos é mais escuro e obscuro, enquanto o que está relacionado aos humanos é mais vivo e colorido, como as líderes de torcida, todas alegres e extrovertidas, fofas, como o animal ao qual são identificadas pelos dentuços: o coelho — "[...] sei que sou uma vampira e você é uma coelhinha" (MERCER, 2010, p.134), apresentando uma clara metáfora quanto à relação de predador e presa (coelhinha) – de vampiro e ser humano.

Além de góticos, os vampiros são caracterizados pela autora como seres sérios, tímidos e que não sabem dançar:

Brendan levantou-se.

— Vamos — disse ele, segurando a mão de Ivy. — É a *primeira* dança.

Ivy sacudiu a cabeça:

---

<sup>47</sup> Livro publicado pela primeira vez em Londres, em 1997.

— Nós não dançamos, lembra?

Os olhos de Brendan faiscaram, e ele se inclinou mais para ela.

— É por isso que eles chama de primeira dança, Ivy — disse ele (p.178).

Seus olhos são de cor púrpura, são alérgicos a alho, curam-se com rapidez e, ao contrário dos vampiros clássicos, são repletos de sentimentos humanos, como o amor.

Família: este é o tema central da obra, apresentado já em seu começo, quando as meninas descobrem ser irmãs, e ficam radiantes: "— Bem, Olivia, eu sempre quis ter uma irmã gêmea do mal. / Olivia revirou os olhos. / — Era justamente isso que *eu* ia dizer!" (p.35). A família está presente até o final do livro, quando elas fazem um pacto, no último capítulo: "—Vamos fazer um pacto — Ivy sugeriu. / — Um pacto de vampiro? — perguntou Olivia. / — Não — Ivy revirou os olhos. — Um pacto entre nós. Um pacto de irmãs.

#### 4.5. AS FACETAS DO VAMPIRO NA LITERATURA INFANTIL VARIAM MUITO?

O vampiro se modifica muito a cada obra da Literatura Infantojuvenil em que aparece. Embora o personagem pertença a um só clã: o dos mortos-vivos tomadores de sangue, quando ganha vida pela imaginação e pelas mãos de cada autor, vira um ser totalmente diferente. Não se pode dizer que isso não ocorra na Literatura Adulta, pois acontece. Contudo, nesta, segue uma linearidade não encontrada na Literatura Infantil, a qual é movida muito mais pelo espírito criativo do que pela tradição quando o assunto são os chupa-sangue.

As diferenças entre os sanguessugas de cada uma das obras analisadas é gritante. Cada uma possui um vampiro único, que lhes atribui uma originalidade impossível de ser questionada, ímpar, embora fisicamente alguns personagens se assemelhem, como é o caso de Rüdiger e de Brás, que possuem presas, e de Draculivro e Ivy, que são pálidos e usam roupas pretas. No entanto, é impossível comparar, por exemplo, o menino-vampiro Rüdiger, de **O pequeno vampiro** (1979), de Angela Sommer, com Draculivro, de **O chupa-tinta** (1996), de autoria de Éric Sanvoisin, afinal de contas, enquanto

o primeiro é um garoto centenário que bebe sangue de vaca e cheira a enxofre, o segundo é adulto, possui mais de 500 anos e se alimenta da tinta constante nos livros que suga, uma vez que desenvolveu uma alergia ao sangue, assim como muitos humanos desenvolvem, por exemplo, à lactose. E não só os não-mortos de cada obra se diferenciam, como também suas narrativas e a mensagem que pretendem passar. Ainda tratando dos livros de Sommer e de Sanvoisin, enquanto este busca inserir sua criança leitora no mundo da leitura, o outro desenvolve-se em cima do tema da amizade.

No que diz respeito à criação de Ivan Jaf, **O vampiro que descobriu o Brasil** (2010), é de suma importância para a Literatura Brasileira, e deveria ser recomendada a utilização em sala de aula, não só pelos professores de língua portuguesa, mas também pelos de história. Em poucas páginas, a obra oferece uma gama imensa de conteúdos a serem estudados pelas crianças na escola, e ainda pode vir a servir como suporte para que o educador monte e administre aulas criativas, produtivas e reflexivas. Já sobre os vampiros nela presentes, podem ser comparados entre si, dispensando, portanto, comparações externas. As criaturas são tão diferentes, que nem parecem pertencer ao mesmo livro! E não só pelo fato de um ser bom e o outro mau, mas porque possuem características únicas, como se um não fosse cria(dor) do outro.

No que concerne à **Minha irmã vampira: trocadas** (2007), de Sienna Mercer, pode-se dizer, em um primeiro olhar, que é uma obra doce, familiar. Além de discorrer sobre o tema família, a escritora criou vampiros góticos, tímidos, extremamente humanos quando o assunto é sentimentos, e que possuem um supermercado para mortos-vivos, bem como cardápios especiais para eles nos restaurantes e lanchonetes.

Há, nos quatro livros estudados, todavia, um elo forte, que faz com que se tornem semelhantes, por mais diferentes que sejam: em todos eles estão presentes vampiros que não se alimentam de humanos. O que deixa claro que a finalidade das obras não é provocar sentimentos de medo e de apreensão em seus leitores, mas de diverti-los e os ensinar, de servir como instrumento de prazer e de fruição.

Traços fundamentais da literatura para criança, como: oralidade, uso de ilustrações, narrativas dinâmicas, presença de diálogos e desenvolvimento de textos abertos — e não meramente *legíveis*, podem ser encontrados em todos os quatro livros apresentados. Cada um à sua maneira, cumprem suas missões: encantam, abrem as por-

tas da imaginação e permitem que seus leitores em formação façam junto com eles uma viagem por narrativas inteligentes e criativas, e tudo isso de carona com o vampiro.

#### 4.6. DRACULaura: UMA GAROTA-VAMPIRA NA HIPERMÍDIA

Embora o que venha sendo discutido aqui sejam as facetas do vampiro em livros de Literatura Infantojuvenil, há uma personagem pertencente a outro tipo de leitura que merece destaque: Draculaura, uma garota-vampira que faz parte do recente universo da hipermídia, criado após o surgimento da internet, em 1973<sup>48</sup>. A menina integra a franquia de **Monster High**<sup>49</sup>, pertencente à marca Mattel — especializada na criação e venda de produtos para crianças e (pré-)adolescentes.



*Figura 17 - Personagens caracterizados nos websódios, desenhos e filmes de Monster High. No centro, de cabelos meclados (mechas pretas e rosas), Draculaura. / Fonte: <http://www.monsterhigh.com/pt-br/index.html>.*

<sup>48</sup> Dado encontrado na obra de Peter Hunt (2010, p.275).

<sup>49</sup> Inicialmente criada como uma linha de bonecas fashions que misturam elementos do gótico e da moda, hoje opera também na internet, na televisão e na literatura de origem escrita.



Figura 18 - Algumas das bonecas pertencentes à franquia. No canto direito, Draculaura. / Fonte: <http://tianenoca.com/index.php/sutilmente-trevas-parte-i/monster-high-bonecas-maria-haute-coiffure-blog-carola-duarte2/>.

A sanguessuga de saias foi criada, inicialmente, para ser apenas uma boneca fashion com ares góticos a ser lançada no mercado estadunidense por volta do ano de 2010. Ela e suas amigas, no entanto, fizeram tanto sucesso que logo ficaram conhecidas em vários países mundo à fora, o que culminou na adaptação de **Monster High** (uma escola para monstros) e de suas bonecas para o mundo dos desenhos animados, da webmídia e dos livros para crianças. Não demorou muito, novos integrantes passaram a frequentar essa escola docemente monstruosa em que Draculaura estuda. Todavia, o processo expansivo, aqui, se deu de forma diferente do que ocorreu com **O pequeno vampiro** (2014), de Angela Sommer e com **Drácula** (1897), de Bram Stoker: os livros é que serviram como adaptação da narrativa oral.

Draculaura é uma vampira adolescente que possui 1600 anos. Assim como os vampiros clássicos, é muito pálida; porém esse é seu maior traço gótico. Ela é super charmosa e vaidosa, não vive sem maquiagem e ama a cor rosa. Ainda que não possa ver-se no espelho — conforme o Conde Drácula, seu pai —, se preocupa muito com o seu visual. Não é à toa que seus amigos a chamam de Lady. A garota é vegeariana (literalmente!), e por isso não se alimenta de sangue. Inger apenas "[...] frutas, vegetais e muitos suplementos de ferro"<sup>50</sup>. O que a caracteriza como vampira, portanto, não é a necessidade de ingerir hemoglobina, afinal, adaptou-se a uma dieta sem a ingestão de sangue. No caso de Draculaura, o que a torna uma semi-viva draculeana são as caracte-

---

<sup>50</sup> Fonte: <http://www.monsterhigh.com/pt-br/characters/draculaura>. Acesso em 27 de abril de 2015.

rísticas físicas vampirescas que possui, tais como: caninos prolongados, palidez excessiva e juventude eterna, embora a garota comemore seus aniversários anualmente, afinal embora não envelheça fisicamente, completa mais um ano de existência a cada ano que passa, assim como os humanos completam mais um ano de vida.



Figura 19 - Personagem Draculaura<sup>51</sup>



Figura 20 - Boneca Draculaura<sup>52</sup>

A montagem da personagem é envolta de alusões a outros personagens vampiros consagrados. Primeiramente, com o poderoso vampiro de Stoker (1897), Drácula, que, muito mais do que dividir traços vampirescos semelhantes aos dela, como o fato de não refletirem no espelho e seus próprios nomes, é seu pai na narrativa. Ainda no seio familiar, sua mãe, a Condessa Vampiresca, apresenta uma relação tenaz com Elizabeth Bathory, mais conhecida como a Condessa de Sangue<sup>53</sup>. E o que pode-se dizer de seu vegetarianismo? Embora vá muito além daquele apresentado por Louis, Edward,

---

<sup>51</sup> Fonte: <http://monsterhigsinfos.canalblog.com/>. Acesso em 24 de junho de 2015.

<sup>52</sup>Fonte: [http://www.agomes.com.br/site/LVNDetalheProduto.aspx?cod\\_produto\\_pdt=264977&cod\\_secao\\_sec=1098&cod\\_indice\\_ind=112153](http://www.agomes.com.br/site/LVNDetalheProduto.aspx?cod_produto_pdt=264977&cod_secao_sec=1098&cod_indice_ind=112153). Acesso em 24 de junho de 2015.

<sup>53</sup> "A Condessa Elizabeth Bathory (*Erzsebet Báthory*, do original), foi uma das mulheres mais perversas e sanguinárias que a humanidade já conheceu. Os relatos sobre ela ultrapassam a fronteira da lenda e a rotulam através dos tempos como *A Condessa de Sangue*". Fonte e mais informações em: <http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/misterios/bathory.htm>. Acesso em 27 de abril de 2015.

Brás e Ivy — ambos criações de Anne Rice (1976), Stephenie Meyer (2005), Ivan Jaf (2009) e Sienna Mercer (2007), respectivamente, a singularidade presente entre Draculaura e esses vampiros é clara: nenhum se alimenta de sangue humano. Não obstante, todos possuem relevante carga de sentimentos humanos, ou, pelo menos, sentem falta deles. No caso da filha do maior morto-vivo de todos os tempos, vale ressaltar o fato de que ela possui a capacidade de amar, tanto a seus amigos, como ao garoto por quem é apaixonada e desenvolve um namoro *à la Romeu e Julieta*, assim como Bella Swan e Edward Cullen<sup>54</sup>: o lobisomen Clawd Wolf, que também estuda em Monster High.



Figura 21 - Draculaura e Clawd / Fonte:  
<http://monsterhighforever.blogspot.com.br/2013/03/draculaura-e-clawd.html>.

Por ser fruto de uma leitura hipertextual, que apoia-se, principalmente nos sentidos de visão e de tato, para então desenvolver uma narrativa de cunho oral presente em seus episódios — televisivos e *websódios* —, e finalmente partir para o texto escrito, Draculaura possui muito mais produtos de consumo lúdico do que literário. Dois bons exemplos são o carro e o caixão da vampirinha, utilizados por ela nos desenhos e vendidos como brinquedos e objetos de colecionadores.

---

<sup>54</sup> Referência já atribuída ao casal citado como comparativo para Draculaura e Clawd.



Figura 22<sup>55</sup>



Figura 23<sup>56</sup>



Figura 24<sup>57</sup>



Figura 25<sup>58</sup>

No que diz respeito à escrita, a principal fonte de leitura dos fãs da franquia/série é o próprio *website*<sup>59</sup> de **Monster High**. Nele, a criança leitora recebe o suporte de uma série de paratextos, dentre os quais salienta-se: o uso de imagens e o jogo de cores utilizado na página, o emprego de uma linguagem mais simples e direta, e de *links* que tornam a leitura mais dinâmica e interessante, a disponibilidade constante e sempre renovada de *websódios* gratuitos, e a interação com o leitor por meio de jogos e testes, proporcionando-lhe uma leitura aberta, e, portanto, muito mais construtiva e ins-

<sup>55</sup> Fonte: <http://lista.mercadolivre.com.br/bonecas-acessorios/monster-high-e-acess%C3%B3rios-draculaura-laguna-caix%C3%A3o-celular>. Acesso em 24 de junho de 2015.

<sup>56</sup> Fonte: [http://cammietoy sandloves.blogspot.com.br/2011\\_05\\_01\\_archive.html](http://cammietoy sandloves.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html). Acesso em 24 de junho de 2015.

<sup>57</sup> Fonte: [http://suyannemonstrinha.blogspot.com.br/2013/05/blog-post\\_22.html](http://suyannemonstrinha.blogspot.com.br/2013/05/blog-post_22.html). Acesso em 24 de junho de 2015.

<sup>58</sup> Fonte: <http://adoramos-monster-high-s2.blogspot.com.br/2012/08/imagem-oficial-da-draculaura-com-o-carro.html>. Acesso em 24 de junho de 2015.

<sup>59</sup> Disponível em: <http://www.monsterhigh.com/pt-br/index.html?mh>. Acesso em 27 de abril de 2015.

tigante. Quanto aos livros, estes seguem uma escrita bem tradicional, não fugindo nem um pouco do comum. E, por serem relativamente extensos — costumam beirar às 300 páginas, não fazem muito sucesso entre os fãs das monstrixas e dos monstrixos mais estilosos do planeta, que logo ao baterem os olhos em alguns deles reclamam de sua grossura. No tocante a Draculaura, uma das monstrixas mais admiradas pela garotada; porém, a saída de seu diário é relativamente boa. Talvez por teoricamente pertencer à dentuça nada sanguinária, quiçá, pelo seu formato — amparado por paratextos — de caderno, com hipotéticas escritas a mão. Quem sabe, ainda, por apresentar às crianças leitoras uma escrita mais pessoal e informal, que lhes causa imensa curiosidade pelo simples fato de poder conter confissões e segredos relativos à vida da filha da Condessa Vampiresca. Tal obra, mais do que alimentar a vontade de ler de seus leitores, pode despertar neles o interesse pela escrita, uma vez que permite-lhes interagir com o texto.



Figura 26 - Diário de Draculaura – Fonte: <http://www.izideal.pt/p15987986/monster-high-diario-dos-horrores-monster-high-roupa-de-festa-draculaur/>.

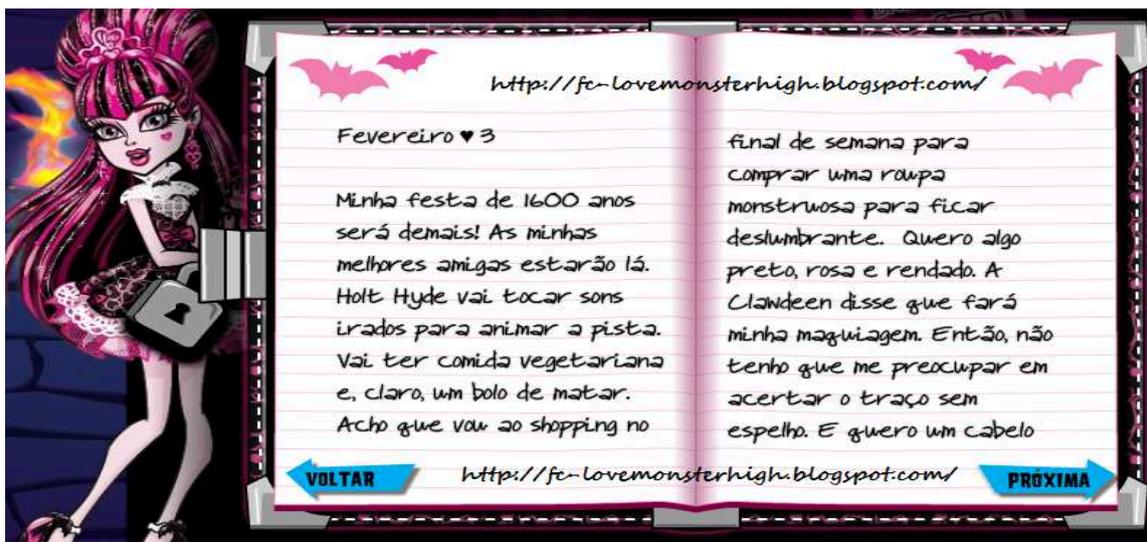


Figura 27 - Página do diário referente à festa de 1600 anos de Draculaura. – Fonte: [http://fe-lovemmonsterhigh.blogspot.com.br/2012\\_02\\_01\\_archive.html](http://fe-lovemmonsterhigh.blogspot.com.br/2012_02_01_archive.html).

O estrondoso sucesso de Draculaura e seus amigos da **Monster High** se deve (muito provavelmente) em maior parte à hipermidia, afinal de contas ela permite que a série e a franquia acompanhem o ritmo e os gostos de seus leitores e fãs, e faz com que aconteça "[...] a autoria múltipla" (HUNT, 2010, p.281) o que atrai muitos amantes/admiradores da leitura, principalmente aqueles que estão em formação — as crianças leitoras. Isso, segundo Hunt (2010, p.281), ocorre através do uso de instrumentos textuais como:

[...] os textos anotados, os sites e revistas eletrônicas que exploram narrativas novas ou antigas (...). O que antigamente se consideravam itens externos ou alheios (antecedentes do argumento, biografias dos atores, brinquedos de recortar, adaptações) tornaram-se parte da "narrativa".

## 5. À GUIA DE CONCLUSÃO: DE DRÁCULA A DRACULaura

Ao fim deste Trabalho de Conclusão de Curso, espera-se ter conseguido responder às perguntas feitas inicialmente: *que relação pode haver entre o Senhor da noite e a Literatura Infantil? Um personagem tão mórbido, sexual, sensual e perigoso pode, de fato, alcançar um espaço na literatura para crianças e jovens? De que forma? Drácula e sua trupe não perderiam sua essência ao receberem modificações a fim de*

*adaptarem-se ao universo infinito que compõe a Literatura Infantojuvenil?* A fim de, com isso, sanar a questão principal:

— **As facetas de vampiro na Literatura Infantil variam?**

As facetas do vampiro variam, isso é fato. Afinal de contas, essa criatura "[...] não é uma espécie aristotélica, estática no tempo e no espaço, mas darwiniana, sujeita à evolução, à adaptação aos vários ambientes culturais que habita" (ARGEL; NETO, 2008, p.50). No entanto, suas representações na Literatura Infantil diferenciam-se das que encontramos na Literatura Adulta, e por isso se distancia um pouco da mesma. Porém, faz isso sem cortar os laços que as unem; adiciona novos elementos sem excluir o ingrediente principal da receita: o próprio vampiro.

Ao aventurar-se pela Literatura Infantojuvenil, o personagem vampiro abandona suas vestes de duplo do demônio, e passa a assumir outros papéis: de amigo, de mestre, de irmão. Ao ser incorporado na literatura para crianças, esse ser oriundo das Literaturas Gótica e Fantástica, ganha um pouco mais de cor, de brilho, de vida, ainda que continue mórbido, como a menina-vampira Ivy, da obra de Sienna Miller. Suas representações são tantas, que se atribui às suas obras originalidade, ainda que seus autores tenham tomado um gole de inspiração direto dos pescoços dos vampiros clássicos para dar à luz seus dentuços. É possível afirmar que, os semi-vivos de caninos proeminentes, nas obras analisadas, distanciam-se um pouco dos tradicionais, sanguinários e sexuais vampiros tradicionais. Na verdade, estão mais para góticos de vida eterna do que para vampiros propriamente ditos. É visível a fase de mudança pela qual o personagem vem passando, podendo nortá-la não apenas em representações dele na Literatura Infantil, como também na Adulta, uma vez que já apresenta traços mais humanizados em obras como **Entrevista com o vampiro** (1976), de Anne Rice, e **Crepúsculo** (2005), de Stephenie Meyer.

A riqueza do morto-vivo sugador de sangue é tamanha que se torna possível fazer constantes intertextos entre as obras vampirescas, sejam elas oriundas da Literatura Adulta ou Infantil, sem que uma pareça ou torne-se uma mera cópia da outra. Uma relação intertextual incrível entre o vampiro clássico e o caracterizado na Literatura Infantojuvenil, é a feita entre Draculaura e o Conde Drácula.



Figura 28 - Draculaura



Figura 29 - Drácula

Embora sejam criaturas completamente diferentes — a menina-vampira é vegetariana e bondosa, enquanto que o vampiro stokeriano é sedento por sangue, sádico e malvado —, são pai e filha. Ou seja, consolidam o que já foi dito: o vampiro é um ser eterno, mas mutável, pois adapta-se ao meio e ao tempo em que se encontra. É capaz de coexistir tanto em narrativas góticas e assustadoras, como nas infantis e mais coloridas. O que permite que Drácula seja pai de Draculaura, ainda que sua cria só carregue do pai (aparentemente) uma coisa: o nome.

Ao ser inserido no cosmo da Literatura Infantojuvenil, o vampiro pode se tornar um grande aliado da escola e dos pais no tocante à educação. Isso porque é um personagem que encanta as crianças leitoras — bem como os leitores adultos —, as quais adoram ter a possibilidade de ter o contato com o desconhecido e com o fantástico, e por isso mesmo, costumam gostar muito de ler obras nas quais estão presentes vampiros, bruxos, feiticeiras, seres mitológicos. Quando bem escrita e estruturada, uma obra de Literatura Vampírica para crianças tem o poder de, muito mais do que divertir, produzir e auxiliar no aprimoramento do conhecimento de seus leitores.

A mensagem que fica, é que "*com o vampiro é possível abandonar a lógica da luz do dia (racionalidade) pela lógica das sombras da noite*" (AIDAR; MACIEL, 1986, p.45), pois quando imersos em seu mundo, até a escuridão mais profunda se ameniza enquanto as crianças leitoras — e os adultos leitores também, por que não? — bebem dos textos em essas criaturas estão presentes, tendo como resultado não a vida eterna, mas o maior de todos os alimentos: ampliação do conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIDAR, José Luiz; MACIEL, Márcia. **O que é vampiro**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARGEL, Martha; NETO, Humberto Moura. **O vampiro antes de Drácula**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996, 4.ed.
- BENJAMIN, Walter. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. **Obras Escolhidas** - Mágia e técnica, Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987, 3.ed.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil** - dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2014, 1.ed., 4.imp.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Inância & Educação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- COSTA, Flávio M. da. **Contos de vampiros: clássicos escolhidos**. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2002.
- CURY, Augusto. **Petrus Logus, o guardião do tempo**. São Paulo: Editora Saraiva, 2014.
- FERRAZ, Salma. Vampiros: O mito é o nada que é de tudo e de todos. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 6, n. 2, p.234-258, mai/ago. 2012. Quadrimestral.
- HUNT, Peter. Trad.: Cid Knipel. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JAF, Ivan. **O vampiro que descobriu o Brasil**. São Paulo: Ática, 2013, 6.ed., 7.imp.
- JOR, Jorge Ben. **País Tropical**. in: <<http://letras.mus.br/jorge-ben-jor/46647/>>. Acesso em: 22/04/2015.
- LIMA, Dante Luiz de. **Vampiro o duplo do demônio: da literatura para a tela do cinema sob o olhar de Francis Ford Coppola**. in: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/2094/1401>>. Acesso em: 29/04/2015.
- MERCER, Sienna. Trad.: Jacqueline Valpassos. **Minha irmã vampira: trocadas**. São Paulo: Novo Século, 2010.
- MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2005.
- OSSENFELDER, Heinrich August. Trad.: Henrique Marques-Samyn. **O vampiro**. in <<http://alucarddracul.blogspot.com.br/2010/09/o-vampiro-de-heinrich-august.html>> Acesso em: 20/04/2015.
- RICE, Anne. **Entrevista com o vampiro**. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

RODRIGUES, Jefferson Vasques. **O fantástico e a fantasia**. in  
<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/f00002.htm>>. Acesso em:  
14/0/2015.

SANTANA, Ana Lucia. **Literatura infanto-juvenil na atualidade**. in:  
<<http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infanto-juvenil-na-atualidade>>. Acesso  
em: 21/04/2015.

SANVOISIN, Éric. Trad.: Ana Paula Castellani. **O chupa-tinta**. São Paulo: Martins  
Fontes, 2006.

SOMMER-BODENBURG, Angela. **O Pequeno Vampiro**. São Paulo: Martins Fontes,  
2014, 4.ed., 3.imp.

STOKER, Bram. **Drácula**. Trad. Miécio A. J. Honkins. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VALENTIM, Jorge. O outro gosto do sangue: sobre os vampiros de Paula Tavares e  
José Eduardo Agualusa. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 8, n. 27, p.81-92, set. 2010. Sema-  
nal.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE I**



## O vampiro<sup>60</sup>

John Polidori

Há tempos, durante um Inverno em Londres, apareceu no meio onde tudo se dissipava, nas muitas assembleias que a moda reúne aqui nesta época, um lorde que se fazia notar muito mais pelas suas singularidades do que pela linhagem. Os seus olhos passeavam-se pela alegria geral que o rodeava com a indiferença de quem se sabe impossibilitado de a partilhar. Dir-se-ia que somente o sorriso gracioso da beleza seria capaz de lhe atrair as atenções, mas, mesmo assim, apenas para o destruir com um olhar nos belos lábios que lhe davam origem, gelando de pavor secreto um coração onde até aí só a ideia do prazer reinava. As pessoas que experimentavam esta penosa sensação não podiam saber a sua proveniência. Apesar disso, algumas atribuíam-na àquele olhar cinzento e baço, pois quando se fixava no rosto de alguém não penetrava no coração, parecia antes cair sobre as faces como um raio de chumbo que se colasse à pele sem conseguir penetrá-la. A sua originalidade fazia com que fosse convidado para todos os salões. Não havia ninguém que não desejasse vê-lo, e todos aqueles que estavam habituados a sentir emoções violentas, mas a quem a saciedade dessas emoções fizera com que sentissem o peso do tédio, se felicitavam por encontrar qualquer coisa capaz de lhes despertar as atenções adormecidas. O seu rosto era regularmente talhado, apesar do tom sepulcral dos traços jamais animados por aquele amável rubor que é fruto da modéstia ou de fortes emoções provocadas pelas paixões. As mulheres mundanas, ávidas de uma celebridade aviltante, disputavam-no acerbamente, sem que nenhuma obtivesse dele o mínimo sinal de preferência. Lady Mercer, que desde o casamento tivera a vergonhosa glória de ofuscar, nestes meios, a conduta tumultuosa de todas as suas rivais, lançou-se ao ataque e fez tudo o que pôde para atrair as suas atenções. Mas a impudência de Lady Mercer fracassou, e ela viu-se obrigada a renunciar. Contudo, se ele não concedia sequer um olhar às mulheres mundanas que encontrava diariamente, a beleza não lhe era porém indiferente. Apesar disso, interessado como parecia estar tão somente pelas mulheres virtuosas ou pelas raparigas inocentes, fazia-o com tanto recato que poucas pessoas estavam ao par das suas relações com o belo sexo. A sua conversação tinha um

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.carcasse.com/sepia/vampyre.htm>. Acesso em 22 de abril de 2015.

encanto irresistível e, ou porque conseguisse desfazer a má impressão que inspirava à primeira vista, ou devido ao seu desprezo aparente pelo vício, era tão solicitado pelas mulheres cujas virtudes domésticas são o ornamento do seu sexo, como pelas outras que o desonram.

Nessa mesma época veio para Londres um jovem chamado Aubrey. A morte prematura dos pais deixou-o órfão ainda criança na companhia de uma irmã e com uma grande fortuna. Os seus tutores, ocupados exclusivamente em cuidar dos seus bens, abandonaram-no a si próprio e entregaram a formação do seu espírito a mercenários subalternos. Consequentemente, o jovem Aubrey cultivou mais a imaginação do que a sensatez, adquirindo aquelas noções românticas de honra e candura que tantos jovens têm perdido. Aubrey cria que o coração humano era naturalmente virtuoso, e que o vício fora posto no mundo pela Providência apenas para variar o pitoresco da cena; cria que a miséria de uma barraca era a ideal; que o vestuário do camponês, tão confortável como o do homem voluptuoso, pelo seu corte grosseiro e pelos remendos de diversas cores que continha era, aos olhos do pintor, o que melhor representava os sofrimentos do pobre. Cria também que se deviam buscar as realidades da vida nos sonhos espirituais e brilhantes dos poetas. Era, em suma, bom, sincero e rico. Por tudo isto, desde que começou a frequentar a sociedade, um grande número de mães acercou-se dele, porfiando em descobrir-lhe, cada uma por si, as mais prodigiosas qualidades para o lisonjear; pelo seu lado, as filhas, senhoras do seu papel, quando estavam na sua roda, os olhos brilhavam-lhe de intenções. Se ele dizia qualquer coisa, fosse o que fosse, todas uma a uma elogiavam enganosamente os seus talentos e méritos. E Aubrey, se bem que nunca viesse a realizar o romance que tinha na cabeça, sentia com este cerco a vaidade satisfeita, o que de certo modo compensava o seu desapontamento por não conseguir escrever. Ora, no momento em que perdeu todas as suas ilusões, o ser extraordinário que descrevemos atrás entrou na sua vida.

Aubrey, impressionado pela estranha personagem, depressa concluiu que lhe era impossível conhecer o caráter de um homem inteiramente absorvido consigo mesmo, que não mostrava qualquer interesse pelo que se passava à sua volta e demonstrava até o maior cuidado em evitar o mínimo contato com os outros, revelando assim o seu modo de ser. Todavia, esta mesma impossibilidade permitiu a Aubrey dar livre curso à sua imaginação criando um retrato que ia de encontro ao seu pendor, isto é, não tardou a

revestir a singular criatura de todas as qualidades de um herói de romance, sobrelevando-se nele a pessoa criada pela sua imaginação e não o ser que tinha perante os seus olhos. Desfez-se portanto em amabilidades com o lorde e os progressos desta amizade foram tais que depressa todos o notaram.

Não foi preciso muito tempo para Aubrey notar que os negócios do lorde Ruthwen estavam periclitantes, e, certo dia, vendo no hotel em que o seu amigo residia preparativos de viagem, percebeu que este ia partir.

Ávido de mais precisas informações acerca desta inquietante figura, que até este momento só lhe tinha despertado a curiosidade sem nunca a satisfazer totalmente, Aubrey informou os seus tutores que era tempo de iniciar a sua viagem pela Europa, costume adotado há muito tempo pelos nossos filhos-família; o que lhes permite, frequentemente, mergulharem na carreira do vício, já que pretendem estar em pé de igualdade com as pessoas mais velhas e esperam parecer, como elas, ao par de todas as intrigas escandalosas, eterno tema para gracejos e louvaminhas consoante o grau de habilidade manifestado por cada qual. Os tutores de Aubrey deram-lhe o seu consentimento e imediatamente o jovem comunicou as suas intenções a lorde Ruthwen, sendo agradavelmente surpreendido por receber um convite deste para viajarem juntos. Aubrey, lisonjeado por esta prova de estima da parte de um homem que parecia não ter nada de comum com a espécie humana, aceitou de braços abertos a proposta e alguns dias depois os nossos viajantes passaram o mar.

Até aqui, Aubrey não tinha tido ocasião de estudar a fundo o caráter de lorde Ruthwen, mas com a convivência logo se apercebeu, por testemunhar um grande número de atos praticados por ele, que os resultados lhe ofereciam diferentes conclusões a tirar dos motivos aparentes da sua conduta. O seu companheiro de viagem era liberalismo; o mandrião, o vagabundo, o mendigo recebiam dele espórtulas mais do que suficientes para as suas necessidades imediatas. Todavia, Aubrey notava com pena que não eram as pessoas virtuosas, reduzidas à indigência pela fatalidade, e não pelo vício, que recebiam as suas esmolas; e mais, ao repelir estes infortunados era a custo que reprimia um sorriso duro. Mas quando o homem de má conduta recorria a ele, não na mira de obter um alívio para as suas necessidades, mas em busca de meios para mergulhar ainda mais no deboche e na depravação, retirava-se sempre com uma dádiva suntuosa. Aubrey, no entanto, julgava dever atribuir esta generosidade sem regras de lorde Ruthwen

à maior insistência das pessoas viciosas, que conseguem, de um modo geral, mais aqui-escência do que a modesta timidez do virtuoso indigente. Acrescia que a caridade de lorde Ruthwen estava ligada a uma circunstância que abalava ainda mais o espírito de Aubrey: os favorecidos da sua generosidade faziam-se acompanhar invariavelmente de uma maldição inevitável, pois todos eles, mais tarde ou mais cedo, acabavam por subir ao cadafalso ou por cair na miséria mais abjeta. Em Bruxelas e noutras cidades onde estiveram, Aubrey viu com surpresa a espécie de avidez com que o seu companheiro procurava os centros de depravação. Nas casas de jogo sentava-se logo à mesa do faraó; apontava e jogava sempre com sorte, exceto quando o fazia com algum escroque conhecido. Quando isto acontecia perdia então mais do que ganhava. Todavia, a sua expressão nunca se alterava, mantendo aquele ar indiferente que tinha sempre. Mas quando jogava com algum jovem sem experiência ou o pai infelizmente de numerosa família, a fortuna sorria-lhe invariavelmente. Nestes casos, punha de lado a impassibilidade que lhe era habitual e os seus olhos fulguravam como os do gato que rebola entre as suas patas o rato já meio morto. Quando saía da cidade deixava o jovem, que era rico antes da sua chegada, expulso do círculo de que era ornamento e amaldiçoado na solidão de um calabouço a cumprir o destino a que o levava a influência perniciosa deste mau gênio; quanto ao pai de família, esse, desolado, de olhos desvairados, chorava junto dos filhos com fome, porque não conservara, da sua imensa fortuna, sequer o mínimo para apaziguar as suas necessidades de alimentação. Lorde Ruthwen, no entanto, jamais saía rico da mesa de jogo, pois perdia logo a seguir com o destruidor da fortuna de muitos infelizes a última moeda de prata que arrancara à inexperiência, o que significava que ele era incapaz de lutar contra a astúcia dos batoteiros experimentados. Aubrey esteve muitas vezes decidido a ir ter com o seu companheiro de viagem para lhe pedir que desistisse do exercício de uma caridade e de um passatempo que levava à ruína de todos sem que ele, ao menos, beneficiasse com isso. Mas o amigo furtava-se-lhe todos os dias, não lhe dando ocasião para abrir o seu coração francamente e sem reservas. Na sua carruagem, lorde Ruthwen, embora tendo à sua disposição belas paisagens para deleitar o olhar, mantinha-se impassível. De resto, os seus olhos falavam ainda menos que os seus lábios, e Aubrey, conquanto andasse com a pessoa que excitava tão vivamente a sua curiosidade, sentia-se cada vez mais impaciente por perceber o mistério que envolvia um ser que a sua imaginação exaltada considerava cada vez mais sobrenatural.

Chegaram a Roma e Aubrey, durante algum tempo, perdeu de vista o seu companheiro, deixando-o numa altura em que ele era muito assíduo na roda de uma condessa italiana. Pelo seu lado, Aubrey, dedicara-se a visitar antiguidades. Nesse ínterim, o jovem recebeu algumas cartas de Inglaterra. Abriu-as com impaciência. Uma era da irmã, e acabava com expressões de terna saudade; as restantes tinham sido enviadas pelos tutores, e o seu conteúdo despertou-lhe desde logo a atenção. Se antes, na sua imaginação, havia suposto que o companheiro de viagem estava sujeito a uma influência infernal, estas cartas aumentaram ainda mais este pressentimento. O caso é que os tutores insistiam para que ele se separasse imediatamente do seu amigo, cujo caráter, diziam, era de extrema depravação. Além disso, possuía um tal poder de sedução que tornava qualquer contato com ele muito perigoso. Após a sua partida, descobrira-se que afinal não era por vergonha que desdenhara das mulheres mundanas, pois que, para satisfazer plenamente os seus baixos instintos, preferia exacerbar os sentidos às inocentes. Quando o conseguia, não tinha o menor escrúpulo em precipitá-las do pináculo de uma virtude intata para o fundo do abismo da infâmia e da degradação. Verificara-se inclusive que todas as mulheres pelas quais se interessara, devido à sua casta conduta, logo após a sua retirada, haviam tirado a máscara e exposto sem vergonha, em público, toda a deformidade dos seus costumes.

Aubrey resolveu separar-se dessa personagem cujo caráter ainda não lhe revelara um só ponto de vista aceitável. Decidiu portanto inventar um pretexto plausível para o abandonar definitivamente, propondo-se, entretanto, em vigiá-lo o mais possível e a prestar atenção a todos os seus passos. Para isso entrou no círculo social que lorde Ruthwen frequentava e não levou muito tempo a descobrir que o seu companheiro tentava abusar da inexperiência da filha da dona da casa. Na Itália, é raro encontrar-se na sociedade raparigas ainda muito novas, assim, lorde Ruthwen era obrigado a conduzir a sua sedução de certa maneira; mas como Aubrey seguia todas as suas manobras depressa descobriu que tinha sido combinada uma entrevista, o que queria dizer que a ruína total da jovem imprudente era mais do que certa. Deste modo, sem perder tempo, entrou no quarto do seu companheiro e perguntou-lhe de chofre quais as suas intenções acerca da jovem, prevenindo-o ao mesmo tempo que sabia de fonte limpa que ele se ia encontrar com ela nessa noite. Lorde Ruthwen replicou que as suas intenções eram as naturais nestes casos, e sendo convidado a declarar se tinha boas ideias a sua única resposta foi um sorriso maligno. Aubrey retirou-se e depois de escrever algumas linhas a informá-lo

que a partir desse momento não contasse mais com a sua companhia para o resto da viagem que haviam combinado, ordenou ao seu criado que lhe procurasse um novo alojamento. Posto isto, sem perder um minuto, foi à casa da mãe da jovem para lhe comunicar não só a entrevista que a filha ia conceder, mas também para lhe relatar tudo o que sabia acerca dos costumes de lorde Ruthwen. Este aviso foi suficiente para que a jovem fosse impedida de comparecer à entrevista. Lorde Ruthwen, na manhã seguinte, escreveu a Aubrey para notificá-lo do seu acordo quanto à separação, não lhe dando porém a entender que suspeitava ser ele o causador do fracasso dos seus planos.

Aubrey saiu de Roma e tomou o rumo da Grécia. Depois de atravessar o golfo, desembarcou finalmente em Atenas. Aqui, escolheu para morada a casa de um grego e logo que se alojou entregou-se de corpo e alma à investigação dos monumentos, buscando neles os vestígios de uma glória passada. Mas estes, como que envergonhados de expor os grandes atos dos homens livres aos olhos de um povo escravo, pareciam ter-se refugiado nas entranhas da terra ou estarem ocultos aos olhos sob uma espuma densa.

Debaixo do mesmo teto, vivia uma rapariga de formas tão belas e delicadas que seria ao olhar do artista o mais digno modelo para representar uma das huris que Maomé prometia, no seu paraíso, ao crédulo muçulmano. Mas não! Os seus olhos possuíam uma tal vivacidade que de modo nenhum se podiam coadunar com as belezas que o Profeta considerava sem alma. Quando Ianthe dançava na campina ou galgava em rápido andamento as colinas, fazia esquecer a ligeireza graciosa da gazela. Portanto, que outro, sendo discípulo de Epicuro, não preferiria o olhar animado e celeste de uma ao olhar voluptuoso mas terrestre da outra? Era pois esta encantadora ninfa que acompanhava Aubrey nas suas investigações aos monumentos da Antiguidade. E quantas vezes, ignorante dos seus próprios encantos, entregue à perseguição da esplendorosa borboleta, ela não revelava toda a beleza da sua figura encantadora, parecendo flutuar, de uma forma ou de outra, no horizonte, perante o olhar fascinado do jovem estrangeiro, que esquecia as letras gravadas no mármore, quase sumidas pelo tempo, e com tanto custo decifradas, para contemplar as suas perturbantes formas. Quantas vezes, à medida que Ianthe voltava em seu redor, com os longos cabelos loiros entrançados esvoaçando-lhe sobre as costas, não abandonava as suas investigações científicas e não esquecia o texto de uma inscrição que acabara de descobrir, embora há instantes, para interpretar uma passagem de Pausanias, lhe tivesse parecido da mais alta importância. Mas para quê continuar a

descrever os encantos de Ianthe? Inocência, juventude, beleza, tudo isto nela tinha a frescura da natureza e estava longe do que se vê nos nossos salões mundanos.

Enquanto esboçava aquelas augustas ruínas, de que desejava conservar a imagem para devaneio das suas horas futuras, Ianthe, de pé, com a cabeça reclinada sobre um dos ombros, seguia com avidez os progressos mágicos do seu lápis, que fazia renascer os sítios pitorescos dos lugares onde ela viera ao mundo. Relatava-lhe então, com todo o fogo de uma memória ainda recente, as suas danças com as companheiras no verde prado das cercanias, ou as festas núpcias a que assistira na sua infância. Outras vezes, referindo-se às coisas que mais a tinham impressionado, narrava-lhe as histórias sobrenaturais que sua ama lhe havia contado. E o seu ar sério e sincero, quando falava, despertava em Aubrey uma terna compaixão por ela. Como quando, por exemplo, lhe descrevia o vampiro vivo que vivera durante anos entre amigos, desfrutando das mais ternas amizades, e prolongando a sua existência, ano após ano, mercê de um poder infernal, pelo sacrifício de qualquer jovem e inocente beleza. Aubrey ao ouvir-lhe estes relatos sentia o sangue gelar-se-lhe nas veias e tentava ridicularizar tão horríveis fábulas, mas Ianthe invocava o nome dos velhos que haviam descoberto o vampiro, depois de várias filhas suas terem sucumbido vítimas do horrível apetite do monstro. E, sentida pela incredulidade dele, a rapariga suplicava-lhe ardentemente que acreditasse no que lhe dizia, porque, todos o sabiam, aqueles que ousavam duvidar da existência de vampiros, mais tarde ou mais cedo, convencer-se-iam pela sua própria e funesta experiência. Ianthe descrevia-lhe então o aspecto que era costume dar a estes monstros, e a sensação de horror, que já fustigara o espírito de Aubrey, redobrava-lhe de maneira inquietante, pois o aspecto descrito vinha ao encontro do lorde Ruthwen. Apesar disso, tentava persuadi-la a deixar-se desses terrores vãos embora sentisse um calafrio percorrer-lhe o corpo ao reconhecer que fora esse mesmo aspecto que o levara a achar em lorde Ruthwen o que quer que fosse de sobrenatural.

Aubrey sentia-se cada vez mais preso a Ianthe; a sua inocência, tão diferente das afetadas virtudes das raparigas em que pusera as noções romanescas próprias da sua jovem idade, seduzia-o à medida que os dias iam passando. E, apesar de preocupado pelo ridículo de uma união conjugal entre um rapaz de boa situação social, segundo os pontos de vista de Inglaterra, e uma jovem grega sem educação, sentia crescer dentro de si um afeto cada vez maior pela mocidade esfuziante que emanava dela a todos os mo-

mentos. Muitas vezes, pensando que o melhor seria afastar-se, estabelecia um plano de investigações a efetuar longe dali, só reaparecendo em Atenas quando tivesse cumprido o seu objetivo. Ia porém adiando este plano, já que lhe era impossível fixar-se nas ruínas que andava a estudar, pois a imagem fresca de Ianthe não saía do seu coração. Enquanto isto, ignorando o amor que lhe tinha despertado, a jovem grega continuava a manifestar-lhe aquela mesma franqueza infantil que lhe mostrara desde o primeiro dia. Parecia, no entanto, que só estava junto dele porque nessa altura não tinha companhia para percorrer os lugares favoritos por onde costumava errar. Entretanto Aubrey ocupava-se a desenhar ou a descobrir um fragmento que por acaso tivesse escapado à destruição do tempo.

Quanto à história dos vampiros, Ianthe dera a Aubrey, como testemunhas do que lhe havia contado, os seus próprios pais, e estes, como depois outras pessoas, confirmaram a sua existência, empalidecendo de horror só por ouvirem falar no assunto. Pouco tempo depois, Aubrey decidiu-se a empreender uma pequena excursão que devia ocupá-lo durante umas horas. Mas quando os seus anfitriões lhe ouviram designar o caminho que escolhera, suplicaram-lhe para regressar a Atenas antes do anoitecer, porque teria, frisaram-lhe, de atravessar obrigatoriamente uma floresta onde nenhum grego ousaria entrar depois do pôr do sol. A seguir falaram-lhe da caverna dos vampiros, das suas orgias noturnas, e preveniram-no das desgraças mais horríveis se ele ousasse incomodar, com a sua passagem, esses monstros durante o seu cruel festim. Contudo, Aubrey, não ligou grande importância a estas recomendações e tentou até fazer-lhes sentir todo o absurdo de tais ideias; no entanto, quando os viu estremecer de horror pelo seu audacioso desprezo por um poder infernal e irresistível de que só o nome era suficiente para os perturbar, calou-se.

Na manhã seguinte, Aubrey preparou-se para partir. Enquanto tratava das suas coisas reparou com pena e surpresa no ar melancólico dos seus anfitriões e na expressão de terror que os seus gracejos sobre a existência de vampiros lhes estampara no rosto. Por sua vez, Ianthe, quando Aubrey montou, aproximou-se dele e num tom grave pediu-lhe por tudo o que tinha de mais sagrado que voltasse a Atenas antes que a noite desse o seu poder a esses monstros. O jovem prometeu-lhe que o faria. Mas, apesar da sua promessa, as investigações científicas absorveram-no de tal maneira que não se deu conta que o dia estava prestes a acabar e que no horizonte surgia uma daquelas manchas, que

nestes climas quentes, engrossam com tanta rapidez que não tardam a transformar-se numa massa descomunal e a lançar sobre os campos desolados toda a sua fúria.

Por fim, decidiu-se a montar a cavalo e a compensar, com a velocidade, o tempo perdido. Mas era demasiado tarde. O crepúsculo é, por assim dizer, desconhecido nestas terras meridionais, e a noite começa com o pôr do sol. Antes de Aubrey ter penetrado a fundo na floresta, a tempestade rebentou com fúria. A trovoada rugiu. A chuva, caindo às catadupas, ininterruptamente, penetrou pela espessa ramagem das árvores e encharcou Aubrey até aos ossos, enquanto os relâmpagos, iluminando tudo, vinham rebentar em redor dele. O seu cavalo, louco de medo, levava-o através da densa floresta. Súbito, o animal já sem fôlego, parou, e Aubrey, à luz dos clarões do raio, viu não muito longe uma caverna dissimulada sob montões de folhas secas e de silvas. Aubrey desmontou e aproximou-se, esperava encontrar alguém que o guiasse até à cidade ou, pelo menos, abrigar-se da tempestade. A trovoada abrandou por alguns instantes e Aubrey, nesse momento, distinguiu os gritos suplicantes de uma mulher que eram seguidos por um riso escarminho e quase contínuo. O jovem estremeceu e hesitou em entrar, mas um relâmpago, que rebentou bruscamente perto dele, resolveu-o. Enchendo-se de coragem franqueou a entrada e encontrou-se na mais profunda escuridão. No entanto o ruído que ouvira há pouco continuava a servir-lhe de guia, embora ninguém respondesse ao seu chamamento. Súbito, chocou com um corpo e uma voz horrível disse-lhe estas palavras: - Estás com medo..., depois deu uma gargalhada pavorosa. No momento seguinte Aubrey sentiu-se agarrado com um vigor que lhe pareceu sobrenatural. Decidido a vender cara a vida lutou, mas em vão. Por um instante, perdeu o contato com o solo e, levado por uma força irresistível, foi atirado ao chão. Imediatamente, o seu inimigo pôs-se por cima dele e imobilizou-o com os joelhos, e, quando se preparava para lhe deitar as mãos ao pescoço, a luz de muitas tochas penetraram na caverna por uma abertura destinada a iluminar-lhe o interior, impedindo que o monstro perpetrasse a sua medonha orgia. Então, alertado, levantou-se precipitadamente e saiu porta fora. O ruído que fez ao abrir uma passagem pelo denso mato cessou ao cabo de alguns instantes.

Entretanto, a tempestade amainou e, por esse motivo, os recém-chegados puderam ouvir Aubrey, o qual, completamente esgotado, gemia. Entraram na caverna. A luz das tochas refletia-se nos seus rostos enegrecidos por flocos de fuligem. A pedido do jovem deixaram-no para procurar a mulher cujos gritos o tinham atraído, mas como

avançavam ao longo das sinuosidades da caverna, Aubrey viu-se mais uma vez em profundas trevas. Ainda não estava refeito daquele horror quando, à luz das tochas que voltavam, reconheceu o corpo inanimado da bela Ianthe, trazida nos braços dos seus companheiros! Fechou os olhos, tentando convencer-se que tudo isto era uma visão, fruto da sua imaginação excitada. Mas quando voltou a abri-los, viu o corpo da sua amada estendido no chão a seu lado. Aquelas faces redondas e aqueles lábios delicados, que antes eram semelhantes, pela sua frescura, à rosa, estavam agora de uma palidez sepulcral. E no entanto reinava ainda naquelas feições encantadoras uma calma admirável e quase tão tocante como a vida que antes as animavam. No pescoço e no peito tinha manchas de sangue, e na garganta as marcas dos dentes cruéis que haviam aberto as suas veias. Os homens que tinham trazido o corpo apontavam estas marcas funestas e abalados pela terrível visão, gritavam: - Um vampiro! Um vampiro! Depois, apressadamente, fizeram uma maca e puseram Aubrey ao lado daquela que fora para ele o sonho mais acarinhado, agora como uma flor sem vida.

Aubrey não conseguia encontrar o fio das suas ideias, buscava até um refúgio contra o desespero esforçando-se por não pensar em coisa nenhuma. Quase sem dar por isso, viu-se com um punhal na mão que havia encontrado perdido na caverna. A arma tinha uma forma extraordinária. A certa altura o triste cortejo encontrou outros homens, que uma mãe aflita enviara à procura da filha adorada. Mas os gritos lamentosos que soltava o grupo desolado, já perto da cidade, foram para esta mãe e para o infortunado marido o sinal de que tinha acontecido uma grande desgraça. Descrever a angústia desta espera ansiosa seria impossível, e quando viram o corpo da filha olharam Aubrey, apontaram-lhe as marcas horríveis do atentado que causara a sua morte e choraram lágrimas amargas.

Aubrey, deitado na sua cama, febril, entre os acessos de delírio, clamava por lorde Ruthwen e por Ianthe, ora suplicando ao seu antigo companheiro de viagem que poupasse aquela que amava, ora cumulando-o de imprecações e amaldiçoando-o como destruidor da sua felicidade.

Nessa altura o lorde Ruthwen encontrava-se precisamente em Atenas e tendo conhecimento da triste situação de Aubrey, por qualquer motivo secreto, foi alojar-se na mesma casa para lhe prestar assistência. Quando Aubrey deixou de delirar, ao ver aquele cuja imagem estava agora confundida no seu espírito com a ideia de um vampiro,

tremeu de horror; mas lorde Ruthwen, com seu tom persuasivo, as suas meias palavras a cerca do desgosto que tivera com a separação de ambos e, sobretudo, voltou a habituar o jovem à sua presença. Na verdade, lorde Ruthwen parecia ter-se modificado. Já não era aquele ser cuja apatia espantava Aubrey. No entanto, logo que começou a melhorar, Aubrey notou com desgosto que o seu companheiro voltava a pouco e pouco à sua fleuma habitual, não tardando a reconhecer nele o homem de antigamente, isto é, dos tempos em que Aubrey verificava com surpresa que lorde Ruthwen parecia fixá-lo com um olhar penetrante enquanto nos seus lábios pairava um sorriso cruel. E o jovem perdia-se em conjecturas acerca da intenção deste horrível sorriso, tão bastamente repetido. Quando Aubrey entrou em franca convalescença, lorde Ruthwen, afastando-se cada vez mais dele, parecia apenas interessado em contemplar as ondas levantadas pela brisa fresca, ou em seguir a marcha dos planetas, os quais, tal como o nosso globo, se movem em torno de um astro imóvel. Mas a sua ideia parecia ser, principalmente, a de subtrair-se aos olhos de todos.

Aubrey ficara bastante afetado pelo choque a que fora sujeito, e a elasticidade do seu espírito, nele tão brilhante outrora, parecia ter-se desvanecido para sempre. De fato, estava agora tão entregue à solidão e ao silêncio como o próprio lorde Ruthwen. Mas era em vão que ansiava por esta solidão. Poderia ela existir para ele nas cercanias de Atenas? Apesar disso procurava-a entre as ruínas que antes visitara, mas a Imagem de Ianthe acompanhava-o como dantes. Procurava-a nos bosques, em vão. Também aqui o vulto leve de Ianthe, volteando no meio dos soutos, buscava a modesta violeta. E quando, por uma súbita transição, a sua imaginação se tornava sombria, via o rosto pálido da amada com a garganta ensanguentada, os lábios sem cor, que no entanto um sorriso sempre amável, apesar do estigma da morte, vinha ainda ornamentar. Decidiu então fugir dos lugares onde cada coisa, para a sua razão enfraquecida, era uma fonte de dor. Para isso, propôs a lorde Ruthwen, que supunha não dever abandonar depois dos cuidados que ele lhe prodigalizara quando da sua doença, visitarem juntos os lugares da Grécia que ambos ainda desconheciam. Partiram e percorreram todos os locais que lhes despertavam qualquer recordação histórica. Contudo, embora corressem sem descanso, nem um nem outro parecia prestar uma verdadeira atenção aquilo que via.

Tinham ouvido dizer muitas vezes que o país estava infestado de ladrões. Contavam-se de resto muitas histórias acerca das suas proezas. Mas eles, pouco a pouco, deixaram de lhes dar importância, por considerá-las como pura invenção de pessoas interessadas em provocar a generosidade daqueles que pretendiam defender de pretensos perigos. Ora um dia, viajando com uma escolta tão reduzida que mais lhes servia de guia do que de defesa, por não terem feito caso do aviso dos aldeões, penetraram num apertado desfiladeiro por onde corria, ao fundo, um rio que se ia precipitar, confundido com massas de rochas, num abismo próximo, houve razão para deplorarem a sua imprudente confiança. De fato, mal tinham entrado nesta perigosa passagem uma saraivada de balas assobiou aos seus ouvidos, enquanto à volta se repercutia o eco dos disparos de várias armas de fogo. Lorde Ruthwen foi atingido num ombro e caiu. Aubrey correu logo em seu socorro, e, sem pensar sequer em se defender, nem no perigo que corria, viu-se cercado pelos assaltantes. A escolta, essa, assim que lorde Ruthwen tombou, largou as armas e pediu misericórdia. Com a promessa de uma chorosa recompensa, Aubrey convenceu os ladrões a transportar o seu amigo ferido para uma cabana próxima. A seguir, depois de negociar com eles um resgate os bandidos deixaram-no em paz, limitando-se a vigiarem a cabana até ao regresso do companheiro que fora receber, a uma cidade vizinha, o montante de uma letra que Aubrey lhes passou sobre o seu banqueiro.

As forças de lorde Ruthwen enfraqueceram rapidamente; ao fim de dois dias sobreveio-lhe a gangrena e o instante da sua dissolução parecia avançar a largos passos. Apesar disso, a sua maneira de ser e as feições mantinham-se inalteráveis. Dir-se-ia que era tão indiferente à dor, como antes fora ao que se passava em seu redor. Todavia, ao cabo da segunda noite, pareceu preocupado com qualquer ideia penosa. Começou a olhar fixamente Aubrey e este, apercebendo-se disso, ofereceu-lhe sem reservas a sua assistência.

- Quer ajudar-me? - perguntou-lhe o lorde. - Pode realmente fazê-lo! Digo-lhe até que pode fazer bastante por mim! Não, não falo da minha vida. Encaro o termo da minha existência com tão pouco receio como o dia que está a acabar! Pode no entanto salvar a minha honra, a honra do seu amigo!

- Como? Oh! Diga-me, como? - perguntou-lhe Aubrey. - Farei seja o que for para o ajudar.

- O que lhe peço é quase nada - retorquiu lorde Ruthwen. - A vida esvai-se-me rapidamente e falta-me o tempo para lhe explicar tudo o que desejava. Mas se estiver disposto a calar o que sabe de mim, a minha honra ficará sem mancha. Ouça, desejo que a minha morte fique ignorada durante algum tempo na Inglaterra.

- Não a divulgarei! - prometeu Aubrey.

- E tudo o que sabe de mim? - insistiu lorde Ruthwen.

- Nada direi - reafirmou Aubrey.

- Então jure-o! - exclamou o moribundo, soerguendo-se num último esforço com uma ávida alegria. - Jure por tudo o que a sua alma teme e ama. Jure que durante um ano e um dia, guardará um segredo inviolável daquilo que sabe sobre os meus crimes e sobre a minha morte, aconteça o que acontecer, mesmo que qualquer coisa de extraordinário o impressione vivamente!

E ao pronunciar estas palavras, os seus olhos esbraseados pareciam saltar-lhe das órbitas.

- Juro-o - disse Aubrey.

Então lorde Ruthwen, caindo sobre o catre, depois de dar uma grande gargalhada, exalou o último suspiro.

Aubrey foi descansar, mas não conseguiu adormecer. As circunstâncias extraordinárias que tinham acompanhado toda a sua convivência com lorde Ruthwen passavam involuntariamente na sua memória excitada: e quando lhe vinha à ideia o juramento que fizera, um calafrio percorria-lhe o corpo e o pressentimento de que qualquer coisa de horrível o esperava e o invadia. Tendo-se levantado de manhã cedo, no momento em que ia a entrar no quarto onde deixara o corpo do seu amigo, encontrou um dos bandidos que lhe comunicou que ele, com a ajuda de alguns companheiros, tinha transportado o cadáver, logo que Aubrey se retirara e consoante a promessa feita a lorde Ruthwen, para o cimo de uma colina próxima, de modo a ficar exposto ao luar durante um certo tempo. Aubrey, surpreendido, resolveu subir à colina e ir ao lugar onde estava o corpo do amigo. Mas quando lá chegou não encontrou nem o corpo nem as roupas que o co-

briam, embora os bandidos lhe assegurassem que estava precisamente no sítio onde tinham deposto os restos de lorde Ruthwen. Primeiro, o seu espírito perdeu-se em conjecturas acerca deste estranho acontecimento, mas depois, regressando à cabana, persuadiu-se que os ladrões tinham muito simplesmente enterrado o corpo para se apoderarem do seu vestuário.

Cansado de um país onde assistira a tão terríveis acontecimentos, e onde tudo parecia conspirar para aumentar a melancolia supersticiosa que abalara o seu espírito, resolveu deixar a Grécia, indo para Smirna. Aqui, enquanto esperava um navio que o transportasse a Otranto ou a Nápoles, ocupou-se a verificar os diversos objetos que tinham pertencido a lorde Ruthwen. Entre outras coisas, viu uma caixa que continha armas ofensivas, todas estranhamente adaptadas a causar uma pronta morte às suas vítimas. Depois viu vários punhais. Ao examiná-los, enquanto admirava as suas curiosas formas, qual foi o seu espanto ao ver o aspecto de uma bainha, cujos ornamentos eram exatamente iguais aos do punhal encontrado na fatal caverna! Estremeceu. Na intenção de adquirir uma nova prova de apoio à suspeita que tanto o fazia sofrer, procurou imediatamente o punhal e imagine-se o seu horror quando descobriu que a arma cruel, por muito extraordinária que fosse a sua forma, entrava perfeitamente na bainha que tinha na mão! A partir daí os seus olhos, sem poderem afastar-se do instrumento de morte, não precisaram de outros testemunhos para confirmar a sua horrorosa suspeita. Desejava porém não ter a certeza. Mas a semelhança de uma forma tão estranha, a variedade de cores que ornamentavam o cabo do punhal, a bainha e, sobretudo, as manchas de sangue que tinham ambos, destruíam qualquer possibilidade de dúvida. Deixou Smirna. Quando passou por Roma, o seu primeiro cuidado foi pedir informações do que acontecera à rapariga que lorde Ruthwen tentara seduzir. Os pais, de grande fortuna, tinham caído na miséria e ignoravam o que era feito da filha desde a partida do seu sedutor. Tudo levava pois a crer que a jovem romana fora vítima do assassino de Ianthe.

Tal sucessão de horrores acabou por desolar Aubrey. De fato, tornou-se hipocôndrico e silencioso. O seu único cuidado era o de acelerar a marcha dos postilhões, como se tivesse pressa de ir salvar a vida a alguém que lhe fosse querido. Assim, chegou rapidamente a Calais; depois, uma brisa fresca, que parecia vir de encontro aos seus desejos, levou-o à Inglaterra. Logo que desembarcou foi para a antiga mansão de seu pai, onde, passado algum tempo, devido aos carinhos da irmã, pareceu esquecer as más

recordações. Se antes as carícias infantis da irmã o tocavam beneficentemente, agora que atingira os dezoito anos, as suas maneiras haviam adquirido com a idade um significado ainda mais terno e cativante.

A irmã de Aubrey não possuía aquela graça brilhante que cativa a admiração e os aplausos de um numeroso círculo. Na verdade, nada no seu comportamento suscitava a animação que só existe na atmosfera excitante de um salão tumultuoso. Nos seus grandes olhos azuis nunca havia aquela alegria indolente que é indicativo de leviandade de espírito; mas, em contrapartida, tinham de sobra a languidez melancólica que não provém do infortúnio mas de uma alma religiosamente dirigida para a vida futura, muito mais sólida que a nossa existência efêmera. Ela não tinha aquela ligeireza no andar que uma borboleta, uma flor, um nada basta para pôr em movimento. O seu porte era calmo e pensativo. Na solidão os seus traços não perdiam nunca o ar sério e reflexivo que lhe era natural; mas quando estava junto do irmão, exprimindo-lhe a sua terna afeição e esforçando-se por fazê-lo esquecer, com a sua presença, o desgosto que ela sabia ter destruído a sua felicidade, quem quererá trocar o seu sorriso afetuoso por qualquer outro que fosse marcado pela volúpia? Os seus olhos, as suas feições, respiravam nestes momentos uma celeste harmonia com as doces virtudes da sua alma.

Ainda não fora apresentada na sociedade, pois os seus tutores tinham julgado mais conveniente adiar o acontecimento até ao regresso do irmão, para que este lhe servisse de protetor. Foi então decidido que o círculo mais em voga na corte seria o escolhido para a sua introdução nos meios mundanos. Aubrey, no entanto, não desejava de modo nenhum deixar a morada dos seus antepassados para assim desfrutar a melancolia que o consumia. Com efeito, que interesse poderiam ter para ele as frivolidade das reuniões da moda, depois das mágoas profundas que os acontecimentos passados tinham imprimido na sua alma? Mas, apesar disso, não hesitou em sacrificar os seus próprios interesses à proteção que devia prestar à irmã. Foram portanto para Londres e prepararam-se para a reunião que se devia efetuar no dia seguinte à sua chegada. A multidão era numerosa. Já há muito tempo que não havia reuniões importantes e todos aqueles que estavam ansiosos de conquistar o favor de um sorriso real estavam lá. Aubrey, porém, mantinha-se afastado e insensível ao que se passava à sua volta. Estava precisamente no lugar em que tinha visto lorde Ruthwen pela primeira vez. A certa altura, subitamente, sentiu-se agarrado pelo braço e ouviu uma voz que já conhecia há muito: -

Lembre-se do seu juramento! Temendo ver um espectro reduzido a pó teve, no entanto, a coragem de se voltar, apercebendo-se, logo que o fez que, junto dele, estava precisamente o mesmo rosto que o atraía quando da sua entrada na sociedade. Olhou-o com um ar assustado e como as suas pernas mal o sustentavam de pé viu-se obrigado a tomar o braço de um amigo. Depois, abrindo caminho através da multidão, correu para a sua viatura. Já em casa, foi para o seu quarto precipitadamente e levou as mãos à cabeça, como se temesse que as suas faculdades mentais o abandonassem. Lorde Ruthwen não lhe saía defronte dos olhos. Todas as circunstâncias se combinavam na sua cabeça com uma ordem impressionante: o punhal, o juramento... Duvidando de si próprio e da sua credulidade, tentava a todo o custo recuperar do seu abatimento e persuadir-se que o que vira não podia existir: um morto que saía da sua tumba! Não, fora sem dúvida a sua imaginação que tirara do sepulcro a imagem do homem que ocupava incessantemente o seu espírito. Por fim concluiu que fora apenas uma visão. Resolveu portanto voltar a frequentar a sociedade. Foi o que fez, mas, embora tentasse vinte vezes perguntar por lorde Ruthwen àqueles que o rodeavam, este nome fatal ficava sempre suspenso nos seus lábios, não podendo assim obter qualquer informação acerca do objeto que o interessava tão vivamente. Alguns dias depois, foi com a irmã a um brilhante serão a casa de um dos seus parentes. Deixando-a sob a proteção de uma dama de respeitável idade, colocou-se a um canto isolado de um dos salões e absorveu-se nos seus tristes pensamentos. Passado bastante tempo notou que um grande número de pessoas já abandonara a reunião. Saiu então do seu isolamento e ao entrar num compartimento vizinho viu a irmã rodeada por gente com quem parecia travar uma animada conversa. Esforçando-se por abrir caminho até ela pediu licença a alguém que estava à sua frente para o deixar passar, e quando esta pessoa se voltou ele viu o rosto que mais o atormentava no mundo. Ao vê-lo, completamente fora de si, precipitou-se para a irmã, arrastou-a pela mão e, correndo, levou-a para a rua. A porta foi detido por instantes pela multidão de criados que esperava os patrões; e enquanto passava entre eles a voz que tão bem conhecia ressoou-lhe aos ouvidos, repetindo terríveis palavras: «Lembre-se do seu juramento!» Aturdido, terrificado, não ousou sequer levantar os olhos em redor de si. Tudo o que fez foi apressar a irmã, atirar-se para dentro da carruagem e mandar seguir rapidamente para casa.

O desespero de Aubrey transformou-se quase em loucura. Se antes o seu espírito já andava absorvido por uma única coisa, agora, com a certeza que o monstro estava

vivo, a sua tensão aumentou ainda mais. Como consequência tornou-se insensível às ternas atenções da irmã, sendo em vão que ela lhe suplicava para explicar a causa da modificação súbita que sofrera. Ele respondia-lhe sempre por meias palavras, o que bastava para a encher de terror. Em suma, quanto mais Aubrey refletia nesta horrível história mais mergulhava num cruel labirinto. Só de lembrar-se do seu juramento o fazia tremer. Que fazer? Permitir que o monstro levasse o seu sopro destruidor às pessoas que lhe eram queridas, sem o deter com uma só palavra? A sua própria irmã não poderia ser vítima dele? Mas mesmo que ousasse quebrar o juramento e revelar a razão dos seus terrores, que ganharia com isso? Pensou então em usar o seu braço para livrar o mundo daquele celerado, porém a ideia de que ele já triunfara da própria morte deteve-o. Durante muitos dias, ficou mergulhado neste marasmo. Sempre fechado no seu quarto recusava-se a ver quem quer que fosse, só aceitando tomar algum alimento quando a irmã, de lágrimas nos olhos, lhe suplicava que vivesse por amor à ela. Por fim, incapaz de suportar por mais tempo a solidão, saiu de casa e andou ao acaso pelas ruas para fugir a imagem que o perseguia obstinadamente. Sem ter o mínimo cuidado com as roupas que vestia, errando por aqui ou por ali, expunha-se ao calor do meio-dia ou à fria umidade das noites. Tornou-se extravagante. A princípio ainda ia para casa dormir, depois, quando se sentia esgotado descansava onde calhava. A irmã, inquieta com os perigos que ele podia correr, mandou-o seguir, mas Aubrey trocava as voltas àqueles que estavam encarregados de o proteger e escapava-se-lhes mais depressa do que um pensamento nos foge. Então um dia modificou inteiramente a sua conduta. Preocupado pela ideia de que a sua ausência deixava os seus melhores amigos nas mãos de um ser tão perigoso, decidiu aparecer de novo no mundo para vigiar de perto lorde Ruthwen, na intenção de prevenir, apesar do juramento que prestara, todas as pessoas de que ele tentasse entrar na intimidade. Mas quando Aubrey entrava num salão, o seu olhar assustado e vigilante era tão evidente, os seus estremecimentos involuntários tão visíveis, que a irmã viu-se obrigada a pedir-lhe que se abstivesse de frequentar, por condescendência para com ela, um mundo que só por si parecia afetá-lo com tanta intensidade. E quando os tutores se aperceberam que os conselhos e as súplicas da irmã eram inúteis, resolveram impor a sua autoridade; além disso, temendo que Aubrey estivesse à beira da loucura, pensaram que era tempo de cumprirem o que fora estatuído pelos pais.

Assim, pretendendo obviar uma repetição de sofrimentos e trabalhos a que as suas excursões pela cidade o tinham exposto, e dissimular aos olhos do mundo os sinais

que denominavam a sua loucura, encarregaram um médico hábil para o tratar e vigiar de dia e de noite. Só passado algum tempo Aubrey se apercebeu destas medidas de precaução, de tal maneira os seus pensamentos andavam absorvidos por um único e terrível objeto. Deste modo, fechado no seu quarto, passava dias inteiros no estado de apatia que nada fazia despertar. Tornara-se lívido e emagrecera. Os seus olhos adquiriram um brilho fixo. O único sinal que ainda o removia era a aproximação da irmã. Então estremeia e, tomando-lhe as mãos, com um olhar que fazia doer o coração, gritava-lhe: - Oh, não te deixes tocar por ele! Por piedade, se tens alguma amizade por mim, não te aproximes de semelhante homem! Mas quando ela lhe pedia para explicar o que tais palavras queriam dizer, a resposta era sempre a mesma: - É verdade! É verdade! Voltava então a cair naquela apatia de que não podia libertar-se. Este penoso estado durou vários meses e só quando o prazo do ano fatal estava prestes a chegar ao fim é que a incoerência da sua conduta se tornou menos alarmante. De fato, pareceu ter adquirido uma disposição menos sombria e os tutores verificaram que ele contava pelos dedos um certo número várias vezes ao dia, enquanto um sorriso lhe pairava nos lábios.

No último dia do prazo, um dos tutores entrou no quarto de Aubrey e sabendo pelo médico do seu triste estado de saúde lamentou que ele estivesse numa situação tão deplorável precisamente na véspera do casamento da irmã. Estas palavras despertaram o enfermo, que perguntou ansiosamente: - Com quem? O tutor, encantado por este sinal de retorno à razão, de que temia que o seu pupilo estivesse definitivamente arredado, respondeu-lhe: - Com o conde Masden. Aubrey, pensando ser algum jovem nobre que ele conhecera na sociedade mas que a perturbação do seu espírito não lhe tivesse permitido localizar, pareceu muito satisfeito, surpreendendo ainda mais o seu tutor quando lhe comunicou que tinha a intenção de assistir às núpcias da irmã e que desejava vê-la antes disso. Correspondendo ao seu desejo, alguns minutos depois, a irmã entrou no quarto e notou imediatamente que ele se tornara sensível ao seu sorriso. De fato, Aubrey apertou-a contra o peito e pousou ternamente os lábios nas suas faces úmidas de lágrimas de prazer que lhe causava a ideia do irmão ter reencontrado toda a sua afeição por ela. A seguir falou-lhe com calor e felicitou-a vivamente por se ir unir a uma personalidade de nascimento tão distinto e perfeito, quando, bruscamente, olhou para um medalhão que ela tinha ao peito. Abrindo-o, qual foi a sua horrível surpresa ao ver o rosto do monstro que há muito conseguira um tal ascendente sobre a sua vida. Num acesso de raiva, arrancou-lhe o medalhão e atirou-o ao chão. A irmã, admirada, perguntou-lhe a razão por

que queria destruir a imagem do homem que se ia tornar seu marido, mas ele olhou-a com um ar distante, como se não tivesse percebido a pergunta. Súbito, agarrando-lhe nas mãos e deitando-lhe um olhar desesperado e frenético, suplicou-lhe que promettesse, sob juramento, que jamais desposaria aquele monstro, porque ele era... Mas interrompeu-se, como se a voz fatal lhe recomendasse mais uma vez para se lembrar do juramento que lhe fizera. Sugestionado, voltou-se de repente. Pensara que lorde Ruthwen estava presente, mas não viu ninguém. Enquanto isto, o tutor e o médico, que tinham ouvido tudo, imaginando que era um regresso à sua desordem de espírito, foram para junto dele, afastaram-no da irmã e pediram a esta para deixar o quarto. Logo que ela saiu, Aubrey caiu de joelhos diante deles e conjurou-os a adiar o casamento nem que fosse por um dia, mas eles, supondo que tudo isto era mais um sinal da sua loucura, tentaram acalmá-lo e retiraram-se.

Lorde Ruthwen, logo no dia seguinte à reunião a que assistimos, pretendeu visitar Aubrey, mas foi-lhe negada esta pretensão, como de resto a toda a gente. E assim que soube, poucos dias depois, o estado alarmante da saúde do seu ex-amigo percebeu imediatamente que era por causa dele. Além disso, quando lhe disseram que Aubrey parecia ter enlouquecido, foi a custo que dissimulou a triunfante alegria que sentiu nesse momento perante aqueles que lhe deram a informação. Tratou então de se aproximar da irmã e, recorrendo a uma corte insistente e ao interesse que parecia demonstrar pela deplorável situação do irmão, conseguiu cativar o seu coração. Quem, com efeito, poderia resistir aos seus poderes de sedução? A sua conversação insinuava tantos trabalhos, tantos perigos desconhecidos. Não poderia ele, e com razão, falar de si mesmo como sendo um ser completamente diferente do resto do gênero humano, apenas com simpatia por si próprio? Não teria tantos motivos plausíveis para pretender que lhe saboreassem as delícias da sua voz fascinante, para perder a insensibilidade pela existência que havia denotado até aí? Em suma, lorde Ruthwen sabia tirar proveito da perigosa arte da sedução e levar ao ponto que queria a pessoa que desejava conquistar. Neste ínterim a extinção por morte de um ramo da sua família transmitiu-lhe o título de conde de Masden e logo que a sua união com a irmã de Aubrey foi combinada, pretextando negócios importantes que o chamavam ao continente para apressar a cerimônia, não obstante o estado deplorável do futuro cunhado, decidiu que a partida se efetuasse no próprio dia do casamento. Aubrey, entretanto, abandonado pelos tutores e pelo médico, tentou corromper, por meio de presentes, os criados, mas em vão. Não conseguindo que o deixassem

sair pediu uma pena e papel e escreveu à irmã, conjurando-a, em nome da sua própria felicidade, da sua honra e em memória dos pais já falecidos, a adiar por algumas horas uma união de que resultariam grandes desgraças. Os criados prometeram-lhe levar a carta, mas, em vez disso, entregaram-na ao médico, o qual, considerando a missiva como um puro ato de demência não a remeteu à destinatária.

A noite passou-se em preparativos para a cerimônia do dia seguinte. Aubrey ouvia tudo com um horror mais fácil de imaginar do que descrever. A fatal manhã aproximava-se rapidamente. O ruído da chegada das carruagens começou a chegar aos ouvidos de Aubrey, que quase delirava. A certa altura, a curiosidade dos criados encarregados de o vigiar fê-los esquecer o seu dever e, um após outro, deixaram-no imprudentemente à guarda de uma mulher de idade e já sem forças. Aubrey aproveitou logo a ocasião e correu para fora do quarto, chegando num instante ao salão onde estava quase toda a gente já reunida. Lorde Ruthwen foi o primeiro a vê-lo. Chegou-se imediatamente a Aubrey e agarrando-o pelo braço arrastou-o para fora dali. Quando subiam as escadas, lorde Ruthwen segredou-lhe as seguintes palavras: - Lembre-se do seu juramento, e fique sabendo que a sua irmã, se hoje não se tornar minha esposa ficará desonrada para sempre; a virtude das mulheres é frágil... Após estas palavras atirou-o violentamente para os braços dos criados encarregados de o vigiar, os quais, desde que se tinham apercebido da sua fuga, haviam corrido em sua perseguição.

Aubrey já não estava em estado de sustentar o peso do próprio corpo. Assim, devido ao esforço extraordinário que fez para gritar o seu desespero rompeu-se-lhe uma veia da garganta e banhado no seu próprio sangue foi transportado para a cama.

A irmã, que infelizmente não estava no salão quando Aubrey ali entrara, ignorou tudo o que se passou. A cerimônia foi portanto celebrada e os esposos deixaram Londres logo de seguida.

O estado de fraqueza de Aubrey aumentou a passos largos e a grande quantidade de sangue que perdeu apressou ainda mais a sua já precária saúde. Sentindo-se no fim, mandou chamar os seus tutores e com o desespero que quase o sufocara mais apaziguado, a partir da meia-noite, contou com calma o que o leitor acabou de ler, expirando assim que concluiu o seu relato.

Os tutores voaram em socorro da irmã de Aubrey, mas era demasiado tarde. Lorde Ruthwen tinha desaparecido, e o sangue da sua infeliz companheira suavizara a sede de um vampiro.

## **APÊNDICE II**

## La familia del Vourdalak<sup>61</sup>

Alexei Tosltoi

El año 1815 atrajo a Viena todo cuanto había de más distinguido entre las personas de notoriedad europea, brillantes inteligencias de salón y hombres conocidos por sus altas aptitudes en el campo de la política. Esto le daba a la ciudad una animación, un resplandor y una alegría extraordinarios. El Congreso tocaba a su fin. Los emigrados monárquicos se preparaban a regresar a los castillos que les habían sido restituidos, los guerreros rusos, a volver a sus abandonados hogares, y algunos polacos descontentos, a llevar consigo hasta Cracovia sus sueños de libertad, bajo la égida de aquella dudosa independencia que les fuera ofrecida por la triple iniciativa de los príncipes de Metternich y Hardenberg, y del conde de Nesselrode. Así como al terminar un animado baile de sociedad, un momento antes concurrido y bullicioso, suelen quedar algunas personas con ganas de seguir divirtiéndose, había unos cuantos personajes encantados con la seducción de las damas austríacas, que no mostraban prisa en hacer sus maletas y postergaban su salida de un día para otro. Esta sociedad alegre a la cual yo también pertenecía, se reunía un par de veces por semana en el castillo de la viuda del príncipe de Schwarzenberg, a unas leguas de la dueña de casa, su amabilidad llena de gracia y su fina inteligencia tenían para sus huéspedes inefable atractivo. Nuestras mañanas se consagraban a paseos; comíamos todos juntos, ya fuera en el castillo, ya en algún otro de los alrededores y, por las noches, sentados junto a la chimenea, cuyas llamas despedían una luz vacilante, conversábamos y nos contábamos interesantes anécdotas. Nos estaba terminantemente prohibido hablar de política. Ella nos había fascinado bastante a todos, y nuestros relatos se referían ora a leyendas y supersticiones de nuestros respectivos países, ora a recuerdos personales. Cierta vez, entrada ya la noche, cuando todos habíamos referido alguna aventura personal, y la imaginación de cada uno de nosotros se encontraba en ese estado de tensión que suelen provocar la semioscuridad y el silencio repentino, el marqués de Jurfe, viejo emigrado que todos apreciábamos mucho por su juvenil alegría y su excelente humor, aprovechó aquel momento de silencio y empezó a hablar. –Los relatos de ustedes, señores –dijo–, son muy singulares por supuesto, pero me parece que les falta lo esencial: su presencia personal. No sé si alguno de ustedes habrá visto perso-

---

<sup>61</sup> Disponível na língua espanhola em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/130151.pdf>. Acesso em 22/04/2015.

nalmente, con sus propio ojos, los sucesos sobrenaturales de que acaban de hablarnos, y si puede afirmarlo bajo palabra de honor. Teníamos que confesar que nadie podía hacer semejante cosa, y el anciano prosiguió, tras haberse arreglado el cuello de la camisa: – En cuanto a mí se refiere, no conozco sino un caso, pero este caso es tan extraño, tan terrible y, lo que es más importante, tan positivamente cierto, que él sólo basta para llenar de horror la imaginación de un hombre, aun del más desconfiado. Por desdicha, yo mismo fui testigo y protagonista de él, recordarlo, por esta vez les contaré el suceso con gusto, siempre que nuestras adorables damas me lo autoricen. El permiso le fue otorgado inmediatamente. A decir verdad, unas cuantas miradas temerosas se dirigieron hacia los relucientes cuadrángulos que la luna había comenzado a dibujar en el lustroso piso de la habitación, pero pronto nuestro pequeño círculo se estrechó aún más, y todos nos callamos en espera del relato del marqués. Este sacó de su cajita de oro una pizca de rapé, la aspiró lentamente, y comenzó así: Ante todo, mesdames, les tengo que presentar mis excusas por si en el curso de mi relato me veo obligado a hablar de mis asuntos amorosos con mayor frecuencia de la que conviene a un hombre de mi edad. Pero tengo que aludir a ellos, para mayor ilustración de mi relato. Sin embargo, es perdonable olvidarse a veces de la vejez, y sólo ustedes tendrán la culpa, mesdames, si en vuestra compañía llego a imaginarme por un instante volver a ser joven. Así pues, sin más preámbulos, les diré que en el año 1769 estaba yo perdidamente enamorado de la encantadora duquesa de Grammont. Esta pasión, que en general entonces yo creía inalterable y profunda, no me daba tregua ni de día ni de noche, mientras que la duquesa, como la mayoría de las mujeres bonitas, aumentaba El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi mis torturas con su coquetería, hasta que yo, en un momento de despecho, me decidí a pedir, y conseguí, una misión diplomática. Tuve, pues, que dirigirme al príncipe de Moldavia, que por aquella época mantenía negociaciones con el gabinete de Versalles respecto a unos asuntos que encerraban cierto interés para la Francia de entonces. En vísperas de mi partida, me dirigí a casa de la duquesa. No me recibió tan burlona como antes, y se puso a hablar con cierta agitación: –De Jurfe, se está portando usted como un loco. Pero lo conozco, y sé que jamás desistiría de una decisión adoptada. Así, pues, sólo le pido una cosa: acepte esta crucecita en señal de mi sincera amistad, y llévela hasta su regreso. Es nuestra reliquia familiar, y todos nosotros la apreciamos mucho. Con galantería tal vez fuera de lugar en aquel instante, besé, no la reliquia familiar sino la encantadora manecita que me la tendía. Y me colgué del cuello esta misma cruz, que ya nunca abandoné desde aquel día. No las cansaré, mesdames, con los pormenores de mi viaje, ni con

mis observaciones respecto a los húngaros y los servios, pueblos pobres, aunque valientes y honrados, que, a pesar de estar bajo el dominio de los turcos, no olvidaron ni su dignidad ni su independencia primitiva. Bastará que les diga que habiendo aprendido el polaco, durante una de mis bastante largas estancias en Polonia, no tardé en dominar también el servio, pues estas dos lenguas, así como el ruso y el checo, no son sino dos ramas de un único idioma denominado eslavo. Así, pues, ya conocía bastante el servio como para hacerme entender, cuando me encontré en una aldea cuyo nombre no les puede interesar. Los dueños de la casa en que me detuve me parecieron extrañamente turbados. Esto me impresionó por ser ese día domingo, día en que los servios se entregan a distintas diversiones, tales como la danza, el tiro al blanco, la lucha... Atribuyendo el estado de ánimo de mis huéspedes a alguna desgracia ocurrida en la casa, me disponía ya a dejarlos, cuando se acercó a mi un hombre de unos treinta años, de alta estatura y de aspecto imponente, y me tomó de la mano... –Entra, entra, extranjero –me dijo–, no te asustes de nuestra tristeza; la comprenderás cuando te enteres de su causa. Y me contó que su anciano padre, llamado Gorsha, hombre de carácter inquieto y violento, al levantarse una mañana de la cama, había descolgado de la pared su larga espingarda turca, y les había dicho a sus dos hijos, Jorge y Pedro: “Hijos míos me voy a las montañas para unirme a los valientes que están persiguiendo a Alibek (así se llamaba un bandido turco que asolaba aquellos contornos). Esperadme diez días y, si no regreso dentro de ese término, mandad decir una misa por mí, pues será señal de que estoy muerto. Pero si –agregó el viejo Gorsha, con cara aún más seria– si (¡Dios nos salve!), llegara pasados los diez días, por la salud de vuestras almas, no me admitáis en casa. Os ordeno que, olvidando que soy vuestro padre, me atraveséis con una estaca de roble, sin escuchar mis súplicas, y a pesar de todo cuanto haga, porque, entonces, el que regresaría no sería yo sino el maldito vampiro que vendría a chuparos la sangre”. A este respecto, tengo que explicarles, mesdames, que los vampiros de los pueblos eslavos no son, según la opinión popular, sino los cuerpos de los difuntos que salen de sus sepulcros para chupar la sangre de los vivos. En general, sus costumbres son idénticas a las de los vampiros de los demás países, pero poseen, además, una particularidad que les hace aún más peligrosos. Los vampiros, mesdames, chupan con preferencia la sangre de sus parientes más cercanos y de sus mejores amigos, y éstos, a su vez, al morir, se convierten en vampiros, de modo que, según dicen, hay en Bosnia y en Herzegovina aldeas enteras, cuyos habitantes son todos vampiros. El abate Agustín Calmet, en su curiosa obra sobre los fantasmas, presenta horribles ejemplos de la existencia de los vampiros. Los empe-

radores germanos solían nombrar comisiones numerosas para la investigación de los casos de vampirismo. Se hacían investigaciones, se desenterraban cadáveres, que luego resultaban estar llenos de sangre; se los quemaba en las plazas públicas, después de atravesarles el corazón. Los testimonios de las personas competentes y de los funcionarios oficiales que presenciaron estas ejecuciones, expresan que se oía gemir a los cadáveres cuando el verdugo les clavaba la estaca en el corazón. Se conservaron exposiciones formales y juradas de aquellas personas, ratificadas por sus firmas y sus sellos. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi teniendo en cuenta todo lo dicho, no les será difícil, mesdames, comprender la impresión que causaron las palabras de Gorsha en sus dos hijos. Ambos se echaron a sus pies implorándole para que les permitiera ir a las montañas en su lugar, pero el anciano, por toda respuesta, les volvió la espalda y se alejó, entonando el estribillo de cierta canción épica nacional. El mismo día que llegué a la aldea, expiraba el plazo fijado por Gorsha, lo que me explicaba la inquietud de sus hijos. Se trataba de una familia buena y honrada. Jorge, el mayor de los hijos, de rostro de rasgos varoniles y regulares, parecía ser hombre resuelto y serio. Estaba casado y tenía dos hijos. Su hermano Pedro, hermoso joven de unos dieciocho años, demostraba en la expresión de su cara tener más dulzura que valor; era, al parecer, el predilecto de su hermana menor Zdenka, que con todo derecho podía calificarse de dechado de belleza eslava. Pero, además de su belleza, innegable en todos sentidos, me chocó en ella, desde el primer instante, cierto parecido lejano con la duquesa de Grammont, sobre todo una arruga característica en la frente, que en toda mi vida sólo encontré en estas dos personas; esta arruga podía disgustar tal vez, a la primera mirada, pero se tornaba irresistiblemente atrayente al volverse familiar... Yo no sé si porque yo era muy joven en aquella época o porque aquella semejanza unida a la original e ingenua inteligencia de Zdenka fuera en realidad tan irresistible, el hecho es que antes de haber conversado con ella tan sólo dos minutos, sentía ya hacia ella una simpatía tal que presagiaba convertirse en un sentimiento mucho más tierno de haberme decidido a prolongar mi permanencia en aquella aldea. Todos estábamos sentados a la mesa en la que había queso blanco y un jarro de leche. Zdenka estaba tejiendo; su cuñada preparaba la comida para los niños, que jugaban con arena allí mismo. Pedro, con aparente despreocupación, silbaba, mientras limpiaba su largo cuchillo turco. Jorge, con los codos sobre la mesa y la cabeza entre las manos, no apartaba la vista de la carretera, sin pronunciar siquiera una palabra. En cuanto a mí, turbado por la tristeza y la depresión de toda aquella gente, miraba sin alegría las nubes vespertinas que rodeaban y hacían resaltar la dorada hondura del cielo

y el monasterio que se alzaba de entre los pinos del bosque vecino. Aquel monasterio, según supe más tarde, había sido antaño famoso por su milagroso icono de la Virgen, Madre de Dios, que según la leyenda, trajeron los ángeles y lo colgaron de las ramas de un roble. Pero, a comienzos del siglo pasado, los turcos irrumpieron en la comarca, estrangularon a todos los monjes y devastaron el claustro. Nada quedó, salvo unas paredes y una capilla, en la que cierto ermitaño desconocido seguía realizando oficios religiosos. Éste, mostraba también las ruinas a los forasteros, y daba asilo a los peregrinos que recorrían los lugares en los que había alguna reliquia, y que gustaban quedarse en el monasterio de la “Madre de Dios de los Robles”. Como ya les dije, de todo esto me enteré más tarde, mientras que en aquel anochecer mi cabeza estaba lejos de ocuparse en la arqueología de Servia. Como a menudo sucede, cuando se da rienda suelta a la imaginación, me hundí por entero en los recuerdos de los días pasados, de los tiempos hermosos de mi infancia feliz, de mi querida Francia, que había abandonado para trasladarme a una región lejana y salvaje. También estaba pensando en la duquesa de Grammont y, por qué no decirlo, asimismo en algunas otras jóvenes, contemporáneas de vuestras abuelitas, mesdames, cuyas imágenes llamaban a las puertas de mi corazón y que, prescindiendo de mi conciencia y hasta contra mi voluntad acompañaban la imagen de la encantadora duquesa. Pronto olvidé a mis huéspedes y su inquietud. Mas Jorge rompió el silencio: –Mujer –dijo a su esposa–, ¿qué hora era cuando se fue el viejo? –Las ocho –contestó la interpelada–. Oí cómo dobló entonces la campana del monasterio. –Muy bien –prosiguió Jorge–. Ahora, por lo visto, no son más que las siete y media. Y volvió a su mutismo, clavando otra vez la mirada en la carretera que se perdía en la selva. Olvidé advertirles, mesdames, que los servios, cuando sospechan de alguien que sea vampiro, evitan llamarle por su nombre o mencionarle directamente, porque de hacerlo así, le invocarían en El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi su tumba. Por consiguiente, Jorge, al hablar de su padre no aludía a él, sino por la designación de “el viejo”. Durante unos minutos reinó un silencio absoluto. De pronto, uno de los niños le dijo a Zdenka, tironeándola del delantal: –Tía, pero ¿cuándo vuelve abuelito a casa? Jorge respondió a la pregunta con una bofetada. El chico se echó a llorar, y su hermanito dijo con expresión de asombro y de susto en el semblante: –¿Por qué, papaíto, nos prohíbes ahora que hablemos de abuelito? Otra bofetada fue la respuesta. Los chicos lloraban a dúo, y la familia, entretanto, empezó a persignarse. En aquel instante, el reloj del monasterio lentamente dio las ocho. Apenas resonó la primera campanada vimos salir la figura de un hombre del bosque y acercarse a nosotros. –¡Es él, Dios sea loado! –exclamaron a la vez

Zdenka, Pedro y su cuñada. –¡Dios nos ampare! –dijo Jorge solemnemente–. ¿Cómo podremos saber si ya transcurrió o no el término de diez días que él mismo se había fijado? Todos le miraron con espanto. Entretanto, la figura humana se acercaba cada vez más. Era un viejo de alta estatura, con bigotes canosos, de rostro pálido y severo, que avanzaba penosamente con ayuda de un bastón. A medida que se aproximaba, Jorge se ponía más sombrío. Al llegar por fin adonde estábamos, el recién venido se detuvo y paseó por los miembros de su familia una mirada que, al parecer, nada podía ver, tan opacos y hundidos estaban sus ojos. –Bueno –dijo con voz ronca–; ¿por qué no se levanta nadie a recibirme? ¿Qué significa este silencio? ¿Acaso no veis que estoy herido, y de gravedad? Y así era: el costado izquierdo del anciano estaba cubierto de sangre coagulada. –Sostén a tu padre –le dije yo a Jorge–, y tú, Zdenka, dale algo para reanimarle, pues de lo contrario no tardará en caer sin sentido. –Padre –dijo Jorge, acercándose a Gorsha–. Muéstrame tu herida, yo entiendo de esto y sabré vendártela... Pero cuando se disponía a ayudar al anciano a sacarse la ropa éste le dio un empujón violento y se apretó con ambas manos el costado izquierdo. –Déjame, torpe –dijo–; sólo has logrado aumentar mi dolor. –¡Pues entonces, eso quiere decir que estás herido en el corazón! –exclamó Jorge poniéndose muy pálido–. ¡Quítate la ropa, es preciso hacerlo, oyes, es imprescindible! El viejo se levantó de su asiento, e irguiéndose, dijo, sordamente: –Ten cuidado. ¡Si intentas tocarme, te lanzaré mi maldición! Pedro se interpuso entre Jorge y su padre. –Déjale. ¿No ves que está sufriendo? –No le contradigas –añadió la mujer de Jorge–. ¿Acaso no sabes que jamás lo aguantaba? En ese momento, vimos venir hacia nosotros el rebaño que regresaba a la casa, levantando nubes de polvo. El perro que lo conducía, por no haber reconocido a su viejo dueño, o por algún otro motivo, se puso a aullar apenas advirtió a Gorsha; se detuvo; el pelo se le erizó y temblaba como si viera algo extraordinario. –¿Qué le pasa al perro? –dijo el anciano, frunciendo el ceño de más en más–. ¿Qué significa todo esto? ¿Qué, acaso me he vuelto extraño a mi propia familia? ¿Tanto me han cambiado diez días en las montañas, que ni mis perros me reconocen ya? –¿Oyes? –dijo Jorge a su mujer. –¿Qué, Jorge? –Él mismo dice que los diez días han pasado. –¡Pues no, no es cierto, porque vino dentro del término fijado! –Bueno, está bien. ¡Ya sé lo que tengo que hacer! –Y el maldito perro sigue aullando... ¡Matadlo de un tiro! –exclamó Gorsha–. ¿No habéis oído? Jorge no se movió, pero Pedro, con lágrimas en los ojos, se levantó, cogió el fusil paterno y disparó contra el perro, que rodó por tierra. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi –Era mi favorito –dijo, bajando la voz–. No sé por qué padre necesitaba que se le matara. –Pues, por-

que lo merecía –contestó Gorsha–. Pero empieza a hacer fresco; quiero ir bajo techado. Mientras ocurría todo esto, Zdenka preparó para el viejo un brebaje de aguardiente hervido con peras, miel y uvas pasas, pero el anciano lo rechazó con repugnancia. Idéntica repugnancia demostró por las costillas de cordero con arroz que Jorge le puso delante, y fue a sentarse en un rincón, murmurando palabras incomprensibles. La leña de pino ardía en la chimenea y lanzaba su fulgor tembloroso sobre el rostro del viejo, que estaba tan pálido y tan extenuado que, a no ser por aquella iluminación, podría parecerse al rostro de un muerto. Zdenka se acercó a él y se sentó a su lado. –Padre –le dijo–, ¿no quieres comer nada, ni quieres descansar? Pues, cuéntanos al menos algo de las hazañas que realizaste estos días en las montañas. Al decir eso, la muchacha sabía que estaba tocando el punto débil del viejo, que gustaba mucho de conversar de las batallas y combates con los turcos. Y así era, pues una sonrisa asomó durante un instante a sus pálidos labios, pero sus ojos permanecieron tan inexpresivos como antes, y contestó, acariciando con la mano el hermoso cabello rubio de su hija: –Está bien, Zdenka, te contaré todo lo que vi en las montañas, pero no será ahora, ni hoy: estoy cansado. Una sola cosa te diré, y es que Alibek ya no figura entre los vivos, porque fue muerto por la mano de tu padre. Y si alguien duda de mis palabras –prosiguió el viejo, echando una mirada a sus familiares–, ¡aquí está la prueba! Y tirando de la cuerda que ataba la bolsa colgada de sus espaldas, sacó una cabeza ensangrentada que, como la cara del viejo, tenía la lividez de la muerte. Nos volvimos con horror para no verla, pero Gorsha dijo, alargándosela a Pedro: Toma, cuélgala sobre la puerta de nuestra casa, para que todo el que pase sepa que Alibek está muerto y los caminos libres de malhechores, salvo de la guardia del sultán. Pedro le obedeció con repulsión. –Ahora lo comprendo todo –dijo–. ¡El pobre perro aullaba porque sentía olor a muerto! –Sí, sentía olor a muerto –confirmó sombríamente Jorge, que entretanto había salido disimuladamente de la habitación, y regresaba llevando en la mano un objeto que puso en un rincón; me pareció que era una estaca. – Jorge –dijo a éste su esposa, bajando la voz–. ¿Será posible que quieras... –Hermano –intervino Zdenka–. ¿Qué es lo que tienes en la mente? No, no, tú no puedes hacer eso. ¿Verdad que no? –Dejadme –contestó Jorge–. Sé lo que tengo que hacer, y no he de hacer nada que no deba. Entretanto, cayó la noche y la familia se recogió en la parte de la casa que estaba separada de la habitación en que me alojaba por un delgado tabique. Confieso que todo lo visto durante la tarde había causado una honda impresión en mi mente. Apagué la vela. La luna daba directamente en la ventana baja de mi cuarto, muy cerca de mi cama, y volcaba en el suelo y en la pared sus azulados reflejos, casi como

aquí, en este momento, mesdames. Tenía ganas de dormir, pero no podía. Creí que era por la luz de la luna, y me puse a buscar algo para tapar la ventana, pero no encontré nada; entretanto, detrás del tabique se oyeron unas voces bajas. Involuntariamente, me puse a escuchar. –Acuéstate, mujer –decía Jorge a su esposa–, y tú, Pedro, y tú también, Zdenka. No os inquietéis por nada, que yo mismo velaré por vosotros. –Pedro, Jorge –le contestó su mujer–, sería más justo que yo no me acostase; trabajaste toda la noche de ayer, y has de estar muy cansado. Además, tengo que cuidar al mayor de los muchachos. ¡Sabes que no se siente bien desde ayer! –Quédate tranquila, y acuéstate; yo velaré por los dos. –Hermanito –dijo Zdenka con voz suave y cariñosa–; me parece que no se necesita vigilancia alguna: el padre duerme ¡Y mira qué rostro tan tranquilo tiene! –¡Ni mi mujer ni tú, ninguna de las dos, entiende nada! –repuso Jorge en tono de voz que no admitía réplica–. Os digo que os acostéis y me dejéis de guardia. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi después de esto, hubo un silencio absoluto. Al poco tiempo también yo sentí cómo mis párpados se ponían pesados y el sueño se apoderó de mí. De pronto, veo que la puerta de mi cuarto comienza a abrirse, y que el viejo Gorsha entra. Pero yo, más que ver, adivino su presencia, porque el cuarto del que salió está oscuro. Me parece que con sus apagados ojos trata de penetrar mis pensamientos y observa mis movimientos. Lo oigo mover una pierna, y levantar después la otra. Luego, con suma cautela se acerca a mí. Un momento más, da un salto, ya estaba junto a mi cama... Experimento un terror indescriptible, pero una fuerza superior me impide hacer cualquier ademán. El viejo se inclina sobre mi cama y aproxima su pálido rostro al mío, tan cerca que siento su aliento de ultratumba. Hice un esfuerzo sobrehumano y me desperté, bañado en un sudor frío. En el cuarto no había nadie; pero al mirar la ventana, divisé al viejo Gorsha, que con la cara pegada al vidrio, desde afuera, no apartaba de mí sus horribles ojos. Tuve bastante dominio de mí mismo para no dar un grito, y bastante presencia de ánimo para no saltar de mi lecho y para aparentar no haber visto nada. Sin embargo, al parecer, el viejo sólo había venido con el propósito de cerciorarse de que yo estaba durmiendo, y no había tenido intención de entrar; tras de haberme mirado fijamente, se apartó de la ventana y oí cómo se puso a andar por el cuarto vecino. Jorge se había dormido, y roncaba con tanta fuerza que poco faltaba para que temblasen las paredes. En aquel momento se despertó el muchacho, y oí la voz de Gorsha: –¿No duermes, chico? –No, abuelito –contestó el niño–, me gustaría mucho conversar contigo... – ¡Ah, tienes ganas de charlar...! Pues, ¿de qué hablaremos? –Quisiera que me contaras cómo has combatido a los turcos, porque yo también iría gustoso a pelear contra ellos. –

Ya lo pensaba yo, chiquillo, y hasta traje una navajita que te regalaré mañana mismo. – ¡Ah!, abuelito, dámela ahora mejor, puesto que no duermes. –¿Por qué, muchachito, no me hablaste hoy de día? –Porque mi padre me lo ha prohibido. –Es prudente, tu padre. ¿Quieres pues que te dé tu navaja hoy? –Sí que lo quiero, pero que no sea aquí, porque mi padre puede despertarse. –¿Dónde, pues? –Salgamos de aquí, abuelito, afuera, sin hacer ruido, para que nadie nos oiga. Me pareció oír como si Gorsha se riera sordamente, y el muchacho empezó a vestirse. Yo no creía en la existencia de los vampiros, pero la pesadilla que acababa de tener me había sacudido los nervios, y para no tener que reprocharme nada más tarde, me levanté y di un fuerte puñetazo al tabique. El golpe fue tan fuerte que, al parecer, habría podido despertar a los siete durmientes de los cuentos árabes, pero a pesar de ello toda la familia siguió durmiendo. Me lancé a la puerta, decidido a salvar al niño, pero la encontré cerrada por fuera y la cerradura no cedió a mis esfuerzos. Mientras trataba de romper la puerta, vi por la ventana al viejo que andaba por el camino con el niño en brazos. –¡Levántense ustedes, levántense! –seguía gritando yo con todas mis fuerzas sacudiendo el tabique con mis puñetazos. Sólo entonces Jorge se despertó. –¿Dónde está el viejo? –preguntó. –Síganle pronto –grité–, acaba de llevarse a tu hijo. De un puntapié, Jorge echó abajo la puerta de su cuarto, que, como la mía, estaba cerrada por afuera, y echó a correr hacia el bosque. A duras penas logré despertar a Pedro, a su cuñada y a Zdenka. Nos reunimos frente a la casa y, tras unos minutos de espera, vimos a Jorge que regresaba con el muchacho en brazos. Lo había encontrado sin sentido en la carretera, pero el muchacho pronto recobró el conocimiento y no parecía estar más enfermo que antes. A las preguntas que se le hacían contestaba que el abuelito no le había hecho nada, que habían salido juntos para conversar con más tranquilidad, pero que apenas se encontraron fuera de casa, el chico se había desmayado sin saber cómo. En cuanto a Gorsha, había desaparecido. La segunda mitad de la noche, por supuesto, la pasamos sin dormir. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi a la mañana siguiente me enteré que en el río que cruzaba la carretera a un cuarto de milla de la aldea, el hielo se estaba rompiendo, lo cual, en esta región, sólo ocurre en primavera. La travesía se hizo imposible durante unos cuantos días, y yo tenía que abandonar toda idea de proseguir mi viaje. Sin embargo, aun cuando hubiera podido irme, la curiosidad y otro sentimiento más fuerte me habrían retenido. Cuanto más veía a Zdenka, tanto mayor atracción sentía hacia ella. No soy, mesdames, de esos hombres que creen en una pasión repentina e invencible como tan a menudo se pinta en las novelas; pero creo que hay casos en que el amor se desarrolla más rápidamente que lo corriente. La original

belleza de Zdenka, su singular parecido con la duquesa de Grammont, por la cual yo había huido de París y que volvía a encontrar vestida con ropas pintorescas y hablando un idioma extraño pero hermoso; aquella arruga característica en la frente, que veinte veces me hiciera perder la razón y pensar en suicidarme, todo aquello, unido a lo extraño de mi situación y a todo lo sobrenatural que allí me rodeaba, colaboraba al nacimiento en mi alma de un sentimiento que en otras circunstancias se hubiera manifestado sólo en forma superficial y pasajera. En el curso del día oí cómo Zdenka le decía a su hermano menor: —¿Qué piensas de todo esto, Pedro? ¿Es posible que tu también sospeches de papá? —No me atrevo a sospechar de él, y menos aún porque el niño dice que no le hizo daño alguno. Y no me extraña que haya desaparecido en forma tan repentina, pues tú misma sabes que también lo hacía antes, y que nunca explicaba a nadie el porqué de sus ausencias. —Lo sé —respondió Zdenka—, y por eso es preciso salvarlo; sabes, por supuesto, que Jorge... —Sí, sí, ya sé. Es inútil hablarle, pero podemos esconder la estaca, pues no podrá conseguir otra; de este lado de las montañas no podrá encontrar ni un solo roble. —Sí, Pedro, escondamos la estaca, pero no se lo digamos a los niños, porque podrían traicionar el secreto, y decírselo a Jorge... —Procederemos con cautela, por supuesto —dijo Pedro, y así se separaron. Llegó la noche; el viejo Gorsha había desaparecido sin dejar rastro. Como la noche anterior, yo estaba acostado y la luna inundaba de nuevo la habitación con su luz mortecina. Cuando el sueño comenzó ya a confundirme las ideas, sentí de pronto y como por instinto la proximidad del viejo. Abrí los ojos, y vi su rostro pálido, pegado al vidrio. Entonces quise levantarme, pero me fue imposible: mis miembros parecían paralizados. Tras haberme mirado fijamente, el viejo se apartó de la ventana y le oí dar vuelta a la casa y golpear a la ventana del cuarto donde dormía Jorge con su mujer. El niño se movió y gimió en el suelo. Durante unos momentos, todo volvió a tranquilizarse; luego resonaron de nuevo los golpes en la ventana. El niño volvió a gemir levemente y se despertó. —¿Eres tú, abuelito? —exclamó. —Soy yo —respondió una voz sorda—, te traje la navajita. —Pero no me atrevo a salir, ¡papá me lo ha prohibido! —No tienes por qué salir de casa; abre la ventana y dame un beso. El niño se levantó y le oí abrir la ventana. Entonces, reuniendo todas mis fuerzas, salté de la cama y me puse a golpear el tabique. Jorge se despertó inmediatamente, y se levantó. Le oí lanzar una imprecación. Su mujer dio un agudo grito, y un momento después toda la casa se había reunido alrededor del niño, que estaba desmayado... Gorsha desapareció como la víspera. Con dificultad, conseguimos hacer recobrar el conocimiento al muchacho, pero estaba muy débil y apenas si podía respirar. El pobrecillo no sabía la causa de su desmayo.

Su madre y Zdenka lo atribuyeron al susto del niño al haber sido sorprendido en una conversación prohibida con el abuelo. Yo no decía nada. Cuando el pequeño se calmó, todos, menos Jorge, volvieron a acostarse. Al amanecer, oí que Jorge despertaba a su mujer; luego se pusieron a hablar en voz baja; Zdenka se les unió, y oí distintamente que las mujeres lloraban. El niño había muerto. Pasó en silencio la desesperación de la familia. Pero a pesar de todo, nadie atribuía su muerte al viejo Gorsha. Por lo menos, nadie lo afirmó abiertamente. Jorge callaba, mas la expresión de su rostro, siempre sombrío, era ahora terrible. El viejo no apareció en dos días. Al tercero, por la noche (cuando el chico ya había sido enterrado), me pareció que alguien estaba rondando la casa. Y llamaba por su nombre al otro niño. Hasta que pareció que durante un rato el viejo Gorsha miraba por mi ventana, pero no pude darme cuenta clara de si en el vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi realidad era así o si sólo me lo estaba imaginando, porque aquella noche la luna se ocultó tras las nubes. Sin embargo, consideré mejor comunicárselo a Jorge. Este se puso a interrogar al niño, que confesó que realmente había oído al abuelito llamarlo por su nombre, y que lo había visto por la ventana. Jorge ordenó a su hijo con suma severidad que le despertara en seguida si el viejo volvía a aparecer. Estas circunstancias no impedían de modo alguno el desarrollo de mis tiernos sentimientos hacia Zdenka. De día, no pude hablarle a solas. Cuando llegó la noche, la idea de mi próxima partida me apretó dolorosamente el corazón. El cuarto de Zdenka estaba separado del mío por un vestíbulo que por un lado daba a la calle y, por el otro, al patio. Mis huéspedes se habían acostado ya, cuando se me ocurrió la idea de salir a dar un paseo por la aldea para disipar mi tristeza. Al salir al vestíbulo, vi que la puerta del cuarto de Zdenka estaba entornada. Me detuve involuntariamente. El conocido murmullo de un vestido me hizo latir el corazón con más fuerza. Tras eso, llegó a mis oídos una canción a media voz. Era la despedida a su amada de un rey servio que se iba a la guerra. “¡Oh, mi joven álamo! –decía el viejo rey–. Me voy a la guerra, y tú me olvidarás”. “Los árboles que crecen al pie de la montaña son esbeltos y flexibles, pero más esbelta y más flexible es tu joven cintura. Rojos son los frutos del espino que agita el viento, pero tus labios son más rojos que los frutos del espino. Y yo mismo soy cual viejo roble sin hojas, y mi barba, más blanca que la espuma del Danubio. Y tú me olvidarás, corazón mío, y me moriré de angustia porque no se atreverá el enemigo a matar al viejo rey”. “Y respondió la amada: Juro permanecerte fiel, y no olvidarte jamás. Y si violara este mi juramento, ven después de muerto, y chupa toda la sangre de mi corazón”. “Y dijo el viejo rey: ¡Amén! Y se fue a la guerra. ¡Y la amada lo olvidó al poco tiempo!...”. Aquí

Zdenka calló, como si temiera la canción. No me pude contener más. Aquella voz, tierna y expresiva, era positivamente la de la duquesa de Grammont... Olvidándolo todo, empujé la puerta y entré. Zdenka acababa de quitarse una especie de bata que visten allí las mujeres. Sólo una camisa bordada de seda dorada y roja, y una falda atada en la cintura, cubrían ahora sus esbeltas formas. Sus hermosas trenzas rubias estaban deshechas, y en aquel desorden del vestido su belleza se dibujaba ante mí aún más encantadora. Sin enojarse, al parecer, por mi irrupción extemporánea, turbóse sin embargo ligeramente y se ruborizó. —¡Ay!, ¿para qué has venido? —empezó a decirme—. ¿Y qué pensarán si nos encuentran a solas? —Zdenka, mi vida, tranquilízate —le dije—. Todo duerme a nuestro alrededor, y sólo las cigarras en la hiedra o alguna libélula en el aire pueden oír lo que necesito decirte. —Vete, vete, querido; ¡si nos ve mi hermano, estoy perdida! —Zdenka, no me iré de aquí hasta que no me prometas quererme siempre como lo prometió a su rey la amada de tu canción. Pronto me iré de aquí, Zdenka, ¿Y quién sabe si alguna vez volveremos a vernos? Zdenka, te amo más que a mi alma, más que a mi propia salvación... mi vida y mi sangre son tuyas. ¿Será posible que me niegues siquiera una hora? —Mucho puede suceder en el espacio de una hora —respondió Zdenka pensativa, pero dejó su mano en la mía—. No conoces a mi hermano —prosiguió, estremeciéndose—; tengo el pensamiento de que vendrá ahora. —Tranquilízate, Zdenka mía —le dije—. Tu hermano está cansado por las pasadas noches de insomnio; le adormeció el viento que susurra en las hojas de los árboles; su sueño es profundo, nuestra noche es larga, pero no te pido más que una hora... Y luego, adiós quizá para siempre. —¡Oh, no, no, que no sea para siempre! —me interrumpió vivamente Zdenka, y se aparto de mí como asustada por su propia voz. —Oh, Zdenka —exclamé—, a ti sola veo en el mundo entero, a ti sola oigo; ya no tengo voluntad propia, obedezco a un poder superior, ¡perdóname, Zdenka! Y, como loco, la estreché contra mi corazón. —No, no eres amigo mío —dijo, arrancándose de mis brazos, refugiándose en un rincón apartado. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi no sé qué le contesté en aquel instante, porque yo mismo me sentí de pronto asustado de mi atrevimiento; no es que me intimide en casos semejantes a éste, sino que, no obstante mi arrebató de pasión, obedecía a un invencible sentimiento de respeto por la inocencia de Zdenka. Cierto es que aún intenté comenzar con algunos cumplidos melosos que en general tenían éxito entre las bellezas de aquella época, pero muy pronto llegué a sentirme avergonzado de mí mismo y callé, sobre todo cuando noté que la joven, en la ingenuidad de su corazón, ni siquiera de lejos adivinaba aquel sentido de mis palabras que, como veo, ustedes comprenden con una sola indirecta, mesdames.

Así, pues, yo estaba de pie frente a ella sin saber qué hacer, cuando de pronto se estremeció y dirigió una mirada llena de terror hacia la ventana. Seguí la dirección de su mirada y vi claramente al viejo Gorsha que nos vigilaba, mirando por el cristal. En el mismo momento, sentí una pesada mano en el hombro. Me di vuelta. Era Jorge. —¿Qué estás haciendo aquí? —me preguntó. Turbado por aquella inesperada intervención, le mostré a su padre que permanecía inmóvil junto a la ventana, pero que desapareció, al encontrar la mirada de Jorge. —Oí al viejo y vine a prevenir a tu hermana —dije. Jorge me miró como si hubiera querido penetrar hasta el fondo de mi alma. Luego, me cogió de la mano, me condujo a mi habitación y salió, sin pronunciar una palabra. Al día siguiente toda la familia estaba sentada a la mesa, frente a la puerta de la casa, con la comida de leche servida. —¿Dónde está el niño? —preguntó Jorge. —En el jardín —contestó la madre—. Está ocupado en su juego preferido, imaginando que combate a los turcos. Apenas pronunció estas palabras, todos nosotros, con asombro indescriptible, vimos la enorme figura del viejo Gorsha que venía lentamente del bosque igual que el día de mi llegada. —Bien venido seas, padre —pronunció su nuera con voz apenas perceptible. —Bien venido seas, padre —repitieron Zdenka y Pedro, a su vez, bajando la voz. —Padre —dijo Jorge con un tono firme, pero con el rostro alterado—: ¡Te estamos esperando para que nos digas una oración! El viejo dio media vuelta, frunciendo el ceño. —Dinos una oración ahora mismo —repitió Jorge—, y persígatelo, o si no... juro por el nombre de San Jorge que... Zdenka y su cuñada se inclinaron hacia el viejo, rogándole que dijera la oración. —¡No, no y no! —respondió—. ¡Él no tiene derecho a mandarme, y si insiste, le maldeciré! Jorge se levantó y entró corriendo a la casa. Al poco rato regresó, descompuesto el semblante por la furia. —¿Dónde está la estaca? —rugió—; ¿dónde pusisteis la estaca? Zdenka y Pedro cambiaron una mirada. —¡Cadáver! —gritó entonces Jorge a su padre—. ¿Qué hiciste de mi hijo mayor? ¡Devuélveme a mi hijo, cadáver! Mientras así hablaba, se ponía cada vez más pálido, y sus ojos despedían relámpagos. El viejo le observaba con una mirada que nada tenía de buena, y no se movía. —Pero ¿dónde está esa estaca, donde está la estaca? —exclamó Jorge—. ¡Qué todas las desgracias que nos esperan caigan sobre la cabeza del que la escondió! En aquel instante resonó la risa alegre del menor de los hijos, que entró donde estábamos cabalgando en una enorme estaca que arrastraba, gritando como gritan los servicios cuando entran en combate con el enemigo. Ante aquella aparición, Jorge se inflamó; le arrancó la estaca al niño, y se abalanzó sobre su padre. Éste emitió un rugido incoherente, y echó a correr hacia el bosque con una rapidez que parecía prodigiosa para sus años. Jorge le persiguió por el campo, y pronto ambos se perdieron.

ron de nuestra vista. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi ya se había puesto el sol cuando Jorge regresó a casa, pálido como un muerto, con el cabello desordenado. Se sentó junto al fuego y me pareció que le castañeteaban los dientes. Nadie se atrevió a hacerle preguntas. Cuando llegó la hora en que la familia tenía costumbre de recogerse, pareció recobrar su energía habitual. Llamándome aparte, me dijo con la mayor desenvoltura que puede imaginarse: –Querido huésped, estuve en el río y vi que el hielo ya se derritió; hay vado y, por lo tanto, nada te detiene aquí. No necesitas despedirte de mi familia agregó, echando una mirada a Zdenka–, pues por mis labios todos te desean toda clase de dicha y esperan que tú también habrás de conservar un buen recuerdo de nosotros. Mañana al amanecer encontrarás ensillado tu caballo, y un guía listo para acompañarte. Adiós, recuerda a tus huéspedes de vez en cuando, y perdónales si tu vida en su casa no fue tan apacible como lo hubieras deseado. Las severas facciones de Jorge parecían en aquel momento suavizadas por un sentimiento de amistad. Me acompañó a mi cuarto, y por última vez me estrechó la mano. Luego, volvió a estremecerse, y de nuevo sus dientes castañetearon como si tuviera frío. Al quedar solo, como habrán ustedes de imaginar, ni siquiera pensé en acostarme. Se me ocurrían las ideas más diversas. Había amado ya dos o tres veces en mi vida; había experimentado accesos de ternura, de despecho y de celos, pero jamás entonces, ni aun al separarme de la duquesa de Grammont, había sentido angustia semejante a la que me llenaba el corazón aquella noche. Aún no había salido el sol, cuando, vestido ya con mis ropas de viaje, pensé hacer un último intento de ver a Zdenka, pero Jorge ya me estaba aguardando en el vestíbulo. Toda posibilidad de encuentro se desvaneció. Salté a caballo e hincé las espuelas en sus flancos. Me prometí a mí mismo pasar por esta aldea en mi viaje de regreso de la capital rumana, y esta esperanza, por lejana que fuese, logró disipar poco a poco mis tristes pensamientos. Pensaba con alegría en mi regreso, y mi ardiente imaginación me diseñaba de antemano muchos dulces detalles, cuando de pronto un movimiento imprevisto de mi caballo casi me arrojó de la silla. El animal se detuvo en seco, apoyándose en sus manos y resopló con fuerza, como si adivinara un peligro cercano. Al echar una mirada atenta a mi alrededor, vi a unos cien pasos un lobo que estaba cavando la tierra. Al reparar en nosotros, echó a correr; espoleé mi caballo y lo obligué a seguir el camino. Vi entonces, en el lugar que cavaba el lobo, un hoyo recién hecho. Además, me pareció que a unas pulgadas de la tierra, sobresalía una estaca. Sin embargo, no puedo asegurarlo firmemente, porque pasé por aquel lugar con suma rapidez. Aquí el marqués se detuvo, y tomó una pizca de rapé. –¿Cómo, ya se acabó? –preguntaron las damas. –¡Ay, por

desgracia no! –contestó de Jurfe–. Lo que tendré que contarles ahora es muy penoso recordarlo, y mucho daría por liberarme de este recuerdo. Los asuntos por los cuales llegué a Iassi me detuvieron más tiempo del que yo calculaba. Para llevarlos a término necesité seis meses enteros. ¿Cómo decirlo? Es una triste verdad, pero sin embargo cierto es que en este mundo no existen sentimientos duraderos; el buen éxito de mis negociaciones, la aprobación que recibía del gabinete de Versalles, en una palabra, la política, esta maldita política que tanto nos cansara hace poco, no dejó de debilitar en mi corazón el recuerdo de Zdenka. Súmese a eso que la esposa del rey de Rumania, mujer hermosa y que dominaba a la perfección nuestro idioma, comenzó a distinguirme notablemente de los demás jóvenes extranjeros que se hallaban en Iassi en aquella época. Educado en las reglas de la cortesía francesa, con sangre gálica en mis venas, no podía por supuesto corresponder con ingratitud a las muestras de atención de aquella hermosa dama; halagadoras para mí, y con la mirada puesta en los intereses de Francia, que tenía el honor de representar ante su esposo, traté de demostrar con todo empeño cuán agradable consideraba mi deber de obedecer a los deseos de su bella esposa. Como veis, siempre me guiaban los intereses de mi país, mesdames... Llamado a mi patria, regresaba por el mismo camino que había seguido para llegar a Iassi. Ya no pensaba ni en Zdenka ni en su familia, cuando, al atravesar un campo, oí de alguna parte ocho toques de campana. El tono se me antojó extrañamente familiar, y mi guía me explicó que el vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi tañido provenía de un monasterio cercano. Pregunté cómo se llamaba el monasterio, y me enteré de que era el consagrado a la “Madre de Dios de los Robles”. Inmediatamente, espoleé mi cabalgadura y pronto me encontré junto a las puertas del claustro. El ermitaño nos dejó entrar en seguida, y nos mostró el alojamiento para los viajeros; pero estaba tan lleno de peregrinos, que le pregunté si no sería posible hallar posada en alguna casa de la aldea. –Se encontraría más de una –contestó el ermitaño, con un profundo suspiro–. Merced al maldito Gorsha, hay muchas casas vacías allí... –¿Qué significa eso? ¿Acaso el viejo Gorsha vive aún? –No, él personalmente yace, como es debido, en la húmeda tierra, con la estaca que le atraviesa el corazón... Pero ha chupado la sangre a su nieto, el pequeño hijo de Jorge. El niño fue una vez por la noche, llorando y diciendo que tenía frío y pidiendo que le dejaran entrar. La tonta de su madre, a pesar de haberlo enterrado ella misma, no tuvo ánimo de mandarlo otra vez al cementerio, y le dejó entrar. Entonces, se arrojó sobre ella y le chupó la sangre hasta dejarla muerta. Cuando la enterraron, vino a su vez por la sangre de su hijito menor; luego, ha chupado la de su marido y la de su cuñado. A todos les pasó lo mismo. –¿Y

Zdenka? –¡Oh, se volvió loca de dolor, la pobrecita! Mejor es no hablar de ella... La respuesta del viejo ermitaño era enigmática, pero no tuve ánimo de seguir preguntándole. – El vampirismo es contagioso – prosiguió el anciano –. Muchas familias en la aldea padecen de ese mal, muchas otras han desaparecido por completo y, si quieres seguir mi consejo, pasa la noche en el monasterio; porque en manos de los vampiros en la aldea, pasarás por horrores tales que la cabeza se te cubrirá de canas antes de que tenga yo tiempo de tocar a maitines. Aunque no soy más que un pobre monje –prosiguió–, las dádivas de los viajeros me permiten proveer ampliamente a todas sus necesidades. Tengo un queso blanco excelente, y uvas pasas tan buenas que sólo con verlas te tentarán; pueden encontrarse también algunas botellas de exquisito vino que nada tiene que envidiar al que se sirve en la mesa de Su Santidad el patriarca... Me pareció que en aquel momento el que hablaba no era un ermitaño sino más bien un hostelero, y que me había relatado todos los horrores precedentes con el fin deliberado de hacerme imitar la generosidad de aquellos viajeros que “permitían al santo hombre proveer ampliamente a todas sus necesidades”. Además, la palabra horror me producía el mismo efecto que el toque de carga a un caballo del ejército. Me habría avergonzado de mí mismo si no me aprestara a proseguir el viaje en seguida. Mi guía, temblando, me pidió permiso para quedarse en el claustro, a lo que accedí inmediatamente y de buena gana. Tardé media hora en llegar a la aldea, que encontré vacía. Ni una sola luz, ni una canción. En silencio pasé frente a todas aquellas casas conocidas en su mayoría, y por fin llegué a la de Jorge. ¿Habrá sido por algún sentimiento romántico o sencillamente por el valor juvenil? Lo cierto es que decidí pasar la noche en aquella casa. Me apeé y llamé a la puerta. No obtuve contestación. Empujé la puerta de entrada, que se abrió chirriando, y pasé al jardín. Atando bajo no sé qué techumbre mi caballo sin desensillarlo, me dirigí a la casa. Ninguna puerta estaba cerrada, y, sin embargo, parecía no haber moradores en la casa. El cuarto de Zdenka parecía haber sido abandonado apenas el día anterior. Algunos vestidos yacían aún sobre la cama. Unas cuantas chucherías de oro que yo le había regalado, y, entre otras, una crucecita esmaltada comprada por mí en Peshta, brillaban sobre la mesa bajo los rayos de la luna. El corazón se me contrajo a pesar mío, aunque hacía mucho que se me pasara el amor... Suspiré, me envolví bien en mi capa y me eché sobre la cama. Pronto me dominó el sueño. No recuerdo detalles, pero sé que en seguida vi a Zdenka, adorable, ingenua y tierna como antes. Al verla, me reproché mi inconstancia: “¿Cómo he podido olvidar –me pregunté– a esta pobre muchacha que tanto me amaba?” El recuerdo de ella pronto se confundió con el de la duquesa de Grammont, y de aquel-

las dos imágenes ya no veía más que a una sola persona. Me arrojé a los pies de Zdenka, y le imploré su perdón. Todo mi ser, toda mi alma se llenaron de un sentimiento de tristeza y de dicha inefables... Así soñaba yo, cuando de pronto quedé medio despierto por unos sonidos suaves, como el susurro de las espigas mecidas por el viento. Me pareció oír aquel murmullo de espigas y el canto del vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi de los pájaros, sonidos a los cuales se mezclaba algo así como un ruido lejano de agua que cae y el suave crujir de las hojas de los árboles. Luego me pareció que todos estos sonidos se confundían en uno solo, en un susurro de vestido de mujer, y con esta idea me desperté del todo. Al abrir los ojos, vi a Zdenka junto a mi cama. La luz de la luna era tan fuerte que podía distinguir hasta los menores detalles de aquellas facciones otrora tan queridas, cuyo encanto sólo supe apreciar entonces, en mi sueño. Me pareció que Zdenka se había vuelto aún más hermosa y seductora. Vestía la misma ropa ligera de aquella vez que la vi sola: una sencilla camisa bordada con oro y seda, y la falda de ajustada cintura. —¡Zdenka! —exclamé, levantándome rápidamente de mi lecho—. ¡Zdenka! ¿Eres tú? —Sí, soy yo —me contestó en tono triste y bajo—. Sí, es tu Zdenka, a la que olvidaste. ¡Ah! ¿Por qué no regresaste antes? Ahora todo ha terminado; tienes que irte ahora mismo. ¡Un instante más y perecerías! ¡Adiós, amigo mío, adiós para siempre! —Zdenka —le dije—, me han dicho que has sufrido mucho; habla conmigo y te sentirás aliviada. —¡Oh, amigo mío! No creas lo que dicen de nosotros, pero ¡vete, vete pronto, porque, si no, perecerás, perecerás irremediablemente! —Pero Zdenka, ¿qué me amenaza? ¿Es posible que no me concedas una hora, sólo una hora para hablar contigo? Zdenka se estremeció y de pronto pareció alterada. —Bien —dijo—. Una hora, una hora sola, ¿no es cierto? Como entonces, cuando estaba cantando la canción del viejo rey y tú viniste a mi cuarto... ¿eso es lo que quieres? Bueno, te concederé esa hora... ¡Oh, no, no! —exclamó de repente, como recordando algo—. ¡Vete, vete!... Corre, vete pronto, te digo... que corras mientras todavía puedes hacerlo. Una energía salvaje animaba su rostro. Yo no comprendía la razón que la hacía hablar de aquel modo, pero estaba tan hermosa que decidí quedarme, aun contra su voluntad. Cediendo por fin a mis ruegos, se sentó a mi lado, y, al empezar a hablar del pasado, me confesó que me había amado desde el primer momento en que me vio... A medida que ella hablaba, yo advertía con claridad cada vez mayor una extraña transformación en su persona. Ya no era aquella muchacha reservada, tímida, que se ruborizaba a cada momento, que yo había conocido. En sus movimientos, en el brillo de sus ojos, había algo de atrevido, algo de temeridad nada virginal, algo de provocativo... ¿Será posible —me decía yo— que Zdenka hace seis meses no

fuera la muchacha pura e inocente que yo creía? ¿Será posible que sólo haya fingido serlo por miedo al hermano? ¿Será posible que se burlara de mí con su simulada modestia? Pero entonces, ¿por qué me obligaba a irme? ¿O sería por un refinamiento de coquetería? ¡Y yo, que pretendía conocerla tal como era!... Pero ¿acaso no es la misma? Si Zdenka no es una Diana, como yo me imaginaba, sin embargo, seguramente puede compararse a alguna otra diosa, no menos hermosa, y por mi parte, por supuesto, prefiero el destino de Adonis al de Acteón. Si esta frase clásica que me dije para mis adentros les parece a ustedes fuera de lugar, mesdames, tengan la bondad de recordar que el caso que tengo el placer de relatarles ocurría en el año 1769. La mitología estaba entonces muy de moda, y yo no tenía la pretensión de adelantarme a mi siglo. Mucho se ha cambiado desde aquella época, y hace poco aún, la Revolución, al abolir las reminiscencias paganas junto con la religión, cristiana, puso en lugar de ambas cosas una nueva deidad, la Razón. El culto de esta deidad nunca me fue grato, pero en la época de que os estoy hablando, menos que en otra cualquiera, me sentía dispuesto a ofrecerle sacrificios. Sin violentarme, me entregué al sentimiento que me inspiraba Zdenka, y gustoso respondí a sus coqueterías... en un dulce olvido pasaron algunos minutos, durante los cuales me divertí, entre otras cosas, probándole a Zdenka ya una, ya otra de las preciosas chucherías que encontrara sobre su mesa; tuve también la idea de colgarle del cuello la crucecita esmaltada de la cual tuve oportunidad de hablaros. Apenas la levanté sobre su cabeza, Zdenka se apartó de mí, estremeciéndose. —Basta de tonterías, querido —me dijo—; deja esas fruslerías y hablemos de ti y de tus intenciones. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi la confusión de Zdenka me obligó a pensar a pesar mío. Mirándola más atentamente, advertí que ya no tenía en el cuello ni una sola de aquellas imágenes y talismanes que los servios acostumbraban a llevar desde el día de su nacimiento hasta la muerte. —Zdenka —le dije—. ¿Dónde están los santos iconos que llevabas al cuello? —Los perdí —me contestó con impaciencia, y en seguida desvió la conversación. En mi pecho se despertó una sensación molesta, como un presentimiento de desgracias. Resolví irme. Pero Zdenka me detuvo. —¿Cómo? —dijo—. ¿Me pedías una hora, y ahora quieres irte al cabo de estar conmigo unos minutos tan sólo? —Zdenka —contesté—, tenías razón al pedirme que me fuera; oigo ruido, y temo que nos vean juntos. —Tranquilízate, amigo mío, todo duerme a nuestro alrededor; sólo las cigarras en la hierba o alguna libélula en el aire pueden oír lo que quiero decirte. —No, no, Zdenka, tengo que irme... —Aguarda, aguarda —dijo Zdenka—, te amo más que a mi alma, más que a mi salvación; me dijiste que tu vida y tu sangre son mías. —¡Pero tu hermano, Zdenka... presiento que vendrá! —

Cálmate, corazón mío, mi hermano duerme acunado por el viento que susurra en las hojas de los árboles; su sueño es profundo, la noche es larga, ¡y yo sólo te pido una hora! Mientras así hablaba, Zdenka estaba tan hermosa que el temor involuntario que surgiera en mi alma comenzó a ceder ante mi deseo de quedarme con ella. Una mezcla de miedo y de dulzura inefable llenaba todo mi ser. A medida que mi voluntad se debilitaba, Zdenka se tornaba cada vez más tierna, de modo que decidí quedarme, pero estar alerta. Mas, ¡ay!, como ya dije, mi sensatez sólo me valía hasta cierto punto, y cuando Zdenka, al advertir mi reserva, me ofreció protegerme del frío nocturno con unos tragos de buen vino comprado, según ella, al ermitaño, consentí con una rapidez que la hizo sonreír. El vino no dejó de producir su efecto. Al tomar el segundo vaso, ya la impresión causada por el episodio de la crucecita y las imágenes se me borró por completo del espíritu. Zdenka, en su descuidado atavío, con sus rubias trenzas medio deshechas, con sus pulseras brillando a la luz de la luna, me pareció irresistiblemente hermosa. Ya no me pude contener y la apreté en mis brazos... Entonces, mesdames, se produjo una de aquellas misteriosas indicaciones cuya lógica explicación nunca logré hallar, pero en las cuales la experiencia acabó por obligarme a tener fe, aunque hasta aquel día yo no estaba nada dispuesto a aceptarlas. Abracé a Zdenka con una fuerza tal que, como consecuencia de mi movimiento, una de las extremidades de la cruz que acaban ustedes de ver y que me colgara la duquesa de Grammont el día de mi salida de París, se me clavó en el pecho. El dolor que sentí fue para mí como un rayo de luz que me hubiera iluminado de repente. Miré a Zdenka y vi que sus facciones, aún hermosas, estaban desfiguradas por la muerte; que sus ojos nada veían y que su sonrisa no era sino la contracción de la agnía en un rostro de muerto. Al mismo tiempo percibí en el cuarto un acre olor de sepulcro abierto. La horrenda verdad se me reveló en todo su horror y repulsión, y recordé, aunque demasiado tarde, las advertencias del ermitaño. Comprendía lo desesperado de mi situación y sentí que todo dependía sólo de mi valor y presencia de ánimo. Volví la cabeza de Zdenka para impedir que notara lo que, probablemente, expresaba mi rostro. Mi mirada sin querer se dirigió hacia la ventana, y vi al horripilante Gorsha que, apoyado en una estaca ensangrentada, me miraba con ojos de hierro. Junto a la otra ventana estaba Jorge, que en aquel instante tenía un monstruoso parecido con su padre. Ambos, al parecer, seguían todos mis gestos y era evidente que se echarían sobre mí en cuanto hiciera el primer movimiento para escapar. Simulé, pues, no haberlos advertido, y tuve bastante fuerza de voluntad para seguir acariciando a Zdenka, como si nada hubiera pasado, aunque al mismo tiempo no hacía sino pensar cómo podría salvarme. Vi cómo

Gorsha y Jorge cambiaban miradas con Zdenka y comenzaban a impacientarse. Al mismo tiempo, en el jardín oí una voz de mujer y el llanto de unos niños, pero eran tan horribles que se les habría podido tomar por aullidos de gatos salvajes. El vampiro Alexei Konstantinovich Tolstoi – es tiempo de largarse – me dije –; y cuanto antes, mejor. Y, dirigiéndome a Zdenka, le hablé en voz alta, para que sus horribles parientes pudieran oírme: –Me siento cansado, querida; quisiera acostarme y dormir unas horas, pero es preciso primero echar de comer a mi caballo. Te ruego que no te vayas y que me esperes aquí, ¿quieres? Rocé con mis labios los suyos, fríos y pálidos, y salí. Encontré mi caballo cubierto de espuma, tratando de zafarse de debajo de la techumbre. El relincho que lanzó al verme me heló la sangre en las venas, porque temí que me traicionase. Pero los vampiros, que habían oído, por supuesto, mi conversación con Zdenka, no se movían de sus puestos. Entonces yo, después de haberme cerciorado de que la puerta que daba a la calle estaba abierta, salté rápidamente sobre la silla y espoleé al instante los ijares del animal. Al salir por la puerta, apenas si tuve tiempo de observar que la turba reunida alrededor de la casa, de pie, con los rostros pegados a los vidrios, era bastante numerosa. Supongo que mi repentina partida les asombró, porque en los primeros minutos que siguieron no oí en el silencio de la noche sino el monótono galope de mi caballo que corría a toda velocidad. Estaba ya a punto de felicitarme por el feliz desenlace de la aventura, cuando de pronto oí detrás de mí un ruido semejante al bramido del huracán entre las montañas. Miles de voces gemían, aullaban y parecían discutir entre sí. Luego, todo calló de repente, y sólo se oyó un ruido rítmico, cual el de una carga de infantería. Yo seguía espoleando a mi caballo hasta desgarrarle la piel de los ijares. Mis venas estaban a punto de estallar por el fuego febril que me consumía, y cuando todas mis fuerzas estaban dirigidas al supremo esfuerzo de conservar todavía una cierta presencia de ánimo, oí a mis espaldas una voz que clamaba: –¡Espera, espérame, querido! ¡Te amo más que a mi alma, más que a mi salvación! ¡Espera, espérame, que tu sangre me pertenece! En el mismo instante, un aliento frío rozó mis orejas, y Zdenka saltó en ancas de mi caballo. –¡Mi corazón, alma mía! –me decía–. ¡No veo más que a ti, no quiero a nadie sino a ti! ¡Nada puedo hacer, pues obedezco a un poder superior; perdóname, querido, perdóname! Y, enlazándome con sus brazos, intentaba hacerme caer de espaldas y morderme el cuello. Se entabló entre nosotros una lucha terrible. Durante largo rato me defendía con dificultad, pero, por fin, juntando todas mis fuerzas, agarré a Zdenka con una mano por la cintura y por las trenzas con la otra y, afianzándome en los estribos, la arrojé al suelo. En cuanto hice esto, me abandonaron las fuerzas y fui presa del delirio.

Miles de apariciones locas y horribles me perseguían amenazándome. Jorge y su hermano Pedro corrían por ambos lados de la carretera, tratando de cortarme el camino. No conseguían hacerlo y ya empezaba a congratularme de ello, cuando al darme vuelta, vi al viejo Gorsha que, apoyándose en la estaca, daba con su ayuda unos saltos inverosímiles, semejantes a los que dan los tirolese para saltar sobre los precipicios. Pero también Gorsha quedó atrás. Entonces su nuera, que arrastraba en pos de sí a sus dos hijos, le arrojó a uno de ellos, y él lo cogió con la punta de su estaca. Zarandeándolo como una piedra, con todas sus fuerzas me arrojó al niño. Esquivé el golpe, pero el niño, con la feroz tenacidad de un perro de presa, se agarró al cuello de mi caballo, y a duras penas logré arrancarlo y tirarlo al suelo. Gorsha lanzó al otro niño, pero éste cayó bajo los cascos del caballo, que lo aplastó inmediatamente. No sé qué ocurrió después, pero cuando recobré el conocimiento ya era de día, y yo yacía junto a la carretera, mientras que a mi lado moría mi caballo. Así terminó, mesdames, esta mi aventura amorosa, que hubiera debido, al parecer, quitarme para siempre las ganas de buscar otras nuevas. Algunas de vuestras abuelas que aún viven, podrán darles fe de hasta qué punto, en realidad, me hice más sensato con el correr del tiempo. Sea como fuere, hasta hoy siento un estremecimiento ante la idea de que si yo hubiera caído entonces en poder de los vampiros, me habría convertido a mi vez en vampiro; pero la Providencia no lo permitió, y yo, mesdames, no sólo no ansío vuestra sangre, sino que estoy dispuesto a dar por ustedes hasta la última gota de la mía.